



**REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO POR MEIO DA NARRATIVA:
EPISTEMOLOGIAS DA LINGUAGEM E DO SABER URBANO**

TOMO 2

Aline Cristina Gomes da Costa

São José dos Campos - SP

2022

Aline Cristina Gomes da Costa

**REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO POR MEIO DA NARRATIVA:
EPISTEMOLOGIAS DA LINGUAGEM E DO SABER URBANO**

TOMO 2



Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale Paraíba, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Doutora em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ribeiro
Moreira Neto
Co-orientadora: Profa. Dra. Valéria
R. Zanetti

São José dos Campos – SP

2022

ALINE CRISTINA GOMES DA COSTA

**REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO POR MEIO DA NARRATIVA:
EPISTEMOLOGIAS DA LINGUAGEM E DO SABER URBANO**

TOMO 2

Tese de Doutorado para ser aprovada como requisito à obtenção do grau de Doutora em Planejamento Urbano e Regional, do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, pela seguinte banca examinadora:

Presidenta: Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Papali (Univap)

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ribeiro Moreira Neto (Univap)

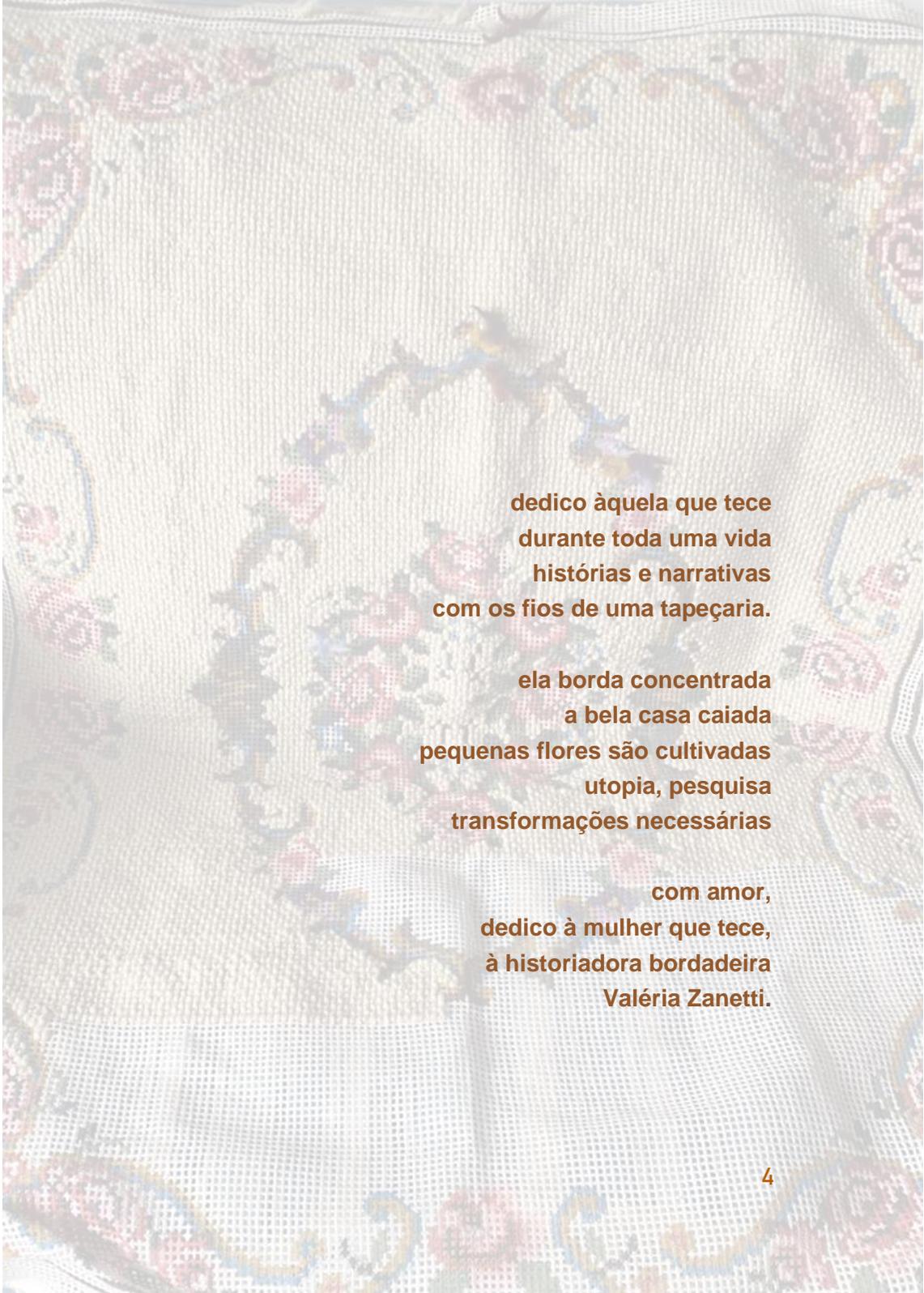
Coorientadora: Profa. Dra. Valéria Regina Zanetti (Univap)

Membra Interna: Profa. Dra. Cilene Gomes (Univap)

Membra Externa: Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira (UFMA)

Membro Externo:

3 São José dos Campos, 28 de outubro de 2022.



**dedico àquela que tece
durante toda uma vida
histórias e narrativas
com os fios de uma tapeçaria.**

**ela borda concentrada
a bela casa caiada
pequenas flores são cultivadas
utopia, pesquisa
transformações necessárias**

**com amor,
dedico à mulher que tece,
à historiadora bordadeira
Valéria Zanetti.**

4

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que não se vive só
Somos construção e reconstrução de uma história
Única e particular memória
Que tem poder de transcender
Avançar temporalmente
Em cada contexto e meio ambiente
A fim, de certa forma, permanecer

Agradecer é reconhecer o ecossistema
Que é muito mais do que um saber como teorema
É compreender que existe um dilema
Que o simples também é complexo
Que a busca por perfeição na vida não tem nexos
Que há regras que precisam ser desfeitas
E sempre há o que aprender

Agradecer é reconhecer
Que somos um pouquinho de muita gente
Com processos e trajetórias diferentes
Que semeiam em nós, um alvorecer

Agradecer é reconhecer
Que mesmo no embate
Nas ruínas de uma perseguição
Há que se ressurgir entre as rochas
Uma flor afrontosa
Que se destaca em meio a destruição

Agradecer é reconhecer
Que a flor apesar de pequenina
Não cresce e se movimenta sozinha
Há lágrimas que já abasteceram a mina
Que a regou de baixo para cima

Agradecer é reconhecer
Que a flor enraíza esperança

Que com o vento ela balança
Balança, se cansa mas não se derrama
Seu pólen há de semear em abundância!

Agradecer é reconhecer
Que foi durante uma pandemia
Que sentiu-se parte da academia
Em uma luta diária, armada com palavras
Contra uma realidade autoritária
Que ameaça à democracia

Agradecer é reconhecer
Que a vida é desafiadora
Porém, não podemos perecer
Diante de uma educação que seja emancipadora
A mudança há de acontecer!

Agradecer é reconhecer
As pequenas fagulhas de euforia
Que fazem brilhar o olhar
Em ritmo de alegoria
Com traços a encantar
Passo a passo para trilhar com sabedoria

Agradecer é reconhecer
Que a vida fica mais leve
Quando a caminhada é partilhada
Mesmo que de forma breve,
O amor pode encontrar morada

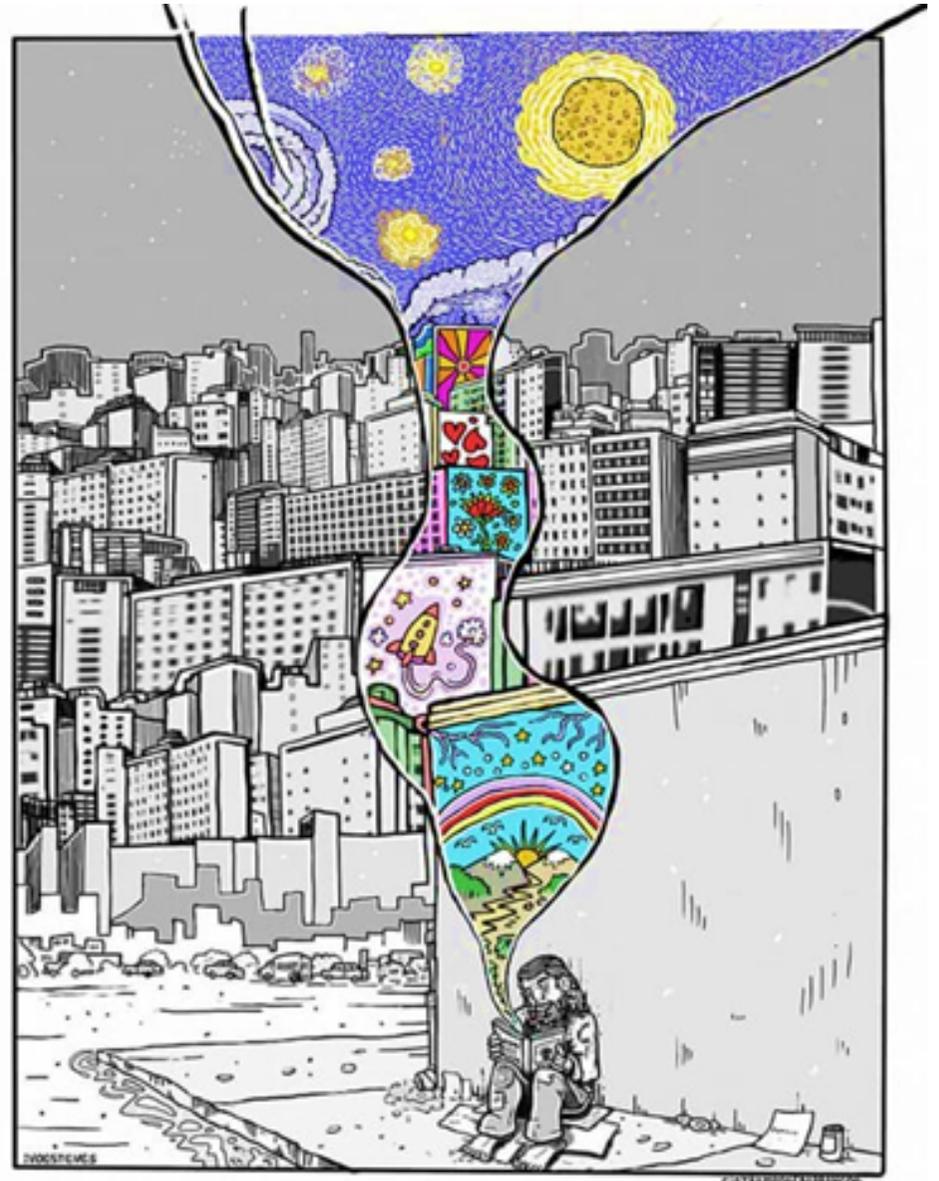
Agradecer é reconhecer
A necessidade de se conhecer
E permitir se reescrever
A cada novo amanhecer
Agradecer é reconhecer...

Agradeço e reconhecimento:

Alana Agatha Gomes da Costa
Teresa Caroline da Rosa Andrade
Ana Rosa Gomes Costa
Júlio César Costa
Maria de Lourdes da Costa
Zilda Gomes da Costa
Luzia Gomes da Rosa
Bianca Stephanie Costa Sant'ana
Bianca Siqueira Martins Domingos
Cláudia Maria de Moraes Santos
Mariana Parzewski
Maria Helena Alves da Silva
Débora Wilza de Oliveira Guedes
Raquel Henrique
Psicóloga Fabiana Andrade
Melissa Romão Gomes
Loyana da Cunha
Ana Beatriz Jardim Alves
Elane Lopes Silva
Maria Clara Moreira da Silva
ICNO Athis
Mariana Cicuto Barros
Turma de Ginástica Poliesportivo São Judas
Turma de Ritmos Poliesportivo São Judas
Babalú | Thica | Ursa
Shigwa | Sagwa

Prof Pedro Ribeiro Moreira Neto
Profa Valéria Regina Zanetti
Profa Cilene Gomes
Profa Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali
Profa Maria Regina Aquino
Profa Sandra Maria Fonseca da Costa
Profa Adriane Aparecida Moreira de Souza
Profa Maria Angélica Toniolo
Prof Fábio de Almeida
Profa Lidiane Maria Maciel
Profa Fabiana Félix do Amaral
Prof Mário Valério Filho
Profa Rita de Cássia Oliveira
Prof Marco Villarta Neder
Prof Antonio Carlos Gaeta
Prof Jorge Bassani
Prof Euler Sandeville Junior
Bibliotecária Rúbia Gravito
Fisioterapia Rafaela Passari
Fisioterapia Lívia Campos

UNIVAP | CAPES



Filozé – Leitura
Publicado em 20/01/2018
Instagram @ciatramposebarrancos

SUMÁRIO-TOMO 2

Nota	12
Apresentação.....	13
Prefácio	21
PERAMBULAÇÕES DO FLÂNEUR PIERRE RUISSEAU.....	24
1. O espectro da cidade medieval.....	26
2. Paris: memórias vividas e emprestadas: experiências de guerra	34
3. Industrialização, arquitetura, artes e ofícios	45
4. Vive-se Paris, sonha-se Brasil	59
5. Roda da Fortuna: Paris entregue a um jogo de sorte	69
6. A bússola e os mistérios da família Ruisseau	81
7. A luz no fim do túnel: uma propaganda de oportunidade.....	85
8. Breve passagem por Antuérpia e o Vapor Challenger	96
9. De <i>flâneur</i> à um imigrante fugitivo em Santos	109
10. Percursos Tropeiros: do porto ao planalto paulista: Serra de Bertioga..	124
.....	124
11. Taubaté rural e o café: Fazenda Paraíso	134
Referências Bibliográficas	155

NOTA

Comunico para você, leitora (leitor), que esta tese apresenta uma proposta não convencional de escrita para o campo do Planejamento Urbano e Regional. Contudo, respeita a estrutura acadêmica segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Você deve estar se perguntando, “como isso é possível?”

Pois bem, é o que explicarei nesta nota.

Para começar, você precisa saber que este trabalho é composto por dois Tomos: Tomo 1, seguindo a estrutura acadêmica de uma Tese (apresentando o Referencial Teórico, Metodologia, Análise e Discussão) e, Tomo 2, com a proposta de um ensaio para construção de uma narrativa, enquadrada no tipo “romance histórico de aventura”, abordando aspectos discutidos no “Tomo 1” de forma diferenciada, cuja diagramação não levará em conta as normas da Abnt. Esta configuração te permite escolher por onde iniciar a sua leitura. Portanto, fique à vontade, para quando terminar esta nota, trocar a ordem da sua experiência, independentemente de qual Tomo esteja lendo agora.

Outra questão importante a se mencionar aqui é que este trabalho é continuidade de um estudo que se iniciou no período do mestrado, com título “Experimentação narrativa entre o Velho e o Novo Mundo: espaço e identidade no século XIX”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, no ano de 2018.

A dissertação de mestrado, como o próprio título indica, foi uma “experimentação” acerca de um novo modelo de escrita, porém, não se tinha ainda, a liberdade para eximir o rigor acadêmico desta proposta (fato que será explicado na seção de Apresentação, devido algumas particularidades da vida pessoal da autora).

Com a “licença poética” de Clóvis Ultramarini, em seu livro Como não fazer uma tese, segue-se o pressuposto de que escrever uma tese é divertido (ULTRAMARI, 2016a), cujo desdobramento vem mostrar uma escrita menos tecnicista e constitui o processo de pesquisa e aprendizagem que uma jovem arquiteta e urbanista teve para compreender e produzir ciência.

APRESENTAÇÃO

Caminhar é sentir o clima, é perceber os acontecimentos, é compreender os espaços e escrever histórias. A cada passo, escolhas são feitas para que novos caminhos sejam conhecidos e desenhados. Dessa maneira, apresento aqui, os caminhos que percorri, porque seria impossível distinguir as motivações para a escolha do tema e da abordagem desta tese das minhas experiências pessoais de vida e trajetória acadêmica como pesquisadora até o momento.

Iniciei meu contato com o universo escolar em escolas públicas e periféricas da cidade de São José dos Campos. Após a conclusão do ensino médio, participei durante um ano do curso pré-vestibular beneficente Casd¹. Vest o que, por sua vez, contribuiu para que eu fosse a primeira da minha família paterna a acessar o ensino superior, graças à bolsa integral conquistada pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI) no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Paraíba (Univap).

Durante a graduação fui construída e desconstruída em vários momentos, adquiri consciência de classe e comecei a perceber a dinâmica urbana em meus trajetos, mas ainda não compreendia que eu também fazia parte da construção simbólica e física dos espaços na cidade². Tive o contato com um novo universo neste período. Realizei estágio no Parque Vicentina Aranha e comecei a me aproximar do meu atual objeto de estudo: a cidade e a questão da identidade. Fui instigada pelo espaço para compreender a história através de sua arquitetura e paisagem.

Concomitante a isto, outro parque se apresentou para mim a partir da disciplina de paisagismo. Trata-se do Parque Municipal Vale do Itaim, localizado na cidade vizinha Taubaté, cuja experiência enveredou-se na escolha do local como tema de trabalho de conclusão de curso³. As diferenças na paisagem urbana, a identidade e o sentimento de pertencimento dos cidadãos taubateanos me fizeram questionar ainda mais sobre o conhecimento que eu tinha da minha cidade natal e quais eram os

1 Casd: Curso Alberto Santos Dumont.

2 Michel de Certeau (2014) menciona que o espaço urbano pode ser construído de acordo com as astúcias do caminhante no ato de caminhar. Este conceito será trabalhado mais adiante, mas como exemplo prático dessa ação, há os caminhos de grama pisada que marcam o trajeto cotidiano de caminhantes que encurtam seus caminhos e ditam uma nova configuração espacial.

3 Título da monografia: “Requalificação do Parque Municipal Vale do Itaim – Taubaté-SP”. Este trabalho foi apresentado ao ecólogo professor doutor da Universidade de Taubaté (UNITAU) Ademir Fernando Morelli, que levou o trabalho para ser apresentado na secretaria de meio ambiente e na secretaria de cultura do município, como um complemento do trabalho que ele já desenvolvia a respeito e contribuiu para tornar o parque em uma unidade de conservação ambiental. Hoje o parque é reconhecido como Parque Natural Municipal Vale do Itaim.

meus laços afetivos com este lugar.

Percebe-se o orgulho do cidadão taubateano em contar suas virtudes históricas, tais como a cidade ser conhecida como capital nacional da literatura infantil, ser lembrada pelas histórias de Monteiro Lobato, ser terra dos barões do café e, ser palco do ícone do cinema, Amácio Mazzaroppi. A respeito de São José dos Campos, o imaginário que predominava em minhas percepções socioespaciais estava mais conectado ao setor aeroespacial.

Tais questionamentos e curiosidades, aliados à minha disposição às experiências extensionistas⁴, foram fundamentais na decisão de seguir com o mestrado acadêmico em Planejamento Urbano e Regional, pelo qual participei do processo seletivo e fui contemplada com uma bolsa Capes, que me possibilitou dar continuidade nos estudos. Ter aulas com professores de diversas formações além da arquitetura e urbanismo, tais como história, sociologia, geografia, medicina, agronomia, engenharia ambiental e antropologia, me permitiram compreender melhor e ampliar o meu olhar para as vivências urbanas nas cidades ao longo da história.

Apreendi durante as disciplinas que os conceitos não são fechados e pré-determinados, que cada região tem uma particularidade social, espacial, econômica e cultural, assim como essas particularidades podem ser fragmentadas nas diversas escalas e microescalas do território. Como por exemplo, as diversas acepções existentes a respeito do conceito de espaço.

Milton Santos e Henri Lefebvre afirmam que o espaço é socialmente construído; Michel de Certeau diz que o jogo dos passos moldam espaços; Walter Benjamin apresenta o flâneur, para desvendar a cidade a partir da experiência caminhante e das sutilezas socioespaciais; Maurice Halbwachs relaciona o espaço com memória coletiva e identidade, onde o sujeito é capaz de transformar o espaço e transformar-se a si mesmo dentro desse espaço e; por fim, Ítalo Calvino estimula uma variedade de interpretações sobre o espaço das cidades a partir de suas produções literárias entusiasmantes. Temos portanto, com base nesses autores, que o espaço existe devido a relação, a intencionalidade e a necessidade de coexistirmos em um lugar, física e simbolicamente.

Estes autores se debruçaram sobre a cidade e apresentaram outras percepções e formas e comunicar o conhecimento adquirido com suas experiências, além da objetividade acadêmica. Mais do que aprender a compreender essas relações, encontrar formas mais acessíveis de interpretação para aproximar o público leigo das discussões sobre Planejamento Urbano e Regional, começou a se tornar uma meta,

4 Durante a graduação busquei participar de todas as extensões universitárias existentes na instituição de ensino, tais como o Estágio Universitário Aeromóvel (2011); entrevista sobre Mobilidade Urbana para a edição especial de aniversário da cidade de São José dos Campos do Vale Paraibano (2013) e; como voluntária na Operação Bororos – MT, pelo Projeto Rondon (2015).

porque cada pessoa que compõe a sociedade tem suas próprias experiências na cidade e possuem por si, uma força de transformação, que pode ser evidenciada pelo acesso à informação.

Assim como eu tive a oportunidade de refletir e compreender mais sobre os processos físicos e simbólicos que me cercam na constituição de espaços e paisagens dentro do ambiente acadêmico, pretendo dar continuidade nesse processo de aprendizagem com uma linguagem mais acessível às pessoas que não são da área, que trilharam caminhos diferentes dos meus dentro da universidade ou que não tiveram o ensejo de ingressar no ensino superior.

Nesse sentido, busco compreender mais sobre as relações entre as identidades e as dinâmicas urbanas nas cidades a partir da pesquisa em andamento⁵, ao mesmo tempo, que experimento uma nova forma de produzir ciência, a fim de ampliar o conhecimento adquirido e que está em constante construção para demais áreas de pesquisas e sociedade de modo geral.

Esta nova forma de produzir ciência neste campo de pesquisa considera a interdisciplinaridade na transferência de ideias com o campo das Letras, por meio de análise e construção metodológica que inclui a literatura histórica e ficcional. Tal abordagem representa para Ultramarini (2016b) um vazio investigativo que precisa ser explorado por arquitetas (os) e urbanistas e demais profissionais e pesquisadores que tem a “cidade” como principal objeto de estudo.

Inspirada nas literaturas de Ítalo Calvino, principalmente acerca dos livros “As cidades invisíveis” e “Marcovaldo”, escolhi tecer elementos para a discussão acadêmica com base na construção de uma narrativa autoral que valorize as experiências cotidianas e instigue um olhar crítico sobre o espaço das cidades, conhecendo as contradições urbanas, os conflitos sociais e o reflexo na mudança das paisagens dos lugares em diferentes tempos históricos. A escolha da escrita de uma narrativa, se deve à sua capacidade de configurar e reconfigurar uma série de episódios de forma criativa e coerente no contexto de uma história (RICOEUR, 1994).

Desde o início do mestrado, as cidades paulistas de São José dos Campos (minha cidade natal) e Taubaté (cidade orientadora dos questionamentos sobre a minha identidade) foram a inspiração para a escolha da análise central deste trabalho, que envolve as relações de identidade (e/ou identificação) e o espaço urbano. Quanto mais eu lia e discutia em sala de aula⁶ sobre os processos urbanos no Brasil e no Mundo mais me questionava sobre o meu entorno e sobre a minha região.

A fim de realizar uma compreensão mais aprofundada sobre a evolução urba-

5 “em andamento” porque tal pesquisa já se tornou um projeto de vida, cujo interesse em dar continuidade nos estudos, aprender, atualizar e refletir será constante.

6 Me refiro aqui aos créditos de disciplinas obrigatórias e optativas do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba.

na dos municípios que me nortearam para a pesquisa acadêmica, senti a necessidade de retornar para um tempo mais remoto, início do século XIX, e em outro continente, europeu, para entender algumas influências urbanísticas que foram e ainda são muito consideradas na composição estética dessas cidades e de outras cidades brasileiras. Como realidade desse processo, confesso uma certa ingenuidade em pressupor que conseguiria dar conta de um tema tão vasto ainda no período do mestrado (que nos permite descobrir o mundo acadêmico e produzir uma dissertação em apenas dois anos).

Afirmo aqui a minha dificuldade de me reconhecer como pesquisadora neste momento, pois apesar de ter passado pela graduação de arquitetura e urbanismo, tive contato com textos mais densos e complexos apenas quando ingressei no Programa de Pós-Graduação. A narrativa portanto, surgiu como forma de diálogo possível entre a investigação histórica, análise e compreensão das dinâmicas urbanas, cuja pesquisa foi apresentada, sob o título “Experimentação narrativa entre o Velho e o Novo Mundo: espaço e identidade no século XIX”.

O protagonista da história é o personagem fictício Pierre Ruisseau, parisiense nascido em 1840, filho de cartógrafo, que se encanta e produz “mapas” que traduzem as sutilezas do cotidiano e da experiência socioespacial de forma afetiva e simbólica. Pierre é a minha conexão com meu objeto de estudo. Além disso, é ao mesmo tempo, objeto e sujeito da objetivação, aquele que permite conduzir o olhar de quem lê, para interpretações diversas a respeito do modelo de espaço e de paisagem que existe em todo o seu próprio acervo mental.

Ao investir as pesquisas em pulsões pessoais, ligadas a história, é possível ter uma pequena chance de conhecer os limites da sua própria visão⁷. Com isso, busco com o olhar simbólico abordar o objeto de pesquisa e dilatar os limites do meu próprio eu como pesquisadora, atuando na contribuição de um trabalho que discute identidade, memória e espaço urbano para a academia, para mim e para a sociedade de modo geral.

Destaca-se que, apesar da continuidade na proposta de pesquisa - do mestrado para o doutorado -, este trabalho passou por modificações consideráveis em seu referencial teórico, metodologia e exposição dos acontecimentos no enredo. Tais modificações serão explicadas brevemente aqui, para situar, principalmente, quem teve contato com o material desenvolvido na dissertação.

Sobre o aspecto teórico, a pesquisa durante o mestrado se concentrou em compreender as relações socioespaciais e as questões de identidade no contexto histórico das cidades abordadas, perpassando por conceitos de “espaço”, “lugar”, “paisagem”, “identidade” e “memória”. Já no doutorado, a questão da “narrativa” ganhou destaque central para a compreensão de uma proposta interdisciplinar entre áreas de estudo do campo das Letras e do Planejamento Urbano e Regional, envolvendo as

7 Bourdieu, 1987.

temáticas Literatura e Cidade.

A respeito do aspecto metodológico, quando se escolheu escrever uma narrativa, inspirada na escrita de Ítalo Calvino, iniciou-se uma pesquisa a respeito da semiótica francesa, cujo método do campo da linguística, acreditou-se ser metodologia durante o mestrado. Por ser um assunto novo em nossa área de pesquisa, orientanda e orientadores realizaram uma imersão no tema, mas com certo cuidado conceitual. Foi durante o doutorado que tivemos contato com as produções de Paul Ricoeur e percebemos ser a semiótica, uma ferramenta para auxiliar no tipo de escrita a que se propõe, mas não uma metodologia que pode ser aplicada em nossa área de estudo.

Nesse sentido, a metodologia exposta aqui consiste em dois aspectos fundamentais, sendo o primeiro a dialética entre a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur com a tríade socioespacial de Henri Lefebvre e; o segundo aspecto, as cartografias afetivas como síntese de uma representação possível, com base nas relações sociais e urbanas.

Outra modificação importante refere-se à estrutura da escrita da narrativa, que se descobriu ganhar corpo para um “romance histórico de aventura” a partir de um curso realizado pelo Museu de Imagem e Som (MIS), sobre Escrita Criativa⁸. Os dois capítulos iniciados no mestrado se transformaram em nove e ganharam mais carga histórica ficcional. Essa informação é relevante, porque aprendi a escrever de fato, de forma acadêmica e não literária, mas o acesso a literaturas ficcionais e outras propostas pedagógicas durante as disciplinas do Programa de Pós-Graduação facilitaram a compreensão dos assuntos abordados e me divertiram durante o processo de aprendizado.

Além das mudanças teóricas e metodológicas ao longo da pesquisa, apresento também uma autocrítica corrente nesses cenários, que descobri a partir do contato com a questão da “decolonialidade”. Apesar do esforço investido para entendimento sobre a temática e interesse em trazê-la para o desenvolvimento desta tese, não será possível abrir mais esse leque de discussões. Porém, entende-se que este assunto é apresentado de maneira intrínseca e subjetiva ao longo da narrativa, porque parte do desenvolvimento intelectual de uma mulher, brasileira e latino-americana. Portanto, deixo o tema para ser trabalhado em futuras publicações decorrentes da tese e para novas (os) pesquisadoras (es) que decidam percorrer esses caminhos.

No que diz respeito a autocrítica, é importante contextualizar brevemente o cenário que estamos vivendo desde início de 2020 até o presente momento: a pandemia mundial de covid-19.

A pandemia de covid-19 (ou coronavírus) tem sido avassaladora, com mais de

8 O curso realizado no Museu de Imagem e Som aconteceu de forma remota durante o mês de fevereiro de 2021, com título “Escrita Criativa: criando histórias a partir da memória”, ministrada pelo professor jornalista e fotógrafo Diego Andrade.

5 milhões de falecidos no mundo, mais de 600 mil no Brasil⁹ e algumas variantes em circulação. Essa situação fez com que o isolamento social, a utilização de máscaras e álcool em gel para limpeza pessoal fossem as medidas mais eficazes contra a propagação da doença até final de 2020 (nos países mais desenvolvidos) e início de 2021 (no Brasil), quando começou a vacinação em massa. Concomitante a isso, vivemos crises políticas diárias e uma série de instabilidades em todas as esferas do governo.

Comentar sobre a pandemia é importante, porque tivemos que mudar drasticamente nossas relações sociais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das pesquisas científicas. Para quem pôde, trabalhou de forma remota e evitou ao máximo o contato com pessoas. Em um momento que vemos nossa democracia colapsada, com um presidente da república autoritário, rodeado de aliados disseminadores de notícias falsas e que contribuem com práticas negacionistas contra os direitos humanos e a produção científica; ficamos impossibilitados de nos aglomerar e nos manifestar. Viver realizando pesquisa e seguir no ambiente acadêmico tem sido um grande desafio.

Nesse sentido, para manter minha saúde mental e me sentir útil para a sociedade, comeci a utilizar das principais armas que aprendi a manusear: a pesquisa e a educação. Me vesti de esperança e me uni a pessoas com consciência transformadora, que ajudaram a manter viva uma utopia que acredita em dias melhores. Já mencionei essas pessoas na seção de “Agradecimentos”, mas recupero aqui alguns nomes: Bianca, Valéria, Pedro e Cilene. Em especial, a Bianca, doutoranda do mesmo Programa de Pós-Graduação, cuja pesquisa tem como enfoque a questão do direito à cidade, da decolonialidade e da arte urbana insurgente. Aprendi a me sentir pesquisadora com essas pessoas e compartilhar nossas pesquisas tem sido fundamental. Produzimos ciência, publicamos artigos, apresentamos em eventos e estamos contribuindo para a escrita da nossa história contemporânea, como forma de protesto e manifestação social.

Paralelo a toda essa reflexão do momento, percebi que algumas inquietações com meu protagonista da narrativa faziam sentido. Pierre, homem branco, europeu, com um olhar edênico sobre o Brasil, vive conflitos pessoais com sua família e com a sua cidade natal no século XIX, que estava sendo descaracterizada pelas reformas haussmanianas. Como o objetivo desta produção literária é trabalhar ao máximo com o verossímil - baseada em documentos e iconografia -, dado o contexto do personagem, dificilmente uma mulher conseguiria ser uma flâneuse, devido as situações que envolviam uma sociedade ainda mais patriarcal do que nos dias de hoje. Há o interesse em compreender o papel dos movimentos e manifestações feministas na história do urbanismo brasileiro que continuam atualmente em busca de justiça social e equidade de gênero, porém, não será possível desenvolver este assunto nessa tese.

9 Para ser mais exata, no dia 02 de dezembro de 2021, o total de falecidos por covid-19 no mundo era de 5,22 milhões e, no Brasil, 615 mil.

Outra inquietação refere-se à percepção da estrutura colonizadora presente em minha trajetória de vida, que de acordo com Enrique Dussel (1993), tal estrutura nos faz pensar e agir como um “si-mesmo” europeu e não, como o “outro” que realmente somos, um “outro” diverso e multicultural. Para compreender isso, Dussel (1993) comenta que, “mesmo contra a vontade de O’Gorman” (p. 35), o autor apresenta “uma tese completamente eurocêntrica¹⁰” (p. 32) e “real enquanto fato histórico de dominação” (p. 35), que entende a América como “possibilidade de atualizar em si mesma essa forma do devir humano” (DUSSEL, 1993, p.32).

A partir desse ideal eurocentrista, a América “não é descoberta como algo que resiste distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado ‘o si-mesmo’” (IDEM, p. 35), ou seja, a América foi “encoberta” e “inventada à imagem e semelhança da Europa” (IDEM, p.32). Temos, portanto, que a “colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo ‘europeu’ de ‘modernização’, de civilização, de ‘subsumir’ (ou alienar) o Outro como ‘si-mesmo’” (IDEM, p. 50), que resultou em uma “práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica (...), do domínio dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc” (IDEM).

Tanto Dussel (1993) quanto Aníbal Quijano (2009), comentam que a Europa se coloca como centro mundial a partir do descobrimento / “encobrimento” (DUSSEL, 1993) das Américas e se impõe “no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade” (QUIJANO, 2009, p. 74). Destaca-se aqui, a afirmação de Quijano (2009) de que o “eurocentrismo não é exclusivamente (...) a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob a sua hegemonia” (QUIJANO, 2009, p.74). Trata-se, segundo o autor, “da perspectiva cognitiva durante o longo tempo do conjunto do mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder” (IDEM, p. 75).

É exatamente essa naturalização da visão eurocêntrica no conjunto dos educados sob a sua hegemonia que eu me vi refém desse pensamento por muito tempo, pois cresci em uma sociedade que ainda repercute esses ideais de forma inconsciente. Foi apenas no doutorado que percebi essa influência, a partir das escolhas e caminhos que ia seguindo para desvendar o meu objeto de pesquisa, cuja narrativa mostra a criação de um personagem europeu (meu eu inconsciente nessa estrutura colonial) que viaja para o Brasil para o reconhecimento desse olhar do outro (que representa meu outro eu consciente da estrutura colonial e que busca descolonizar o próprio saber na apresentação de situações que incentivem a essa reflexão). Por

10 Dussel afirma que “o fato de existir ou não América Latina, África ou Ásia não tem nenhuma importância para o filósofo de Frankfurt! Ele propõe uma definição exclusivamente “intra-européia” da Modernidade – por isso é autocentrada, eurocêntrica, onde a “particularidade” europeia se identifica com a “universalidade” mundial sem ter consciência da referida passagem” (DUSSEL, 1993, p. 35).

isso a narrativa tem duas partes, porque sou eu em dois momentos diferentes de consciência.

A partir dessa autocrítica, percebe-se o quanto essa pesquisa tem me provocado pessoalmente e academicamente, cuja segunda parte da narrativa representa um desafio particular de abordagem que não se finda por aqui, porque pretende-se entender e discutir a respeito de crenças no entorno de uma vida inteira que estão em processo de desconstrução, além das descobertas inerentes ao tema central que procura estabelecer uma relação entre o sujeito, a sociedade, a linguagem, a identidade e a produção social do espaço urbano.

Portanto, esse trabalho visa refletir e provocar reflexões sobre os processos de subjetivação na produção de sentidos e significações por meio da junção e interpretação de diferentes campos do conhecimento, colaborando na construção da hipótese de que o espaço, que é socialmente construído, está carregado de subjetividade e o que cada sujeito elabora sobre o conceito de espaço, nada mais é, do que a representação e o conhecimento que se tem sobre ele.

A partir dessa autocrítica, percebe-se o quanto essa pesquisa tem me provocado pessoalmente e academicamente, cuja segunda parte da narrativa representa um desafio particular de abordagem que não se finda por aqui, porque pretende-se entender e discutir a respeito de crenças no entorno de uma vida inteira que estão em processo de desconstrução, além das descobertas inerentes ao tema central que procura estabelecer uma relação entre o sujeito, a sociedade, a linguagem, a identidade e a produção social do espaço urbano.

Portanto, esse trabalho visa refletir e provocar reflexões sobre os processos de subjetivação na produção de sentidos e significações por meio da junção e interpretação de diferentes campos do conhecimento, colaborando na construção da hipótese de que o espaço, que é socialmente construído, está carregado de subjetividade e o que cada sujeito elabora sobre o conceito de espaço, nada mais é, do que a representação e o conhecimento que se tem sobre ele.

PREFÁCIO

Essa pesquisa é fruto de um exercício contínuo de busca por compreensão e sentido da vida a partir das percepções e vivências socioespaciais, que se iniciaram pelo acesso à educação superior no curso de arquitetura e urbanismo (2011-2016) e se enveredou pelo ambiente acadêmico durante o mestrado (2016-2018) e doutorado (2018-2022). Diante a este contexto, verificou-se a necessidade de buscar novas formas de refletir e produzir conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas, principalmente no que se refere ao campo do Planejamento Urbano e Regional, porque entende-se que as cidades são concebidas, percebidas e vividas por diferentes pessoas, de diferentes classes sociais e níveis educacionais e precisamos aprender a “traduzir” a linguagem acadêmica de forma a garantir uma democratização do conhecimento e reconhecimento das representações sociais na construção das cidades.

Nesse sentido, considera-se que a cidade é como um texto, que pode ser escrito e interpretado de diversas maneiras, o que, por sua vez, marca a subjetividade que abarca as representações conceituais que cada pessoa pode ter sobre os significados de espaço que circundam as suas memórias e experiências cotidianas. Para isso, propõe-se desenvolver uma narrativa literária autoral para apresentar as dinâmicas urbanas e as transformações socioespaciais ocorridas a partir da segunda metade do século XIX, a fim de estabelecer uma aproximação do campo técnico com o simbólico e do público leigo aos debates na área do Planejamento Urbano e Regional.

Como metodologia, optou-se pela hermenêutica de Paul Ricoeur que aproxima a composição da intriga com o viver humano, marcando o texto como um mediador entre autor e leitor. Para compreender as dinâmicas urbanas contemporâneas, foi preciso retomar a história em outros tempos e continentes. Portanto, é importante mencionar como a construção da tese até o momento, possibilitou reconhecer como ainda estamos imersos sob perspectivas colonizadoras do espaço urbano e pensamos e produzimos cidades como há dois séculos.

Para ilustrar e discutir as relações sociais e identitárias na constituição de paisagens e lugares, optou-se por iniciar no território francês em meados do século XIX, cujos percursos vividos por Pierre Ruisseau (personagem fictício criado para esta tese), perpassam por acontecimentos históricos que foram importantes na construção das cidades valeparaibanas até meados do século passado. As escolhas dos caminhos se baseiam então, pelo contato com literaturas e documentos históricos do continente europeu, com as cidades de Paris, na França e Antuérpia, na Bélgica e, no continente sul-americano, com as cidades paulistas de Santos, Bertioga, Mogi das Cruzes, Jacareí, São José dos Campos e Taubaté. Essas cidades são encaradas como textos que se encontram em um processo permanente de escrita, que a todo momento é lido, interpretado e ressignificado, cujas dinâmicas socioespaciais podem

colaborar na compreensão de outras cidades de características similares.

Além da construção literária, aborda-se um método de construção de imagens e narrativas por cartografias afetivas, onde palavras e informações relevantes são desenhadas por canetinhas coloridas, linhas e nanquim. O mapa, sem escala, vem contar história, sintetizar memórias, sensações, emoções e percepções; vem sintetizar e apresentar o enredo com uma outra linguagem que tem vida própria, que tem poder de falar por si-mesma e se permitir interpretar, organizar e construir conhecimento.

Esta tese tem um formato atípico, porém necessário para instigar futuros pesquisadores em como democratizar o conhecimento compartilhado e discutido dentro do campo e por seus complementares. Não há a pretensão aqui de ser mais um roteiro normativo para trabalhos acadêmicos da área, mas sim uma fagulha para despertar a criatividade e troca de experiências interdisciplinares na construção do saber urbano e das linguagens acadêmicas a respeito do espaço urbano.

Ensaio para narrativa autoral.

Tese: Representação do espaço por meio da narrativa:
epistemologias do saber urbano e da linguagem.

Programa de Pós-Graduação
em Planejamento Urbano e Regional
Universidade do Vale do Paraíba

2022



Perambulações *do flâneur* Pierre Ruisseau

CAPÍTULO 1



O ESPECTRO DA CIDADE MEDIEVAL

Querida Emma,

O “hoje” está confuso para mim, porque “hoje” ainda não aconteceu e ao mesmo tempo já se foi. Não sei explicar, mas um dia isso pode fazer sentido (ou não). Enfim, preciso te contar uma memória que insiste em se instalar em minha mente. Memória que não é minha, mas é, de forma paradoxal e tangente. Ela parte dos corredores da biblioteca Saint Geneviève, de quando ainda nos esbarrávamos por lá. Você se lembra de uma senhora, com cabelo ondulado de cor castanho, bochecha avermelhada e olhos coloridos, um amarelado e o outro tão preto que mal dava para enxergar suas pupilas? Acho que estou delirando, mas a vejo por aqui. Vê-la me faz pensar sobre a cidade, não essa que estou agora, nem as que passamos durante a viagem, mas todas em si, entende? O que seria a cidade se não a junção de três tipos interdependentes?

Como caminhante curioso que sou, busco a cada passo compreender as nuances espaciais que me são apresentadas visualmente, e percebo além delas, os padrões de paisagens, ações e emoções, todos associados à uma classe e ao delineamento de uma era em comum. Vou contar a você de uma forma, a fim de melhor lhe situar.

Dentre as imagens de cidades percebidas, há a que comporta uma sucessão de ornamentos e esculturas de inspiração clássica e jardins estrategicamente orquestrados para compor uma sinfonia de poder, cujo som esnobe ultrapassa as barreiras da vegetação e chega aos confins de sua própria existência. Vejo passear por esses jardins, chapéus e bengalas; túnicas e mitras; e vestidos com tecidos brocados que escondem pelo menos seis anáguas de algodão.

Uma outra imagem de cidade reserva-se aos homens e mulheres sem nome, sem território fixo, que moram em diferentes cantos das ruas, em várias esquinas e becos sem saídas. Suas vestimentas são compostas de trapos, são pessoas obsoletas, subjugadas e consideradas mercadorias desvalorizadas. Famintas, a única saciedade que importa é a que alimenta o próprio físico, pois a desnutrição da esperança contagiou a todos, já que consagrou em seres sub-humanos. A paisagem dessa cidade é tão obscura quanto os seus habitantes. O que predomina e causa aversão é o mau cheiro dos becos estreitos e o convívio com as mais variadas espécies de insetos e ratos.

Além dessas duas cidades, percebe-se uma terceira, que intermedia e se constitui como suporte material da urbanidade que exprime a divisão dos espaços. A cada quarteirão de casas encontram-se duas chaminés cuspidas fumaça escura de vinte em vinte



Figura 01. The funeral of a poor quarter of Paris (1833)

segundos durante o dia e, de um em um minuto, durante a noite. Essa cidade não para, funciona por turnos. Há homens e mulheres cujos nomes se confundem com números, que trabalham de forma mecânica de doze a quatorze horas continuamente e retornam exaustos para suas moradias insalubres, para dividir míseros pedaços de pães com sua prole. Diferente da segunda cidade, a terceira alimenta esperanças que repercutem nas constantes convulsões sociais que reivindicam condições de vida mais humanas.

Essas três cidades desiguais se interconectam como a rede de um pescador, onde cada nó representa uma situação que as engloba. Na construção dessa rede vejo o entrelaçamento de uma infinidade de texturas e cores de malhas. Como por exemplo a malha cinza, derivada da fumaça das indústrias e da sujeira das ruas que se entrelaça com a malha amarela, ostentação do ouro e do poder, no caminhar desconfiado de uma cartola opulenta pelos becos sujos e malcheirosos, em busca de mercadorias e atitudes ilícitas. A cobiçada malha verde esmeralda das nobres, se entrelaça horrorizada numa encruzilhada que se confunde com a esperança, marcada na malha vermelho sangue, cuja cor banha as intensas lutas de classes.

Cada nó que surge destes entrelaçamentos representa as contradições urbanas que estruturam a complexa rede de significados e ações, capturando juntas “os peixes” num território desconhecido, que se apresenta ora um tanto superficial, ora muito profundo.

A rede representa a pluralidade urbana nas diferentes classes sociais, onde o pescador é aquele que detém o poder sobre o sistema da pesca, neste caso, a coroa e a mitra. Cada peixe equivale a uma pessoa que compõe a sociedade e que, quando capturados, tem duas escolhas: nadar desesperadamente para diversas direções, sendo assim facilmente capturados e devorados ou então, cabe-lhes nadar juntos para uma mesma direção, com a intenção de desestabilizar o barco e romper com o sistema.

Um espectro dessas cidades tão desiguais é o da cidade europeia medieval, na transição entre o século XVIII e o XIX, onde um labirinto de vias desemboca num entroncamento de outras vias e marca a dinâmica do traçado orgânico das ruas que constitui o oceano em que as diferentes classes se encontram, se esbarram, se escondem e se confrontam. É exatamente nesse labirinto de vias que um embaraço de pessoas enfurecidas, embebecidas por pensamentos iluministas¹, começam perceber a violência do sistema e como o pescado é consumido por esse sistema.

Relembro aqui o ano de 1789², um marco para a transformação do cenário me-

dieval parisiense, que esboça uma orientação na construção de cidades pautada no lema de “liberdade, igualdade e fraternidade”, mas que ainda não conseguiu romper a rede de forma efetiva, porque ela se auto costura e cria novos nós. Assim como a invasão da Bastilha foi o estopim para um surto de revoluções por toda a Europa, em que a Primeira República³ francesa até anunciou ‘solucionar’ os graves problemas sociais; sabe-se que o uso desenfreado da guilhotina não resolveu seus impasses. Pelo contrário, uma nova monarquia apareceu, sustentada por um parlamento com representatividade burguesa.

Vimos nos livros e ouvimos dos mais velhos sobre essa construção de cidade que inaugura o nosso século XIX, em meio às distensões políticas entre os constitucionais e os absolutistas. Onde a cada medida autoritária, emergia na população das “cidades baixas” a esperança das lutas sociais. Como os gritos de guerra que ouvia-se ecoar “Abaixo Carlos XI!” em 1830, entoados pelas Jornadas Gloriosas⁴ e, “Abaixo Luís Felipe!⁵” bravejado em coro popular pela Primavera dos Povos, no ano de 1848.

Os levantes insurgentes foram endossados por trabalhadores, estudantes e pequenos comerciantes da capital, grupos organizados que seguiam em uma mesma direção. Somos de um século de grandes revoluções⁶ e na confusão que me encontro hoje, me parece que as diferentes paisagens que vejo neste lugar são mais do mesmo do que já lemos, já conversamos e já vivemos. Como está a vida por aí? Por que não me responde? Sinto saudade de nossas análises sobre os dilemas da vida na cidade, principalmente ao que se refere às nossas memórias e a conjuntura socioespacial que nos envolve. Tenho tanto a dizer e quero muito te ouvir.

Com carinho,

Pierre Ruisseau

Notas Capítulo 1

1 Na transição entre o século XVIII para o século XIX, ideias iluministas começaram a ser discutidas pelos intelectuais, como o inglês John Locke, que negava a origem divina do rei e priorizava o direito à propriedade, incluindo não só os bens materiais dos indivíduos, mas também sua vida e sua liberdade. Da mesma forma, Voltaire ridicularizava o absolutismo e se posicionava contra a igreja católica. Montesquieu, criava a divisão dos três poderes – legislativo, judiciário e executivo – e, Jean Jacques Rousseau discursava sobre a democracia absoluta. As críticas nesse momento se voltavam ao caráter absolutista, à aristocracia, às oligarquias rurais e à tirania. As pessoas que seguiam esse pensamento eram conhecidas como liberais e, os monarcas que concordavam com parte dessa transformação social, foram denominados déspotas esclarecidos.

2 Durante a monarquia absolutista, o desenvolvimento das ferramentas institucionais da França se encontravam travadas pelas ruínas medievais e pelos privilégios locais (MARX, 1869). O esforço da Coroa “em bajular a alta aristocracia resultara num sistema de promoção em que só as estirpes mais puras e mais antigas podiam aspirar realisticamente a galgar os postos mais elevados” (ENGLUND, 2005, p. 36). Em 1788, com a França falida, o rei Luis XVI propôs a reforma do fisco com o aumento dos impostos, que não agradou o 3º Estado levando-o a se organizar e criar a Assembleia Constituinte. No dia 14 de julho, os populares dominaram a prisão da Bastilha, principal símbolo do absolutismo, marcando o fim da tirania real e início da Revolução Francesa. Com isso, as travas institucionais foram aniquiladas e o governo foi subordinado a um parlamento sob o controle das classes possuidoras, que, por sua vez, sem o controle direto da burguesia, tornou-se campo de conflito entre os diferentes segmentos de classes.

3 A 1ª República Francesa se instaurou no dia 22 de setembro de 1792, sob a liderança do jacobino Maximilien Robespierre, que tinha um ideal de se tornar “o terrível e glorioso reino da justiça e da virtude” e isso só seria possível “quando todos os bons cidadãos fossem iguais perante a nação, e o povo tivesse liquidado com os traidores” (HOBSBAWM, 1962, p. 51). O rei Luís XVI e a família real tiveram suas cabeças guilhotinadas no ano de 1793, e outras 35 mil pessoas também foram vítimas desse massacre. Em meio ao terror de Robespierre, foi criado o Comitê de Salvação Pública, no qual visava salvar a economia francesa. Foram tratadas a Reforma Agrária, abolição da escravatura nas colônias francesas, tabelamento dos preços e um novo calendário. Mas as necessidades econômicas da guerra começaram a afastar o apoio da população. Nas cidades, “o controle de preços e o racionamento beneficiavam as massas, mas o correspondente congelamento dos salários as prejudicava”, e no campo, “o confisco sistemático de alimentos (que os sans culottes das cidades tinham sido os primeiros a advogar) afastou os camponeses” (HOBSBAWM, 1962, p. 51). Em abril de 1794, muitas pessoas haviam sido guilhotinadas, e os seguidores de Robespierre começavam a se isolar, pois “somente a crise da guerra os mantinha no poder”. No final deste ano os novos exércitos da República derrotaram os austríacos em Fleurus e ocuparam a Bélgica. Assim que retornaram a Paris, apoiaram a Convenção e derrubaram o governo jacobino. Em 1795 retomaram a Constituição de 1791, marcando a volta dos girondinos ao poder, conduzindo novamente

maior representatividade da burguesia no governo (HOBSBAWM, 1962, p. 53).

4 Jornadas Gloriosas: Com a morte do rei Luís XVIII em 1824, Carlos X assumiu o poder, e como um defensor do antigo regime absolutista, aumentou os impostos para retomar os privilégios da nobreza e do clero, com isso, a população, que já sofria com as constantes guerras civis e com a falta de alimentos, revolta-se e exige eleições no parlamento. Com vitória da oposição liberal, Carlos X estabeleceu medidas repressivas, fechou o parlamento e impôs a censura. Com isso, as ruas de Paris foram tomadas por barricadas e os insurgentes conseguiram derrubar a monarquia absolutista. O rei Carlos X fugiu da França e Luís Felipe I assumiu o seu lugar.

5 A cidade de Paris assistiu aterrorizada aos desfechos das lutas de 1848. Iniciadas em fevereiro, os revoltosos derrubaram o rei burguês Luís Felipe I de Orleans, restabeleceram a segunda república e levaram integrantes da oposição proletária ao governo. Porém, em junho, a burguesia reassumiu o comando, e os membros da oposição operária morreram, foram presos ou deportados (MENEZES, 2004, p. 23).

6 HOBSBAWM, 2015.

CAPÍTULO 2

PARIS: MEMÓRIAS VIVIDAS E EMPRESTADAS



Experiências de guerra

As guerras fazem parte da história humana na terra, e no século XIX era muito comum encontrar sobreviventes, ex-combatentes e curiosos conversando e relatando experiências e teorias da conspiração em Tabernas, Restaurantes, Pátios e Praças Públicas. Considerando o grande boom populacional do período, - cerca de mais de um bilhão de pessoas, que formavam um espetáculo de gente que circulava pelas ruas das cidades – há quem questionasse se seriam as guerras uma forma de frear todo esse crescimento exacerbado. Algumas pessoas idosas, que presenciaram essa mudança tão repentina no número de habitantes, reclamavam da falta de comida para todos, e até cogitavam a necessidade de expurgar parte da população.¹

Apesar da existência de pestilências, suicídios, penas capitais, imprudências... isso não bastava para crer que o crescimento daquele povo todo poderia se conter. Para tanto, como se partisse de uma vontade divina, as pessoas se motivavam a lançar-se sob à metralha, a fim de salvar aqueles que gostariam de viver “menos obcecados pela humanidade” que “resfolega no cangote” .²Essa inspiração divina partia como uma pincelada de esperança que cultivava “o ódio como paixão civil”³, porque é “sempre necessário ter alguém para odiar, para sentir-se justificado na própria miséria. O ódio é a verdadeira paixão primordial”⁴. Não que o amor não una as pessoas em prol de um bem comum, mas a força do ódio e da revolta mobiliza as estruturas.

Reascendido e inspirado por essa pulsão do ódio em suas veias, o poeta boêmio Charles Baudelaire⁵, que segurava em uma de suas mãos uma taça de vinho, esbafojava e gesticulava com sua outra mão, em um pequeno Café localizado no Quartier Latin, em Paris. O assunto era sobre a sua experiência na Primavera dos Povos, e sua plateia era formada por uma série de estudantes e jovens curiosos que adoravam se aglomerar para discutir sobre os mais variados assuntos. Pierre Ruisseau era um desses jovens curiosos que buscavam em Tabernas, se atualizar com os folhetins de notícias que eram fornecidos para consulta e leitura gratuita, além de acompanhar ora ou outra, histórias diversas, como a que Baudelaire narrava, baseadas em experiências ou até mesmo em ficções para o próprio deleite de alguns egos que se pronunciavam.

Na ocasião, Charles contava que em meio às barricadas, no ano de 1848, corria de um lado para o outro com seus amigos Champfleury, Promayet e Toubin enquanto se misturavam aos insurretos com gritos encorajadores. Se sentia excitado ao ver aquela grande desordem e tinha a impressão de que era a sociedade toda, “com suas hierarquias estúpidas, suas leis coercivas, suas fortunas escandalosas”, com todos os seus tabeliães, ministros, juizes, generais, era tal sociedade que recebia o açoite. Afirmava que para ele, não se tratava de um confronto “entre republicanos e monarquistas, mas entre jovens loucos por independência e a crosta da ordem estabelecida, entre a fantasia e a rotina, entre o gênio e o cofre forte”⁶.

Mediante a este caos, Charles contava como que as pessoas se esgueiravam entre os Impasses até chegar próximo a uma concentração que se escondia atrás das barricadas e atirava com armas de fogo contra os oficiais. Quando a munição acabava, não era motivo para abandono de posto, pois logo se via sendo arremessados qualquer objeto que estivesse ao alcance, como por exemplo pedaços de madeira, painéis, pernas de mesas, cadeiras...

Após uma pausa em sua fala, ele bebeu dois goles do vinho que ainda tinha em sua taça e se lembrou do sentimento que o acometeu sobre uma vontade própria que não se findou como gostaria. Essa vontade particular se referia à morte de



Figura 02. Barricade au coin de la rue Mazagran, Paris 1848.

seu padrao, general Aupick⁷, e contava com a ajuda dos revoltosos, que apesar da patente militar, não tinham motivos para promover uma ação de execução contra o tal general. Embora seus interesses tenham sido contrariados, essa objeção não o impediu de continuar lutando ao lado da multidão insurgente, o que lhe permitiu presenciar cenários apocalípticos nas ruas de sua cidade.

Aproveitando a oportunidade e o contexto da narrativa de Charles Baudelaire, Pierre pede para que o poeta declame seu poema *A uma passante*⁸ e explique o que o motivou a escrevê-lo, já que a única coisa que se sabia sobre o escritor era que ele perambulava pelas ruas da cidade olhando para não sei onde, caçando não sei o quê, para compor suas rimas. Seria esse poema uma experiência por ele vivenciada? Seria uma expressão profunda de sentimentos inerentes a uma vontade ou um anseio?

Charles nesse momento puxa uma cadeira torta e se senta. Diz que o pedido do rapaz foi muito oportuno, pois *A uma passante* se tratava justamente de uma experiência vivida durante a revolução de 1848, que lhe acendeu uma faísca de amor incontrolável em meio ao clima de medo, repressão e luta contra o governo opressor. Inspirado pelo pedido de Pierre, ele começa a declamar seu poema:

A uma passante ⁹	A une passante ¹⁰
A rua em torno era um frenético alarido. Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa, Uma mulher passou, com sua mão suntuosa Erguendo e sacudindo a barra do vestido	a rue assourdissante autour de moi hurlait. Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse, Une femme passa, d'une main fastueuse Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina. Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia No olhar, céu lívido onde aflora a ventania, A doçura que envolve e o prazer que assas- sina.	Agile et noble, avec sa jambe de statue. Moi, je buvais, crispé comme un extrava- gant, Dans son œil, ciel livide où germe l'ouragan, La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.
Que luz... e a noite após? – Efêmera beldade Cujos olhos me fazem nascer outra vez, Não mais hei de te ver senão na eternidade?	Un éclair... puis la nuit! — Fugitive beauté Dont le regard m'a fait soudainement renaî- tre, Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?
Longe daqui! Tarde demais! Nunca talvez! Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste, Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!	Ailleurs, bien loin d'ici! Trop tard! Jamais peut- être! Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais, Ô toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!

Emocionado, ele explica sobre o sentimento traumático que teve por um amor que foi interrompido pela guerra, cujo primeiro encontro não fora possível desfrutar. A mulher burguesa se destacou aos seus olhos, mesmo que caminhasse discretamente em direção à invisibilidade iluminada. Ela aparecia e logo se misturava à multidão¹¹, esvaindo-se de seus olhos, mas se eternizando em suas memórias e em suas palavras escritas em forma de poesia.

Enquanto Charles contava sua história, Pierre interessava-se pela forma com

que as pessoas interagiam com os lugares; como a moça que foi devorada pela multidão em uma rua embarricada; como o estouro dos canhões que eclodiam nas portas dos comércios vazios e como o coração atordoado de uma criança que palpitava freneticamente em meio aos cruzamentos de vias e de balas perdidas.

Baudelaire, entusiasmado, relembra cada trecho ocupado pelos insurgentes e, de acordo com a intensidade da adrenalina vivida, gesticulava de forma bastante brusca e expressava em seu semblante cada sentimento adverso que o possuía. Ele contava que as ruas da cidade foram banhadas com o sangue derramado nas batalhas. Desde a rua Saint Denis, ao norte, até a rua Saint Jacques, ao sul e o Cimetière du Pere Lachaise, ao leste, era possível ver uma grande concentração de insurgentes, configurando uma zona triangular que englobava os principais aglomerados de Paris: a Cité, a Université e a Ville.

Quem, das janelas, observava toda a movimentação da cidade, percebia o quão devastador era o ritmo daquela dança, cujos passos e rebotados intrincavam-se com as manchas escuras e atordoantes dos projéteis ejetados.

Pierre tinha uma ótima visão espacial da cidade, pois auxiliava seu pai, Louis Ruisseau, no trabalho com a cartografia. Dessa forma, conseguiu enxergar com clareza, o mapeamento da ocupação na Primavera dos Povos, de acordo com as falas de Baudelaire.

Não demorou muito para perceber que sua casa se localizava nas proximidades do grande evento¹² e, imediatamente, recorreu às suas memórias para se situar, pois no ano em questão ele tinha apenas oito anos de idade e ficou recluso dentro de casa para sua proteção.

Diante aos lapsos de memória que circundavam os pensamentos de Pierre, havia uma composição de vultos de chapéus e armamentos que escorregavam sorrateiramente próximo à sua casa, na Rue des Poitevins. Vicinal às ruas ocupadas, a Rue Hautefeuille configurava um corredor de passagem, e a Rue des Pointevins, Rue Percée e a Rue Serpente, permitiam o acesso a esse corredor e à Rue de la Harpe, a qual contribuía no fechamento da área embarricada no entorno da igreja Saint Séverin.

Mesmo em tenra de idade em 1848, Pierre lembrava-se dos sons que ecoavam por essas ruas, como o barulho dos passos lentos seguido das correrias galopantes e o barulho de armamentos que ora ou outra esbarravam nas paredes e tiravam lascas de tinta. Algumas dessas marcas são visíveis em sua contemporaneidade, cujo caminhar pelas ruas o levava a flunar cada vestígio das fraturas estruturais dos combates.

E, no esforço de elucidar suas memórias e os acontecimentos, Pierre recorria aos cenários de sua infância e tentava relacioná-las com as experiências que Baudelaire lhe contava naquela Taberna. No retorno para sua casa, olhou de forma mais atenta as paisagens de seu percurso, podendo notar algumas sutilezas que em outro momento lhe passavam despercebidas.

Amparado por um mapa de Paris, ele observava as mudanças em sua cidade e conjugava sentimentos em seus desenhos por meio das suas memórias e das memórias emprestadas por Baudelaire. Com a visão de um cartógrafo e a habilidade de um artista, ele redesenha as proximidades de sua moradia, registrando nuances da realidade em transição. Palavra por palavra, os signos são registrados: as livrarias



Figura 03. ruas ocupadas por insurgentes, quartéis e barricadas na Revolução de 1848.



Figura 04. Rue des Poitevins. Livraria Theodore Lefebvre, casa de Pierre.

compõem uma sinfonia estudantil no quadro aquarelado da universidade; os cafés bancam a boemia e o espaço de convívio social e, os hotéis e pousadas, configuram a existência de muitos forasteiros que chegam, todos os dias, para embebedarem-se com novos conhecimentos.

Notas Capítulo 2

1 Parágrafo inspirado em trechos do livro “O cemitério de Praga” de Umberto Eco, 2011, p. 145.

2 ECO, 2011, p. 145.

3 ECO, 2011, p. 370.

4 ECO, 2011, p. 370.

5 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867) foi um poeta boêmio, dandy, flâneur e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do simbolismo e fundador da tradição moderna em poesia.

6 TROYAT, Henri, 1995, p. 125–126, apud. MENEZES, 2004, p. 24, no texto.

7 Jacques Aupick (1789–1857), “general de Luís Filipe que serviu ao governo revolucionário e a II república. Foi embaixador em diversos países e, posteriormente, trabalhou para o estado no II Império. A mãe de Baudelaire casara-se com o general quando ele tinha 5 anos. O padrasto manda-o para um colégio interno, tirando-o de perto da mãe: a mulher que ele mais amava. Este trauma marca toda a vida da criança e do adulto e faz com que Baudelaire nutra um ódio mortal pelo general” (MENEZES, 2004, p. 25).

8 O soneto A uma passante foi publicado, pela primeira vez, em 15 de outubro de 1860 – em *L’artiste* – e não constava na primeira edição de *Les Fleurs du Mal*, de 1857.

9 BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal – A uma passante*, apud. BENJAMIN, 1994.b, p. 117.

10 BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal - A une passante*, Poulet-Malassis et de Broise, Éditeurs 97, Paris, 1861, p. 130.

11 “Nenhuma expressão, nenhuma palavra, designa a multidão no soneto ‘A uma passante’. No entanto, o seu desenvolvimento repousa inteiramente nela, do mesmo modo como o curso do veleiro depende do vento” BENJAMIN, 1994.b, p. 117.

12 Indicado na Figura X com um círculo na cor vermelha.

CAPÍTULO 3



INDUSTRIALIZAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E OFÍCIOS

Pierre se interessava pela história e as aventuras do passado, ao mesmo tempo que se inebriava com um futuro incerto e misterioso que se esboçava à sua frente. Só quem viveu na capital mundial naquele século, pôde presenciar mudanças drásticas na paisagem da cidade e nos costumes de seus habitantes em tão pouco tempo.

A nova dinâmica produtiva das indústrias invadiu o espaço urbano e incitou reações diversas nas pessoas e nos lugares. Assim como o trabalho fabril dava esperança aos fazendeiros falidos do campo¹, também consumia os trabalhadores mais jovens (tenra idade), pois seus corpos pequenos eram ideais para adentrar o espaço das máquinas para manter a linha de produção ativa.

As vestimentas, que eram tradicionalmente confeccionadas por alfaiates; os móveis, executados pelos marceneiros; os sapatos, modelados pelos sapateiros e os utensílios do lar, elaborados pelos artesãos; começaram a concorrer com os produtos industrializados produzidos em ampla escala e com uma velocidade avassaladora. O trabalho artesanal, cujo produtor era detentor de todas as etapas do processo, deu lugar ao modo de produção em massa, intensificando os conflitos entre a técnica, as artes e os ofícios², o que, por sua vez, repercutiu em profundas transformações sociais.

O consumo se diversificou, a Paris das intensas lutas de classes passou também a ser exemplo da moda mundial, modelo de modernidade nas artes e na arquitetura, cujo uso de novos métodos e materiais consolidaram este pensamento e a nova forma de viver na cidade. A utilização de ferro e vidro marcou o panorama da modernidade oitocentista, compondo elementos estruturais, estéticos e funcionais na arquitetura de estabelecimentos comerciais e institucionais³.

No ano de 1808 a cúpula do mercado Halles au Blé foi desenhada e em 1811 ela foi construída, este foi o primeiro caso mundial de cobertura translúcida que permitia a entrada de luz natural por todo ambiente construído⁴. Além do mercado, a estética das construções com ferro e vidro fez surgir novos espaços para o consumo que se adequava às exigências do período: os *magasins de nouveautés* e as famosas passagens e galerias cobertas.

Os produtos industriais tornavam a vida cotidiana mais cômoda; sonhava-se e vivia-se delirantemente a modernidade. O fetiche da mercadoria era o principal motivo das peregrinações às exposições universais⁵ e a alta do comércio têxtil foi a primeira condição para o florescimento das galerias em Paris. A partir desse novo ritmo de consumo que foi imposto pelos veículos de comunicação⁶, era comum ver famílias inteiras se reunirem para passear pelos *magasins de nouveautés*⁷, a fim de entreterem-se com o novo espaço de exposição e com os objetos e as vestimentas que atendiam às tendências mais recentes. Com tantas novidades, acreditava-se estar diante a um progresso surreal que ia de encontro a uma nova era dourada:



Figura 06. Moda masculina, séc. XIX



Figura 07. Moda feminina e infantil, séc. XIX.



Figura 09. Mires Passage, entre Boulevard des Italiens e Rue de Richelieu.

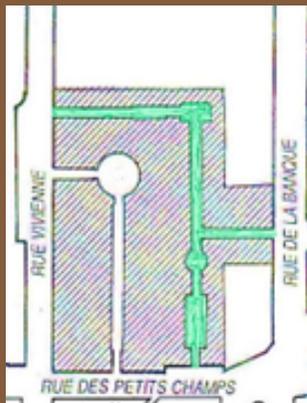


Figura 10: Planta da Galerie Vivienne



Figura 11. Fachada da Galerie Vivienne

projetavam nas paredes¹².

Nos passeios de rotina da família Ruisseau, Pierre acompanhava sua mãe para ajudar a cuidar de suas irmãs mais novas, a Charlotte de oitos anos e a recém-nascida Apolline. Às vezes, quando Elleonore fazia uma pausa no Café para se alimentar, Pierre aproveitava para levar Charlotte ao universo encantado da livraria Petit-Siroux e ensinava algumas palavras para ela enquanto folheavam algumas páginas de livros infantis. Charlotte adorava aprender com seu irmão e se encantava com a forma que ele entrava nos personagens das narrativas para prender a sua atenção com gestos e feições engraçadas.

A *Galerie Vivienne* se adaptou às construções já existentes no local, sendo comum ver pessoas que acessavam a entrada de suas moradas pelo interior da própria galeria. O famoso mestre dos disfarces Eugène-François Vidocq¹³, um ladrão e falsário que virou policial e o primeiro detetive particular da cidade, morou na galeria no ano em que Pierre nasceu, em 1840, quando tinha 65 anos.

Muitas vezes pela cidade contavam que Vidocq havia construído um caminho subterrâneo secreto entre a Vivienne e o Palais-Royal para sair de casa sem ser visto. Procurar esse túnel era uma das incursões juvenis mais cobiçadas, pois seria como encontrar um tesouro perdido de uma embarcação fantasma no fundo do mar. Todo mapa da cidade que Pierre encontrava, ele já procurava algo sobre esta passagem subterrânea, mas nunca encontrou algo que confirmasse tal boato.

Pierre era um frequentador assíduo das bibliotecas e livrarias da cidade, tanto que, ser vizinho da livraria *Theodore Lefebvre*, lhe permitia passar várias horas viajando nos diferentes cenários encontrados nos livros que lia.

Por ser filho do cartógrafo da cidade e se interessar tanto por mapas históricos, qualquer exemplar que aparecia nas redondezas, ele era prontamente avisado, mesmo que ninguém soubesse, de certo, o lugar pelo qual tais traçados e rabiscos se referiam.

Geralmente, as novidades da *Bibliothèque Saint Geneviève*¹⁴ eram as mais esperadas, porque além da chegada frequente de livros recém-publicados, tinha um amplo espaço interno para abrir os mapas, com mesas extensas e luminárias estrategicamente posicionadas para a melhor visualização dos materiais consultados.

A arquitetura era composta por uma fachada neorrenascentista que escondia em seu interior “duas naves, com arcos e abóbadas de berço” que ligam as colunas com as paredes de pedra exteriores e se “assentam numa rede de nervuras de ferro” compostas por arcos de ferro à vista “muito esguias que separam as duas naves”¹⁵.

O lugar possibilitava Pierre se encantar com os detalhes da estrutura arquitetônica e conversar com a Emma Vaux, uma amiga de infância que trabalhava como bibliotecária e sabidamente lhe indicava as melhores literaturas.

Assim como a arquitetura da biblioteca *Saint Geneviève*, Emma era uma caixinha de surpresas. Por trás de sua fachada de pedra, rígida e racional, escondia uma personalidade delgada de ferro que, diante acontecimentos e circunstâncias, poderia aparentar fragilidade, mas é forte e resistente, capaz de se adaptar e apresentar soluções assertivas. Pierre se distraía facilmente com a inteligência de Emma e confiava nela para contar seus pensamentos, sonhos e anseios. Eles se conheciam muito bem e eram grandes amigos.



Figura 12. Vista interior da Bibliothèque Saint Geneviève, de Henri Labrouste, em Paris.

Notas Capítulo 3

1 A migração das pessoas do campo para a cidade em busca de melhores condições afetou brutalmente o espaço citadino, devido ao crescimento acelerado das populações urbanas. A cidade medieval não comportava o grande número de pessoas que chegavam, contribuindo para o surgimento de cortiços, moradias insalubres e, consequentemente, problemas de saúde pública e aumento da mortalidade. “O êxodo rural, as questões urbanas de saneamento e de miséria se juntaram a outro grande problema: as péssimas condições de trabalho (e ambiente) alterando o perfil de adoecimento dos trabalhadores que passaram a sofrer acidentes e desenvolver doenças nas áreas fabris, como por exemplo, o tifo europeu (na época chamado febre das fábricas). A maioria da mão de obra era composta de mulheres e crianças que sofriam a agressão de diversos agentes, oriundos do processo e/ou ambiente de trabalho” (FRIAS JUNIOR; SILVA, C. A; 1999).

2 Sobre a distinção entre técnicos e artistas iniciada no século XVII, Leonardo Benévolo diz que “os técnicos devem estudar, com o método científico, alguns problemas particulares e bem circunscritos, mas não os problemas de conjunto (por ex. o cálculo das estruturas e das instalações, mas não a distribuição das funções na cidade e no território). Os artistas devem adaptar o aspecto exterior da cidade sem discutir-lhe a estrutura, porque o campo do seu trabalho é considerado “independente” e não ligado às necessidades cotidianas (BENÉVOLO, 2005, p. 585). As transformações do ambiente urbano e as formas de agir dentro desse espaço repercutiam as esferas cultural e social. Assim como o comércio de varejo marca “o fim das corporações e elimina as vantagens que os alfaiates detinham na determinação do preço das roupas” (ORTIZ, 2000), a invenção do daguerreotipo em 1839 impulsionou um novo comércio de retratos, cuja técnica marcou o estranhamento entre pintores e fotógrafos, que buscavam a imitação perfeita da natureza.

3 “Evita-se o ferro nas moradias, mas ele é empregado nas galerias, salas de exposições e estações de trem-construções que serviam para fins de trânsito. Simultaneamente se amplia o campo de aplicação arquitetônica do vidro” (BENJAMIN, 1986, p.32).

4 PEVSNER, 1995, p. 126.

5 “As exposições universais foram precedidas por exposições nacionais da indústria, a primeira ocorreu em 1798 no Campo de Marte e decorreu do desejo de “divertir as classes trabalhadoras, tornando-se uma festa de emancipação para elas”. Aí, o operariado tem o primado enquanto freguesia”. Quando ainda não existia a indústria da diversão, esse espaço era ocupado pela festa popular (BENJAMIN, 1986, p. 35). “As exposições universais transfiguram o valor de troca das mercadorias. Criam uma moldura em que o valor de uso da mercadoria passa para segundo plano. Inauguram uma fantasmagoria a que o homem se entrega para se distrair. A indústria de diversões facilita isso, elevando-o ao nível da mercadoria. O sujeito se entrega às suas manipulações, desfrutando a sua própria alienação e a dos outros” (BENJAMIN, 1986, p. 36).

6 Os folhetins foram muito utilizados como veículo de comunicação e teve sua primeira aparição no início do século XIX. O le feuilleton destinou-se ao entretenimento após passar pela censura napoleônica. Napoleão explicava ao célebre Fouché, que “não ficaria três meses no poder” devido ao momento crítico que viviam (NADAF, 2002, p. 17). Embora a imprensa francesa fosse ligada ao Estado, “no Ancien Régime, os jornais eram praticamente um instrumento dos ministros do rei, embora isso não os isentasse de censura e restrição” (ENGLUND, 2005, p. 195). Durante a Revo-

lução Burguesa em 1830, o proprietário do jornal francês La Presse, Émile de Girardin, associou-se à Dutacq, do jornal Le Siècle, para lançar a ficção em partes. A tendência estética desse tipo de literatura deu início à “escrita industrial” (NADAF, 2002). Um novo tipo de leitor surgia como consumidor dos folhetins na obra Le “detective novel” et l’influence de la pensée scientifique, de Régis Messac: “Camada populacional, sem formação clássica, em busca de emoções fortes (...). Fartavam-se como podiam com os melodramas, com as canções chorosas, com as lanternas mágicas, com os livros de cordel, com os romances de assinatura em fascículos (...)” (RÉGIS MESSAC, apud. NADAF, 2002, p. 19). Os romances-folhetins narravam “estórias de amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões” (NADAF, 2002, p. 21), inspirados no cotidiano do público consumidor para elevar sua carga emotiva. Essa nova modalidade narrativa se apresentava a título de mercadoria, pois unia arte e cultura às forças de uma mentalidade moderna, que se voltava para a produção e o panorama industrial (WALTER BENJAMIM, apud. NADAF, 2002, p.19). Autores que marcaram a época: Eugène Sue (1804-1857) com as obras “Les mystères de Paris” e “Le juif errant”; Alexandre Dumas (1802-1870) com “Le trois mousquetaires” e “Comte de Monte Cristo”; e Ponson du Terrail (1829-1871) com “Les drames de Paris”.

7 A partir de 1830-1840, os magasins de nouveautés - precursores das casas comerciais - foram os primeiros estabelecimentos a manter grandes estoques de mercadorias, com a venda de tecidos e artigos de luxo, como sedas, lençóis, luvas e guarda-chuvas. Os ritmos desses espaços encontram o “grande poema da estalagem” que “canta as suas estrofes de cores, desde a Madeleine até a porta Saint-Denis” (BALZAC, apud. BENJAMIN, 1986, p. 31).

8 LANGLÉ et VANDERBURCH. Louis-Bronre et le Saint-Simonien, Théâtre du Palais-Royal 27 février 1832, apud BENJAMIN, 2019, p. 59.

9 LANGLÉ et VANDERBURCH. Louis-Bronre et le Saint-Simonien, Théâtre du Palais-Royal 27 février 1832, apud BENJAMIN, 1986, p. 35, versão francesa.

10 Guia ilustrado de Paris, apud. BENJAMIN, 1986, p. 31.

11 A galeria Vivienne foi aberta em 1631 para ligar o Palais-Royal à muralha de Louis XIII. O nome Vivienne, refere-se a uma antiga família burguesa da região, os Viviens. Maître Marchoux, em 1823, Presidente da Chambre de Notaires de Paris (associação de tabeliães), compra o imóvel onde vivia e algumas casas ao lado. Impulsionado pelo sucesso da Passage des Panoramas, ele cria um “atalho” entre as ruas Vivienne, des Petis-Champs e des Petits-Pères (hoje rue de la Banque). Inicialmente, a galeria se chamaria Marchoux, mas logo trocaram para Vivienne. A Galerie Vivienne foi construída em 1823 em estilo neo-clássico pompeu pelo arquiteto François-Jacques Delannoy. Em 1826, após três anos, a galeria é inaugurada com setenta lojas de diferentes tamanhos e com a presença de comércios de produtos e serviços, como boutiques de moda, cafés, restaurantes, livrarias, etc (INFORZATO, 2015).

12 A capacidade inovadora de armazenar mercadorias rompia com a especialização dos pequenos comerciantes tradicionais (ORTIZ, 2000). Além das mercadorias de luxo, a decoração e os estabelecimentos passavam a ser local de atração e visita dos forasteiros. As galerias contribuíram para um novo padrão de consumo e foram cenário das primeiras iluminações a gás, além da inovação arquitetônica com a utilização de materiais como ferro e vidro (BENJAMIN, 1986).

13 A vida de Eugène-François Vidocq (1775-1857) inspirou escritores como Victor Hugo, Honoré de Balzac, Edgar Allan Poe e Conan Doyle.

14 A Bibliothèque Saint Geneviève, de Labrouste, em Paris (1843-50), era junto com o Coal

Exchange de Bunning, em Londres (1847-9), os edifícios mais notáveis da Europa dos anos 40 à década anterior ao Palácio de Cristal. Cujas estrutura arquitetônica composta por ferro revolucionava os métodos construtivos até então, afirmando a modernidade do século XIX (PEVSNER, 1995).

15 PEVSNER, 1995, p.131.

CAPÍTULO 4



**VIVE-SE PARIS,
SONHA-SE BRASIL**

Em uma tarde nublada do outono parisiense, após acompanhar seu pai Louis e seu irmão mais velho Jacques, em um levantamento topográfico no parque Bois de Boulogne, Pierre vai à biblioteca Saint Geneviève para atualizar Emma sobre os relatos de Baudelaire a respeito da Primavera dos Povos e para avisar sobre uma incursão fracassada de alguns jovens à busca do túnel de Vidocq. Emma ouvia atentamente as histórias que Pierre lhe contava e imaginava cada cena.

Empolgada, Emma também tinha novidades para contar. No dia anterior chegaram novas literaturas na biblioteca que seriam do interesse de Pierre. Se tratava do diário de viagem de Jean Baptist Debret¹ que foi publicado com o título "*Voyage pittoresque et historique au Brésil*"², e descrevia uma experiência íntima com os cenários e os costumes da população brasileira, no período de 1816 a 1831.

Enquanto Pierre esperava Emma buscar um exemplar da obra para sua apreciação, ele observava um grupo de estudantes que discutia sobre as atuais reformas urbanísticas que aconteciam na cidade. Laurent, um dos estudantes conhecia Pierre, e assim que o viu, fez um sinal com a mão indicando para se aproximar.

Chegando próximo do grupo, perguntaram para ele se sabia sobre as novas rotas do plano de Haussmann, já que seu pai trabalhava com cartografia e media toda a cidade. Pierre disse que seu pai não compartilhava muito com ele sobre o local exato que seriam realizadas estas obras, mas que ele viu em sua casa algo sobre a tal Avenue de l'Opera. Neste momento os jovens se entreolham e apontam para uma parte do mapa que estava aberto sobre a mesa. Sem entender muito bem, Pierre pergunta o que eles sabiam e Laurent disse que essa avenida provocaria a demolição de muitas construções em várias quadras e que eles estavam preocupados.

Depois de alguns minutos, Emma chegou com os livros de Debret, que contava com 156 pranchas aquareladas e acompanhava um estudo descritivo detalhado da sua jornada. Pierre se distanciou daqueles jovens estudantes e foi conferir o que Emma havia escolhido para lhe mostrar.

Ao receber o livro em suas mãos, Pierre o colocou sobre uma parte vazia de uma imensa mesa de madeira maciça. Ele não imaginava que as obras da Missão Artística tocariam seu imaginário de forma tão intensa.

Vislumbrado pela riqueza do material, percorreu lentamente o seu olhar sobre as pinturas, que variavam entre paisagens bucólicas e imagens de pessoas de diferentes cores e costumes.

Seu olhar atônito contemplava a curiosa forma com que os brasileiros se vestiam e admirava como cobriam seus corpos, ornados apenas com pinturas e pouco pano. A paleta de cores terrosas do artista representava a variação de peles e grupos sociais, com predominância de negros amarronzados, mas também com a presença de índios vermelhos e brancos europeus.

Era praticamente impossível ler todas as pranchas em um só dia; por isso, a

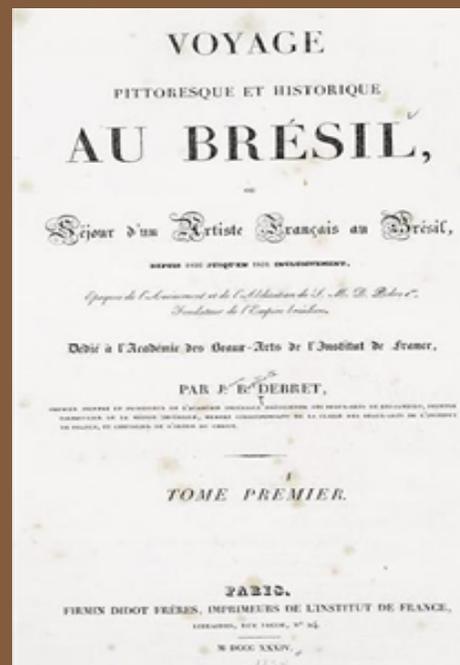


Figura 13. Capa 1º Tomo de *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, de Debret, 1834.



Figura 14. Esboços dos negros brasileiros.



Figura 15. Fotografia Place Saint André des Arts, Paris.



Figura 16. Girl Minstrel

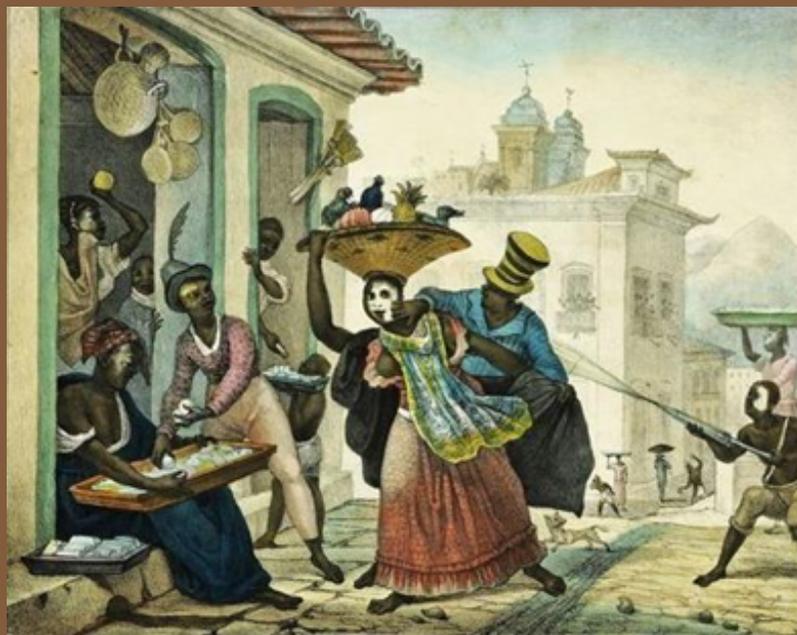


Figura 17. Scene de carnaval

cada poente, Emma aguardava Pierre com o livro de Debret sobre a mesa. Independentemente do que acontecia durante o dia de Pierre, ele reservava esse tempo para ir à biblioteca Saint Geneviève.

Os caminhos dos viajantes da Missão Artística despertavam a sua curiosidade e, em poucos dias, já se via desejoso para velejar pelo famigerado jardim do éden, que encontrava os tons verdejantes das matas fechadas e dos mares paradisíacos com o marrom sutil visto na terra batida, na cor do caboclo e no barro dos casebres.

Certo dia, enquanto navegava seu olhar pelas obras de arte que ilustravam as terras além do oceano, percebeu que uma senhora o observava do corredor destinado às literaturas sobre o Brasil. Achou estranho, mas continuou com suas divagações.

Muito se especulou sobre as imagens que ele via, porém, pouco se sabia daquela realidade. Entre idas e vindas à biblioteca, Pierre flanava pelas ruas da cidade e as comparava às ruas retratadas pelas aquarelas de Debret, como a ilha seca da *Place Saint André des Arts*, cujas fachadas estampadas por palavras engoliam os cavalos arriados em duas carroças estacionadas. Enquanto os equinos se camuflavam no ambiente turvo da cidade medieval, Pierre os imaginava nadando no mar de morros, subindo e descendo, desviando-se dos arbustos e arvoredos, em direção às nascentes de água límpida.

Após um poente de sexta-feira, Pierre convida Emma para se divertirem com seus amigos na *Court of Commerce*. Naquela noite, até Baudelaire estava presente, e havia levado algumas baguetes, queijo e vinho para compor a euforia dos jovens presentes. Se encontravam também nesta festa, o apaixonado Oscar-Claude Monet e seu amigo Pierre-Auguste Renoir, que aproveitavam a luz da lua cheia que incidia magicamente sobre Camille Doncieux, para compor esboços que virariam nobres pinturas no futuro. Camille se divertia no ritmo da *vielle à roue*³, cujo som convidava as pessoas para o alegre movimento da dança.

No meio da multidão dançante naquela noite, a artista por trás do som encantador era uma moça pequena, que girava a manivela com seu braço direito e tocava com seus dedos magros da mão esquerda, o conjunto de teclas do instrumento. Pierre aprendia com as conversas entre os artistas Monet e Renoir, novas técnicas de pinceladas e formas de se expressar com a pintura.

Toda vez que passava por ali, Pierre se lembrava das festas e do folclore que embalavam alguns dos seus fins de semana e revivia estes momentos, mesmo quando a passagem se encontrava vazia. Certo dia se questionou com Emma sobre a diversão das pessoas retratadas nas aquarelas de Debret e, logo, se lembrou da pintura *Scene de Carnaval*, a qual lhe dava uma prévia do que seria aquela realidade, porém não lhe permitia ter acesso aos sons nem tampouco lhe transmitia a energia da comemoração que parecia ser confusa com aquelas faces pintadas, peles à mostra e movimentos um pouco estranhos.

Passaram-se algumas semanas e novamente, entre os corredores da biblio-



Figura 18. Impasse du Paon, dite "Larrey", de la rue Larrey. Paris VIe. Vers 1886. Charles Marville, 1886.



Figura 19. Cour du Commerce, de la rue Saint André des Arts. Paris VIe. Vers 1866. André des Arts. Paris VIe. Vers 1866.



Figura 20. Impasse de la cour de Rouen. Paris VIe. Vers 1866.

teca, Pierre percebeu que aquela mesma senhora o observava de longe. Buscou se aproximar para vê-la mais de perto e o máximo que conseguiu foi notar que ela tinha um olho de cada cor, um amarelado e outro bem preto. Comentou com Emma para saber se a conhecia, mas sua amiga não sabia e inclusive falava que era coisa da cabeça do rapaz, porque dificilmente uma pessoa com característica tão marcante passaria despercebida por ela.

No decorrer de um dia cinza, quando Pierre caminhava pelas ruas e impasses da cidade, ele se percebeu na figura de Baudelaire, pois seus passos estavam mais lentos e seu olhar mais aguçado, quase que em estado de transe.

Ele parou por alguns minutos no *Impasse de Cour de Rouen*⁴, e observou uma árvore frondosa que se alinhava verticalmente com o muro do tribunal. Era possível avistar nesta árvore um casal de pássaros pretos⁵, que brincava com o balançar das folhas e cantarolava com os assovios do vento.

Ao fechar os olhos, o cinza daquela paisagem se transformou em verde; o muro de tijolos em uma cerca de taquara; o beco de paralelepípedos em um caminho de terra batida. O palco fechado da ruela se transformou num anfiteatro ao ar livre, o canto dos pássaros o levou para longe e, de repente, o trouxe de volta, devido a um rasante próximo a seus ouvidos.

Após viver essa nostálgica e efêmera sensação, Pierre começou a ser tomado por uma centelha que lhe despertou a vontade de conhecer mais sobre aquele lugar e aquele povo que estava presente na sua prática de sonhar acordado.

Quanto mais Pierre se debruçava para compreender sobre as terras brasileiras, parece que mais aquela senhora aparecia na biblioteca, mas Emma nunca a viu. Seria ela realmente fruto da sua imaginação? Começou a perceber onde ela aparecia e o que estava fazendo no momento. Parecia até que ela queria que Pierre buscasse mais sobre o Brasil.

Sentindo esse chamado dentro de si, perguntou para Emma, no final da tarde, se conhecia alguém fluente na língua portuguesa. Rapidamente o nome de um estudante de arte e pintura lhe veio à mente: Rudolf Julian⁶. Ele vivia em um espaço pequeno na Passage des Panoramas e tinha conhecimentos básicos do idioma, inclusive também se interessava e se debruçava pelas aquarelas dos viajantes que passaram pelo Brasil.

Em pouco tempo, Pierre, Emma e Rudolf se tornaram amigos e iniciaram uma trajetória de reflexão e compartilhamento de aprendizados sobre a língua portuguesa, a arte que retratava aquele mundo coberto por poéticas misteriosas e algumas descobertas sobre o convívio social de toda aquela gente misturada.

Notas Capítulo 4

1 Debret foi um dos viajantes que participou da Missão Artística Francesa, que aconteceu no período de 1816 a 1831, e tinha o objetivo de estabelecer o ensino oficial de artes plásticas no Brasil, além de registrar os costumes e as paisagens do local. Chefiada por Joachim Le Breton, literato e membro da Classe de Belas-Artes do Instituto da França; e composta pelos irmãos Taunay, Nicolas Antoine Taunay, pintor e ilustrador e, Auguste Marie Taunay, escultor; Jean Baptiste Debret, pintor e desenhista; Grandjean de Montigny, arquiteto; dentre outros que contribuíram para o registro informativo e histórico das particularidades do território brasileiro.

2 *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean Baptist Debret, foi publicado entre 1839 e 1841.

3 *Vielle à roue*: “Desde o século XII a viela de roda era conhecida em muitas partes da Europa como instrumento de manifestações folclóricas. Na França, o instrumento foi aperfeiçoado no século XVIII, assumindo o formato arredondado ou chato. As cordas são tocadas pela movimentação de uma roda ligada a um eixo instalado no corpo do instrumento. Quando a roda é colocada em movimento por meio de uma manivela próxima à caixa de ressonância, as cordas são tocadas por um conjunto de teclas montadas num teclado sobre o corpo do instrumento. Na outra extremidade do corpo, oposta à manivela, fica o cravelhal para seis cordas que passam, três a três, pelos dois lados do teclado. Perto do final do século XVIII, os cravelhais eram geralmente entalhados na forma de uma voluta, ou mesmo no formato de cabeças masculinas ou femininas” (MALLALIEU, 1999, p. 320)

4 As fotografias escolhidas situam-se na parte da Université de Paris, a fim de mostrar a região de convívio do personagem Pierre e de ilustrar as paisagens presentes em seu dia a dia. Estas fotografias pertencem ao catálogo intitulado “*Vieux Paris*” de Charles Marville, composto por 425 fotografias das transformações de Paris no período da gestão do Barão Haussmann. A versão online consultada foi preparada por Laurent Gloaguen.

5 Blackbird (*Turdus merula*), espécie de andorinha comum na Europa, exceto no norte da Escandinávia.

6 Rudolf Julian (1839-1907) foi aluno de Léon Cogniet e Alexandre Cabanel, “pouco notável por seus dotes como pintor”, mas que inaugurou em 1867 a Académie Julian, que “inicialmente restringia-se a uma pequena sala na Passage des Panoramas, situada em Montmartre”. Conhecido por abrir em 1880, ao lado daquele espaço, “um curso exclusivamente para mulheres”. Entre 1882 e 1922, “segundo os documentos encontrados nos Archives Nationales e nos arquivos particulares do senhor Del Debbio”, foi registrada “a passagem de 75 homens e catorze mulheres brasileiros pela instituição” (SIMIONI, 2005, p. 344).

CAPÍTULO 5



RODA DA FORTUNA: PARIS ENTREGUE A UM JOGO DE SORTE

Certo dia, quando Pierre voltava da casa de Rudolf, na Passage des Panoramas, deparou-se com uma cena revoltante na esquina da Rue d'Antin com a Rue Saint Augustin: o despejo¹ de um feirante idoso, com sua esposa e seus quatro filhos. Indignado com tal situação, mas sem saber exatamente o real motivo, o rapaz se dispôs a ajudar; carregou algumas caixas com roupas e utensílios do lar que estavam espalhados na rua e levou para a casa de um conhecido da família, nas proximidades do acontecimento. Ao conversar com a família durante o trajeto, descobriu que o motivo daquela confusão era a compra de alguns imóveis da região, para a construção da Avenue de l'Opera.

Como forma de agradecimento pela ajuda, o feirante entrega a Pierre uma bússola que pertencia à sua avó, Josephine Ruisseau. A bússola de bolso era de bronze, não funcionava muito bem e tinha grafado em seu interior "J. R. 1764". O idoso conta que encontrou o objeto próximo ao local de onde vendia as verduras e os temperos, em meio alguns cascalhos na rua. Ele perguntou para várias pessoas durante anos se alguém reconhecia a bússola, principalmente para integrantes da família Ruisseau. Um primo do pai de Pierre, identificou ser de sua tia Josephine, que havia sumido há anos. Foi quando ele procurou Louis, que a reconheceu e recusou a "velharia", já que tinha raiva do sumiço de sua mãe.

Dessa forma, o feirante guardou a bússola com ele durante todo esse tempo e achou adequado entregar à Pierre, como gratidão pela postura solícita do rapaz. Ao contrário de seu pai, Pierre aceitou a bússola e se sentiu lisonjeado por ter um objeto tão valioso e que carrega em si, a memória de sua avó que nunca chegou a conhecer.

Pierre se despediu da família do feirante e, presenciar esse caso de expropriação, o fez lembrar da breve conversa que teve com o grupo de estudantes na Bibliothèque Saint Geneviève, no dia em que Emma lhe mostrou o livro de Debret. Era fato que se tratava de mais uma consequência do plano de urbanização do prefeito Barão Georges Eugène Haussmann. Decidiu então ir até a biblioteca em busca de mais informação e, no caminho, parou para comprar um jornal num bouquiniste² nas margens do Sena. Ele viu no jornal, vários anúncios sobre a venda desesperada de imóveis que estavam na fila para a demolição e o aumento dos aluguéis nas proximidades das novas vias.

Ao chegar na Saint Geneviève, Pierre encontrou Emma e Laurent. Com certa afobação, Pierre relatou o caso de despejo que presenciou e mostrou os anúncios do jornal. Havia um novo mapa sobre a mesa, e nesse mapa constava todas as novas vias do plano de urbanização.

Debruçado sobre o mapa, Laurent diz à Pierre, que nos planos do Préfet de La Seine, Paris sofreria mudanças drásticas em sua paisagem. Sob a égide do imperador Napoleão III, Haussmann propôs a criação dos Boulevards, para estabelecer uma nova ordem física / higiênica (para combater as doenças infectocontagiosas), arquitetônica

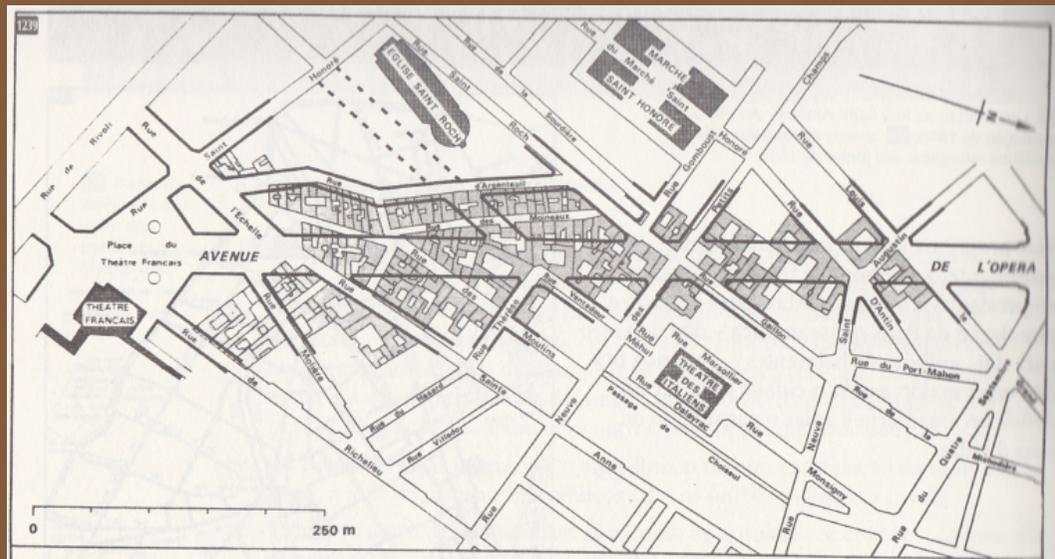


Figura 21. Planta da Avenue de l'Opera com indicação das novas frentes de rua, e dos terrenos desapropriados segundo a lei de 1850.



Figura 22. Charge de Daumier publicada em 1854.

O dono da casa: 'Ótimo! Estão derrubando outra casa. Aumentarei o aluguel de todos os inquilinos em duzentos francos'

/ estética (para valorizar os monumentos e novas construções) e territorial / militar (para evitar o levante de novas barricadas em futuros combates) para a cidade. De tão radical, propunha estripar o centro de Paris, sem poupar sequer os monumentos históricos artísticos e arquitetônicos que se encontravam no caminho de seus novos planos.

Junto ao mapa, havia algumas anotações, que delineavam o plano de execução das obras, em andamento desde 1852. O dispendioso plano destruiu a Paris medieval e as suas marcas, a fim de impor um modelo burguês de cidade, com novo padrão arquitetônico para os edifícios (em estilo neoclássico com tons pastéis), e urbanístico para a cidade, com suas grandes avenidas e boulevards, que previam o leito revestido de asfalto, calçadas largas e arborizadas, concordando com a valorização dos grandes jardins, dos espaços abertos e da perspectiva. A valorização da linha reta rompia com o antigo modelo orgânico (visto como atrasado) e correspondia à tendência do século que revolucionava a técnica e a arte:

O reino florescente das decorações,
O encanto da paisagem, da arquitetura
E de todo o efeito do cenário repousam
Sobre a lei da perspectiva pura.

Das Blütenreich der Dekorationem,
Der Reiz der Landschaft, der Architektur
Und aller Szenerie-Effekt beruhen
Auf dem Gesetz der Perspektive nur.

Uma perspectiva de 2.3 km já havia sido realizada entre a Gare de l'Est e a cúpula da Câmara de Comércio no decorrer dos anos de 1852 a 1858, pelos bulevares Strasbourg e Sébastopol, distribuindo "o complexo de espaços abertos nos quais a 'encruzilhada' de Paris foi a praça de Saint-Jacques e a du Châtelet, com seus dois teatros simetricamente alinhados"³. Essas duas aberturas compostas por edificações monumentais criaram conexões visuais para uma ideia de modernidade⁴ que se baseava na amplidão e na fácil identificação dos lugares, como forma de acabar com a insalubridade e a degradação do modelo medieval.

Dessa forma, vários ângulos agudos e obtusos eram desenhados para impor essa nova visão estética à cidade; cujo cenário geometrizado começava a se consolidar. Para Haussmann, a cidade passava de um canteiro de obras para uma extensa galeria de arte, pois a cada edifício construído, uma lona gigantesca era usada para cobri-los, até o momento de sua inauguração, sendo assim revelados de forma monumental⁵. O Prefeito Barão admirava e valorizava tanto as produções artísticas que intitulava a si mesmo como um "artiste démolisseur" (artista demolidor). Em suas próprias palavras, afirmava que tinha "o culto do Belo, do Bom, das coisas grandiosas, da bela natureza inspirando a grande arte"⁶.

Haussmann "sentia-se como que chamado para a sua obra"⁷. Como um maestro, ele regia o caos, transformava o sólido em pó, o sereno em tempestade. Ao observar com mais acuidade o que acontecia à sua volta, Pierre associava o culto às coisas

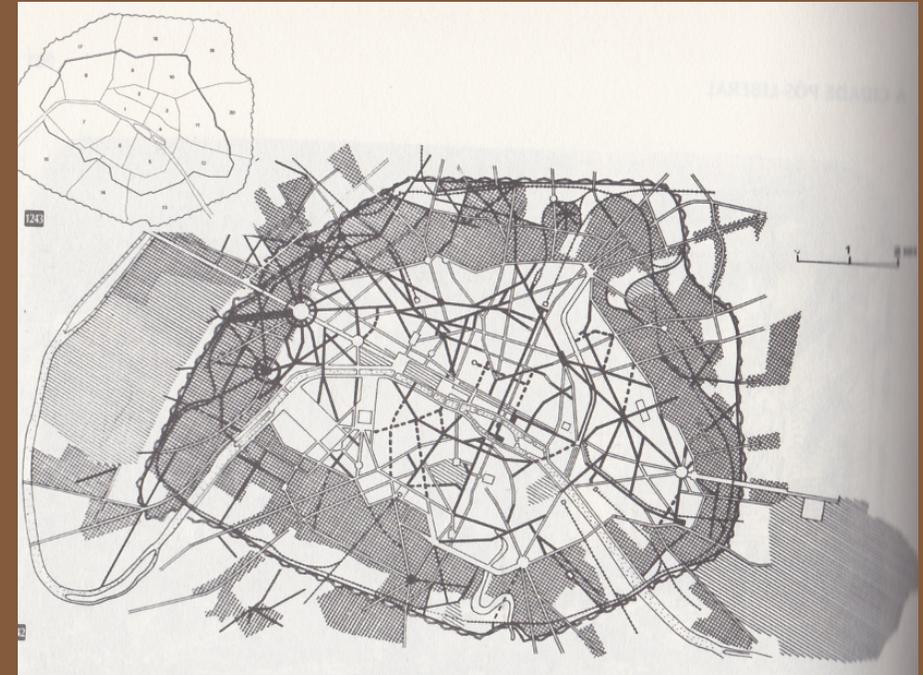


Figura 23. Esquema dos grandes trabalhos de Haussmann em Paris: em preto as novas ruas, em tracejado quadriculado os novos bairros, em tracejado horizontal os dois grandes parques periféricos: o Bois de Boulogne (à esquerda) e o Bois de Vincennes (à direita).

grandiosas do barão como uma orquestra demolidora que emitia os sons de Carmina Burana - O Fortuna, de Carl Orff⁸, pois a intensidade das ações se assemelhava ao conceito emoldurado sobre a Roda da Fortuna, que gira de forma contínua e desenha alternadamente a boa e a má sorte. A partir da parábola sobre a vida humana, que é exposta a constantes mudanças, Paris se entregava a um jogo de sorte. E toda essa sorte seria regida segundo a concepção do próprio prefeito, o qual se justificava em prol à ordem socioespacial.

Pierre percebeu que por muito pouco o local da sua casa foi preservado e não recebeu um valor para venda, pois a Pension Laveur, sua vizinha, bem como o Hotel Panckoucke, também estava na fila das demolições, para o projeto da construção da Rue Danton. De repente, Paris se vê novamente em meio ao caos, porém, ao invés da poeira levantada originar-se do levante das barricadas, era o desmanche dos prédios e das quadras que envolviam de pó o espaço urbano. A cidade inteira se encontrava em meio a uma intensa reforma, “as velhas muralhas se dilatam levando consigo os bairros antigos, ampliados, mantendo as proporções sobre um horizonte mais largo nos confins da cidade”, estes bairros mais antigos circundam os que são “um pouco menos velhos, também maiores no perímetro, mas afinados para ceder lugar aos mais recentes que fazem pressão de dentro para fora; e assim por diante até o coração da cidade”⁹.

Apesar desse processo estrutural já estar em andamento há algum tempo, foi neste dia que Pierre começou a compreender os impactos do que havia registrado nos mapas e das construções na vida das pessoas, que aconteciam inicialmente, de forma mais isolada. No caminho de volta para casa, o cenário era desolador, o frio e um vazio de sentimento tomou conta de Pierre, pois toda a cidade que conhecia e tentava resgatar de suas memórias estava esvaindo-se de seus olhos. Paris já não era mais a mesma cidade que crescera, as pessoas transitavam com semblantes confusos e inertes ao que se passava.

Enquanto caminhava vagarosamente entre as vielas e as ruas estreitas, que ainda permaneciam de pé na porção da Université, se encontrou com Baudelaire que também observada a cidade medieval sendo destruída, com o apagamento de seus símbolos e significados passados. O flâneur se entregava às fantasmagorias do espaço, que “correspondem as fantasmagorias do tempo, pelas quais o jogador se deixa levar. O jogo transforma o tempo em ópio”¹⁰. Diante da hipnose, em meio ao cenário de destruição, Charles Baudelaire diz a Pierre que a cidade presencia um momento de metamorfose, tão rápida e visivelmente perceptível, que foi possível acompanhar o processo em uma única geração. Para Baudelaire,

A velha Paris não existe mais
(a forma de uma cidade muda mais depressa, ai! Do que o coração de um mortal) (...) Paris muda! Mas nada se moveu em minha melancolia!
Palácios novos, andaimes, blocos, velhos subúrbios, tudo para mim se torna alegoria, e minhas caras lembranças são mais pesadas do que rochas¹¹

Le vieux Paris n'est plus
(la forme d'une ville change plus vite, hélas! que le coeur d'un mortel) (...) Paris change! mais rien dans ma mélancolie! N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs, vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie, Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs¹².

Enquanto Baudelaire poetizava o espaço da flânerie, “Paris se tornava uma cidade estranha para os próprios parisienses”¹³, ao ponto de não se sentirem mais em casa ali. Muitas famílias foram obrigadas a se mudarem de suas residências às pressas, devido à destruição em massa e à elevação no valor dos aluguéis, fato este que empurrava o proletariado para os arrabaldes. Os bairros começaram a perder o seu significado e a sua própria fisionomia. Nascia um novo conceito de cidade, tributário da nova estética e do modo de vida burguês, cuja visão entendia os problemas urbanos basicamente como uma questão de higiene, tanto no sentido sanitário como social¹⁴.

A partir desse dia Pierre começou a nutrir uma confusão emocional dentro de si, devido ao contexto sinistro de intensas obras e demolições pela cidade e, a revolta pela forma desumana que os senhorios despachavam seus inquilinos, sem se preocupar se as famílias teriam um rápido acolhimento em algum lugar ou se ficariam à mercê das ruas e de suas iniquidades.

Ao chegar próximo do anoitecer em sua casa, Pierre ainda estava abalado e com muitas questões em seu consciente para absorver. Ele cumprimentou rapidamente seus pais, que estavam acordados, acendeu o lampião e foi para o quartinho de estudos para expressar os sentimentos que estavam à tona na confecção de um mapa.

Eis que ao trabalhar na elaboração deste mapa, a folha em branco se transformou em partitura, a qual O Fortuna de Carl Orff entrava em comunhão com as linhas geometrizadas do plano haussmanianno. Pierre inseriu o que sentia em cada milímetro da cartografia, e deixava a impactante sinfonia o levar diante ao caos ordenado que se configurava ao redor de sua moradia. Quando se deu conta, o mapa estava terminado e, logo em seguida, sobrepôs ao que havia feito anteriormente sobre as suas memórias e as de Baudelaire e, pôde notar o quão devastador seria aquele plano para a sua região. O que seria da pensão Laveur com seu café recheado de estudantes entusiasmados e do Hotel Panckoucke após essas transformações?

Notas Capítulo 5

1 Muitas famílias foram despejadas involuntariamente para que cedessem espaço para as reformas. Com isso, “Paris vivencia um florescimento da especulação”. Segundo Benjamin, “especular na Bolsa ocupa o lugar dos jogos de azar herdados da sociedade feudal”. “As expropriações feitas por Haussmann dão vida a uma enganosa especulação. As sentenças da Corte de Cassação, inspirada pela oposição burguesa e orleanista, aumentam o risco financeiro da haussmannização” (BENJAMIN, P. 41).

2 Bouquinistes: Expressão usada desde o século XVI para se referir aos pequenos livreiros ambulantes de Paris. Em 1649 um regulamento proibiu qualquer tipo de “livraria portátil” e a venda de livros sobre a Pont Neuf - o principal ponto onde os livreiros ambulantes se concentravam. Em 1789 o termo bouquiniste aparece pela primeira vez no dicionário da Academia Francesa. Em 1859, concessões regulamentadas foram instauradas na cidade de Paris e os bouquinistes puderam se estabelecer em pontos fixos às margens do Sena. Em 1930 foram fixadas as normas de padronização e dimensionamento das boîtes - as famosas caixas verdes dos bouquinistes. Instalados sobre mais de três quilômetros ao longo do rio Sena, os bouquinistes parisienses foram declarados em 1992 patrimônio cultural mundial da UNESCO <http://viverparis.blogspot.com.br/2009/01/bouquinistes-de-paris.html>, <http://www.bouquinistedeparis.com/>

3 PANERAI, 2013, p. 14

4 PANERAI, 2013, p. 14.

5 BENJAMIN, p. 41.

6 “Tenho o culto do Belo, do Bom, das coisas grandiosas, da bela natureza inspirando a grande arte, quer ela encante os ouvidos ou agrade o olhar; tenho o amor da primavera em flor: fêmeas e rosas!” | Versão francesa: “J’ai le culte du Beau, du Bien, des grandes choses, De la belle nature inspirant le grand art, Qu’il enchante l’oreille ou charme le regard. J’ai l’amour du printemps en fleurs: femmes et roses!” BARON HAUSSMANN. “Confession d’un lion devenu vieux”, apud. BENJAMIN, 1986, p. 40.

7 BENJAMIN, 1986, p. 41.

8 Carmina Burana - O Fortuna de Carl Orff: Carmina: plural de Carmen (Canção). Significa Canções dos Beurens. Beurens refere-se a origem dos textos, descobertos em 1803 no mosteiro beneditino da Baviera, em Benediktbeuren, sudoeste da Alemanha. A obra divide-se em três seções: o encontro do Homem com a Natureza, no despertar da primavera (Veris eta facies). O encontro dos dons da Natureza, com o dom do vinho (In taberna); e seu encontro com o Amor (Amor volat undique). Como antologia, apresenta o que o mundo cristão exprimiu entre os séculos XI e XII. A coleção original restaura todo um cosmo onde o Bem não existe sem o Mal, o sacro sem o profano e a fé sem maldições e dúvidas: a oscilação onde se encontra a grandeza da Humanidade. http://www.spectrumgothic.com.br/musica/musica_medieval/carmina.htm

9 Trecho da cidade oculta Olinda (CALVINO, 1990, p.119).

10 BENJAMIN, 1986, p.41.

11 BAUDELAIRE, 1985.

12 BAUDELAIRE, 1985, versão francesa.

13 BENJAMIN, 1986, p. 41.

14 Higiene social: ligada à necessidade de erradicação dos bairros decadentes, insalubres,

marcados pela ocupação de imóveis ainda do período medieval e por uma camada de população às vezes miserável, mas, também, simples operários e artesãos.

CAPÍTULO 6



A BÚSSOLA E OS MISTÉRIOS DA FAMÍLIA RUISSEAU

Ao acordar, na manhã do dia seguinte, Pierre se lembrou da bússola que ganhou do feirante e correu para falar com seu pai, que se preparava para sair e continuar a medição no Parque Bois de Boulogne. Antes que Pierre começasse a dizer algo, Louis percebeu a bússola em suas mãos e com um olhar bravo, apertou o passo e disse que estava atrasado, que tinha muito trabalho para fazer naquele dia e que não tinha tempo para conversa fiada. Sem entender essa reação incomum, Pierre foi tomar seu desjejum reflexivo e assim que terminou, resolveu ir ajudar seu pai logo em seguida com a medição, assim ele contribuía com trabalho e aproveitava para saber um pouco mais sobre os mistérios de sua avó e da bússola.

Quando Pierre chegou no parque, seu irmão mais velho estava acompanhando seu pai e já pediu para que ele afastasse alguns obstáculos do caminho. Eles ficaram a manhã toda ali e, no horário do almoço, resolveram retornar para se alimentarem em casa. No caminho de volta, Pierre perguntou sobre seus avós paternos. Seu pai mudou de postura e se mostrou muito incomodado com a pergunta, questionando o porquê ele queria falar sobre esse assunto naquele momento. Pierre retirou a bússola de seu bolso e mostrou para seu pai. Louis fechou a cara e disse que não tinha nada para falar sobre o objeto. Pierre insistiu e seu pai só reafirmou com um tom autoritário que não tinha nada a declarar. O clima ficou esquisito e Pierre decidiu almoçar depois.

Assim que seu pai saiu, Pierre foi almoçar e perguntou para sua mãe se ela sabia o motivo por trás de tantas esquivas de seu pai para falar sobre a bússola e sobre seus avós. O máximo que Eleonore sabia era que a avó de Pierre, Josephine, havia ganhado a bússola de um amigo de infância dela e seu marido Antoine, tinha muito ciúme do objeto. O dia que ela sumiu, estava com a bússola e eles acreditam que ela desapareceu com o tal amigo, por isso Louis tem tanta raiva da mãe. Antoine dizia que a bússola era amaldiçoada e alguns anos depois ele foi lutar na Revolução de 1830 e faleceu por lá. Louis teve que cuidar de seus irmãos mais novos até eles se ajeitarem na vida e ele afirma que seu pai morreu na guerra, mas já estava morto de desgosto por causa de sua mãe.

Pierre compreendeu um pouco da fúria de seu pai, mas perguntou para sua mãe se eles tinham certeza de que aquilo havia acontecido. Ela disse que não chegou a conhecê-los e que essa história era a que o próprio Louis a havia contado. Depois disso, nunca mais se tocou no assunto naquela casa.

Pierre agradeceu a sua mãe por contar essa história, mas não se conformou muito com o que ouviu. Ele sabia que não conseguiria tirar nada além daquilo de seu pai, então decidiu buscar compreender um pouco mais sobre o passado de sua família retornando até o feirante, pois se lembrou que no dia que ele lhe entregou a bússola, disse que um primo de seu pai foi quem identificou o objeto como pertencente à Josephine.

Pierre não tinha conhecimento da existência dessa parte da família, pois seu

pai havia se desentendido com esse primo no passado e eles pararam de se conversar desde então. Quando Pierre chegou no endereço indicado pelo feirante, identificou um homem sentado em uma cadeira de balanço na rua. Ao caminhar em direção a este homem, percebeu que ele estava se levantando para entrar em sua casa. Pierre gritou de onde estava e correu até ele, disse saber que ele era um familiar e que tinha problemas no passado com seu pai, mas que essa briga não o pertencia, ele só queria entender o que havia acontecido e saber mais sobre a história de seus avós paternos.

O senhor olhou para Pierre de forma desconfiada, mas sentiu a inocência do rapaz em querer entender sobre seu passado. Ele se apresentou como Edouard e disse que não tinha muito o que falar a respeito, porque a vida de seus avós era uma incógnita, mas o pouco que sabia, poderia compartilhar. Saber disso já acendeu uma esperança em Pierre, ao menos teria uma outra versão da história para refletir.

Edouard disse que a bússola realmente era um presente de um amigo de infância de Josephine, mas ela não tinha mais contato com ele depois de adulta. Ela era muito aventureira e destemida, gostava de estudar e se interessava nas terras exóticas além do oceano. Alguns diziam que ela era histórica, mas Edouard afirma que ela só queria conhecer o mundo e falava de alguns lugares como se realmente conhecesse pessoalmente, mas seus relatos não passavam de uma aventura literária que ela embarcava em suas leituras. Ela era criativa e gostava de escrever, vivia em bibliotecas. Mas seu marido ciumento a prendia dentro de casa, só permitia para realizar compras no mercado e visitar sua irmã gêmea, Justine. Isso a deixava muito triste e deve ser por isso que sumiu.

Quando o feirante encontrou a bússola jogada na rua, viu grafado o sobrenome Ruisseau, chegou Edouard, que reconheceu ser de sua tia Josephine, porque ela ia com frequência visitar sua mãe e aquela bússola já esteve em suas próprias mãos quando ainda era criança. Se Josephine não estava em sua casa, estava nas bibliotecas, e o tal amigo que a presenteou com a bússola mudou-se para Itália muito novo. Era só isso o que se sabia, não existia contato entre ela e este antigo amigo. Mas Louis estava cego com a história que seu pai contava e quando seu primo foi defender a tia Josephine, eles brigaram e nunca mais se falaram, deixaram de existir um para o outro, por isso Pierre nem os conhecia.

Pierre saiu da casa de Edouard mais desorientado do que antes, era tanta confusão em sua cabeça que não sabia nem o que fazer. Ele dava alguns passos lentos enquanto pensava nas diversas histórias sobre sua avó e a bússola, parava inconformado e observava a cidade que cresceu ser destruída. Acontecia um rebuliço dentro de si, a destruição de tudo o que acreditava era iminente, tanto em seu interior, com as memórias familiares, quanto ao seu redor, com as múltiplas transformações do seu ambiente.

CAPÍTULO 7

A LUZ NO FIM DO TÚNEL: UMA PROPAGANDA DE OPORTUNIDADE



Arrasado, Pierre decide ir em um dos únicos lugares que permaneciam livres de qualquer destruição física ou emocional, na biblioteca Saint Geneviève. Ao se encontrar com Emma, antes que ele pudesse dizer algo, a moça chegou com um sorriso radiante; carregava consigo novos exemplares sobre o Brasil que haviam chegado recentemente na biblioteca. Eram as aquarelas de Johann Moritz Rugendas e dos irmãos Taunay. Por um instante, Pierre percebeu que seu refúgio era justamente a imersão nessas literaturas, ele apreciava cada detalhe das pinturas e pensou se sua avó também sentia esse conforto nas bibliotecas.

Em um certo momento, Pierre contou para Emma sobre seus descontentamentos com a cidade e com seu pai, além de mostrar a bússola e relatar o que sabia até então. Emma se solidariza com as questões de Pierre e também diz sobre seus problemas atuais, que em parte tinham a ver com o sentimento confuso sobre a cidade, já que o aluguel de sua casa estava ficando cada vez mais alto, impossibilitando sua família a continuar vivendo no mesmo lugar.

Enquanto Pierre e Emma observavam os detalhes das pinturas de Rugendas e conversavam sobre a situação a qual estavam expostos, próximo a eles, o italiano e recém-formado em jurisprudência Simone Simonini¹ escutava a conversa dos dois jovens. Ele estava estudando e começando a desenvolver um novo tipo de trabalho e achou oportuno oferecer ajuda, a fim de testar suas habilidades na elaboração de documentos.

Simonini se aproximou dos dois mencionando a literatura que eles estavam folheando, afirmou que “as bibliotecas são fascinantes: às vezes parece-nos estar sob a marquise de uma estação ferroviária e, consultando livros sobre terras exóticas, tem-se a impressão de viajar a paragens longínquas”². Pierre concordou com Simonini e falou sobre a sensação confortante que ele tinha ao visitar as bibliotecas e como ele passou a observar a própria cidade com um olhar diferente, sempre imaginando que um detalhe sutil, como os pássaros que viu brincar no Impasse de Cour de Rouen, fosse o suficiente para fazê-lo sonhar acordado e viajar em pensamentos.

Nesse momento, Simonini disse que Pierre poderia parar de sonhar acordado pelas ruas e ir em busca de conhecer de verdade estes lugares. Ele contou a Pierre e Emma sobre os rumores que pairavam pelos países europeus a respeito das viagens pagas por fazendeiros brasileiros, para o transporte daqueles que se interessassem em trabalhar nas produções agrícolas do Brasil. Simonini disse isso abrindo sua mala preta e retirando de dentro, um jornal italiano com a propaganda que comprovava a informação relatada.

Era possível ler no folheto que o Brasil era um país de oportunidades, evidenciando o clima tropical e a vida sustentada em abundância. Havia muitas riquezas minerais e o governo brasileiro disponibilizava terras e ferramentas para que todos trabalhassem na construção de suas vidas e de seu próprio castelo. Simonini comen-



Figura 25. Propaganda italiana.

tou que, no Brasil, há um senador que constituiu com sua família uma sociedade que contratava mão de obra europeia para trabalhar na fazenda Ibicaba, que se dedicava ao cultivo do café, no interior da província de São Paulo. Esse senador chamava-se Vergueiro e, desde 1840, realiza esse tipo de contratação. Sabe-se que a partir de 1855, o governo Imperial concedeu um “empréstimo de duzentos contos de réis pelo prazo de oito anos, livres de juros, oferecendo em garantia de pagamento terras em valor maior”³. Com isso, os fazendeiros podiam contar com esse empréstimo por oito anos, como um auxílio para o transporte de lavradores de outros países.

Interessado na história, Pierre perguntou se esses rumores sobre a gratuidade da viagem eram verdadeiros. Simonini disse que de onde ele veio, era o assunto mais comentado, ele ouviu dizer que o Sr. Vergueiro “solicitou que fosse permitida às embarcações empregadas na condução de colonos voltar com ‘suas aguadas livres de dificuldades’, assim como pleiteava que os agentes consulares deixassem de cobrar emolumentos pelos passaportes”⁴. Dessa forma, a viagem de navio e o transporte até às fazendas cafeeiras tinham a garantia de um empréstimo que poderia ser pago futuramente, com o desconto do valor por tempo de serviço prestado, até que a dívida fosse totalmente quitada.

Pierre perguntou a Simonini o porquê de estar passando essas informações valiosas para eles e o que ele pretendia com isso. Simonini disse que estava iniciando um trabalho novo e que, ao ver a empolgação dos jovens sobre o país exótico e os incômodos com a vida atual, se sentiu motivado em ajudar. Ele se dispôs a elaborar uma carta de recomendação indicando que tinham experiência em trabalhos agrícolas, ele foi sincero ao revelar que o novo trabalho era sobre falsificação de documentos e afirmou que “quem falsifica documentos deve sempre se documentar”, por isso ele “frequentava as bibliotecas”⁵. Além disso, era nas próprias bibliotecas que ele pescava conversas e começava a estabelecer uma rede de contatos para futuros trabalhos.

Simonini disse que ele ficaria em Paris mais alguns dias, e que se Pierre se interessasse em ir para o Brasil, ele conhecia o cônsul belga Schuttel, uma pessoa importante que poderia ajudá-los a embarcar de forma gratuita pelo porto de Antuérpia, na Bélgica. Era só Simonini elaborar uma carta de recomendação para entregarem a Schuttel, que ele incluiria seus nomes na próxima lista de bordo que se destinasse ao Brasil.

Esta oportunidade apareceu de forma tão rápida e exigiu uma reflexão intensa e muito perspicaz. Pierre, se recordou das viagens mentais que realizava para o Brasil, toda vez que percorria o olhar pelas aquarelas da Missão Artística. Ele se interessava pela história e pelos enigmas entorno dos costumes, inclusive começara a aprender recentemente a língua portuguesa com Emma e Rudolf. Apesar da juventude, ele já se sentia preparado para esse momento há algum tempo e, para sua surpresa, Emma também se interessou em embarcar nessa jornada com ele. Então, no calor do momento, Pierre e Emma aceitaram a proposta de Simonini, que imediatamente se

comprometeu a entregar a carta no dia seguinte e impôs apenas uma condição, que entregassem uma carta dele ao cônsul belga, porque não confiava muito do sistema dos pombos mensageiros.

Decidido, Pierre retorna para sua casa para comunicar a sua família sobre a viagem. Eleonore só percebe que aquilo não se referia apenas a um delírio insano, quando vê seu filho arrumando as malas. Preocupada, ela pede para que Louis vá conversar com o filho, que se recusa interferir, pois se sentia culpado por não revelar a história que sabia por trás da bússola e da vida de seus pais. Precisou a madrugada passar para que Louis tivesse coragem de conversar com Pierre. Com poucas palavras, ele contou a versão que Pierre já conhecia e fora relatada por sua mãe. Com astúcia, Pierre o questiona sobre seu primo Edouard. Louis não esperava por isso e ficou em silêncio por alguns minutos. Antes que Pierre saísse de casa, com suas malas prontas, Louis apareceu com um envelope antigo que guardava à sete chaves. Dentro desse envelope havia um pequeno poema escrito com uma tinta bem desbotada:

“Esta bússola indica uma direção,
para sua navegação ou peregrinação.
Ela é velha, parece uma sucata.
Mas sua agulha imantada nunca fica desorientada.

Quando o tempo fechar
e as estrelas não puderem ajudar,
é na bússola que deve confiar.
Ela te guiará no escuro
e em qualquer parte desse mundo.

Só assim poderá me encontrar,
E o segredo dela, irei revelar.
Por enquanto, viva!
E não se assuste quando começar a esquentar”.

No envelope que guardava o poema não havia a indicação de remetente ou qualquer indício que revelasse quem o escreveu. Louis conta que esse bilhete estava guardado dentro de um livro que ficava na gaveta da escrivaninha, ao lado da cama de Josephine. Depois de um tempo que ela havia sumido, seu pai, Antoine, foi quem encontrou o poema e, imediatamente, ficou possesso, sem pensar muito, já julgou ser desse tal amigo que havia entregado a bússola para sua esposa na infância e adotou um ódio mortal pela mulher e pelo objeto. Louis cresceu com esse sentimento, acreditando se tratar de uma única verdade. Quando o feirante apareceu em sua casa para entregar a bússola, ele não quis guardar consigo, por causa de todas essas memórias ruins que o acometiam.

Louis tentou convencer Pierre a não viajar para o Brasil, mas o rapaz estava realmente decidido e não poderia desperdiçar a oportunidade de viver essa experiên-

cia. Pierre pediu para ficar com o poema e Louis não teve muita escolha, estava triste e já havia guardado há tanto tempo essa história dentro de si, que não fazia sentido para ele continuar remoendo as incertezas sobre sua mãe. Apesar dos pais de Pierre não concordarem com a partida, deixaram-no seguir seu rumo.

Chegando na biblioteca, se encontrou com Emma que também estava com suas malas arrumadas. Enquanto esperavam Simonini, chegaram a pensar se aquele homem poderia estar aplicando algum golpe sobre eles, mas depois de uns dez minutos, ele chegou e entregou aos dois a carta de indicação para que pudessem partir em direção às terras tropicais. Simonini entregou também sua carta particular e disse ser de suma importância que entregassem pessoalmente ao cônsul Shuttel, que confiava neles para realizar este trabalho em troca da indicação para a viagem.

Com tudo organizado e uma bússola para orientar no caminho, Pierre e Emma começam sua jornada, embarcam numa carroça alugada na Pont Neuf, e seguem durante dois dias até chegar em Antuérpia⁶, na Bélgica. Durante o percurso, quando realizaram uma parada para se alimentarem, encontraram com uma família de lavradores, naturais de Asbeck, na Prússia, que trilhavam o mesmo destino, rumo ao Brasil para morar e trabalhar na fazenda Ibicaba. Joseph Burger, o patriarca de 44 anos, notou pela fisionomia dos jovens que eram de origem urbana, e os questionou se realmente trabalhariam na fazenda de café. Elisabeth Burger, a matriarca, com 35 anos, que segurava o caçula Heinrich, de 4 anos no colo, sorriu, e disse que os achou muito magrinhos para trabalhar na lavoura e que não iam aguentar uma semana expostos ao sol.

Preocupados com os comentários, Pierre perguntou se por não terem conhecimentos sobre o trabalho rural, seriam barrados para entrar no vapor, pois a passagem de ida ainda estava incerta. Catharina, a mais velha dos cinco filhos, com 20 anos, ensinou um truque para passar pela aprovação do cônsul, que seria basicamente, rolar pedras e terra em suas mãos para deixá-las com aparência calejada⁷; Hermann, de 12 anos, disse que Catharina estava fazendo isso desde que saíram de onde moravam e, em seguida ela mostrou que suas mãos já estavam parecendo de uma típica trabalhadora do campo. Joseph, de 10 e Bernard, de 6 anos, estavam tão cansados, que ficaram dormindo dentro da carroça⁸.

Depois que se despediram da família da Prússia, Pierre e Emma conversaram sobre o que esperavam fazer quando chegassem ao Brasil. Pierre disse a Emma que não tinha o objetivo de ir para a fazenda trabalhar no campo, que o interesse dele era conhecer as vilas e cidades do país, em busca de vivenciar aquilo que tanto sonhou enquanto folheava os livros e aquarelas dos artistas viajantes. Emma afirmou que tinha interesse de ir para a fazenda, mas que era para eles manterem o contato por troca de correspondências.

Notas Capítulo 7

1 Sobre a idade e a vida do personagem Simoni Simonini de Umberto Eco, foi relatado o seguinte: “Era 1855, eu já tinha 25 anos, havia conseguido um diploma em jurisprudência e ainda não sabia o que fazer da minha vida” (ECO, 2011, p. 90).

2 ECO, 2011, p. 112.

3 COSTA, 1999, p. 204

4 COSTA, 1999, p. 204

5 ECO, 2011, p. 112.

6 Para esse tempo de viagem de carroça foi considerado com base em tempo aproximado do percurso de bicicleta de Paris à Antuérpia pelo Google Maps

7 Este acontecimento foi contado por Frederico Papali, neto de imigrante, que fez esta ação para conseguir embarcar para o Brasil. Foi autorizado por ele inserir esta memória como parte da história desta narrativa.

8 Informações dos nomes e idades da família retiradas de uma lista de bordo do ano de 1862 Museu do imigrante: Estado de São Paulo - Lista de bordo - imigrantes.

CAPÍTULO 8



BREVE PASSAGEM POR ANTUÉRPIA E O VAPOR CHALLENGER

Duas luas se passaram para que Pierre e Emma chegassem à Antuérpia, junto com os primeiros feixes de luz solar que inauguravam a manhã e iluminavam os detalhes das empenas ornamentadas de uma sucessão de prédios coloridos. A configuração das ruas muito se assemelhava com as da antiga Paris, com suas vielas estreitas que guiavam em mistério os passos do caminhante atento até uma construção majestosa. A surpreendente igreja Sint-Pauluskerk, era abraçada pelas construções ao seu redor, e mostrava-se vigorosa pelas poucas partes que lhe deixava transparecer à altura dos olhares de Pierre.

O escritório do cônsul Schuttel ficava próximo dali, em frente à praça Vee-marktade, no último andar de um dos prédios que compunha a paisagem de centenas de tijolinhos vermelhos à vista. Ao se encontrarem com o cônsul belga Schuttel, Pierre e Emma se apresentaram e entregaram a carta de Simonini em suas mãos. Ele olhou, reconheceu a caligrafia e guardou o envelope dentro de uma gaveta que era trancada com chave, agradeceu e disse que leria depois.

Antes que Schuttel pedisse para que os jovens se retirassem de sua sala, Emma entregou as cartas de indicação escritas por Simonini, para que ele considerasse embarcá-los em algum vapor com destino ao Brasil. Schuttel disse que não poderia fazer muito pelos jovens, porque eles deveriam comprovar a experiência com o trabalho no campo para o comandante da embarcação.

Pierre perguntou ao cônsul se poderia indicar o nome do comandante que precisavam encontrar para a comprovação do trabalho braçal e, Schuttel, em posse de um papel que continha a relação de todas as viagens que atracavam naquele porto, revelou que na tarde do dia seguinte o comandante W. Lubbe guiaria o vapor Patacho Dinamarques Challenger¹ para a cidade de Santos, com trabalhadores para a Fazenda Ibicaba. Emma aproveitou e pediu com gentileza, que o cônsul escrevesse para eles em um papel essa informação e o local para encontrarem o tal comandante, e assim Schuttel fez.

Quando se despediram do cônsul belga, antes de descer a escadaria, Pierre olhou pela janela do hall de entrada e percebeu que a vista daquele andar era encantadora, parou para admirar os contornos da igreja gótica, cuja vista lateral só era possível ser avistada pela altura a qual ele se encontrava. Em posse de seu caderno de anotações, ele fez um croqui da igreja, a fim de iniciar o registro de seus caminhos e paisagens dos lugares que conheceria a partir de então.

Com as mãos bem calejadas, devido à dica que a família Burger passou no trajeto até Antuérpia, Pierre e Emma certificavam-se que a passagem de ida para Santos estaria garantida no dia seguinte, mas decidiram procurar o comandante imediatamente lá no cais. Um senhor que recebia os tickets de embarque avisou que o comandante que procuravam estaria ali no porto só no dia seguinte, duas horas antes do embarque no vapor Patacho Dinamarques Challenger para validar as comprovações

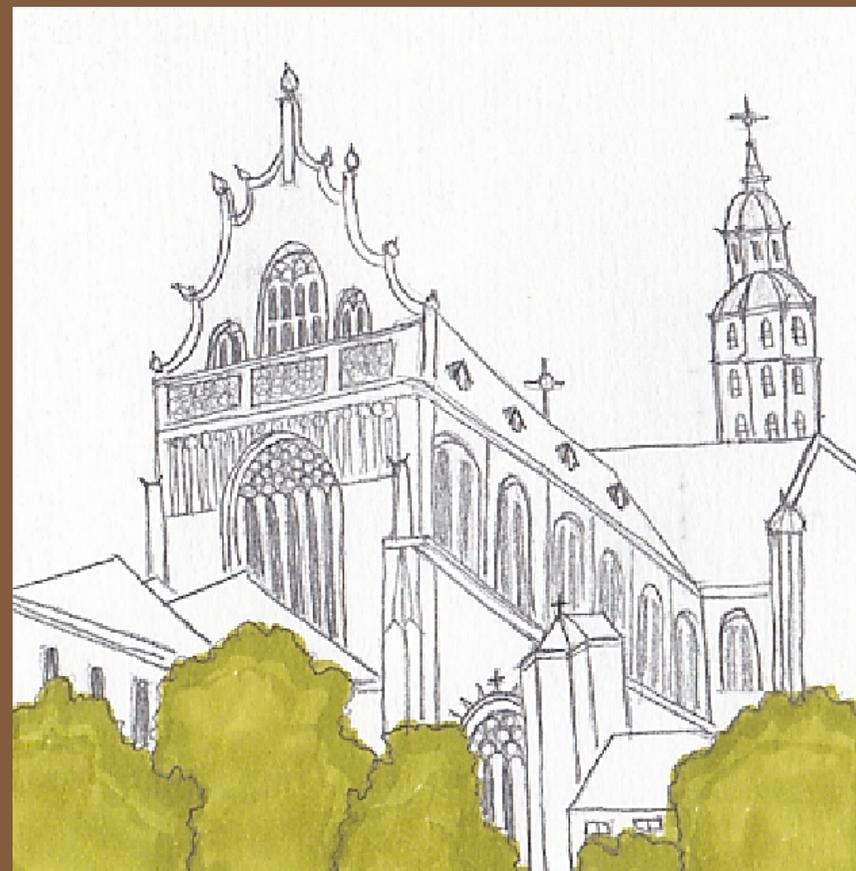


Figura 26. Igreja Sint-Pauluskerk

necessárias, no período vespertino.

Sabendo disso, aproveitaram o restante da tarde daquele dia para conhecer, um pouco mais, a cidade de Antuérpia. E foi caminhando pelo porto que sentiram o ritmo acelerado da cidade. Era tanta gente que passava por ali que era difícil perceber uma mesma pessoa mais do que duas vezes com o mesmo olhar, pois ao mesmo tempo em que se firmavam encontros, os desencontros reafirmavam a correria do lugar.

Ao serrar os olhos em meio à multidão, Pierre se encantou com um castelo próximo ao porto. E não era de se espantar, pois notadamente se tratava da construção mais antiga da cidade que, por sorte, havia se transformado em museu arqueológico naquele mesmo ano, em 1862. Tratava-se do castelo Steen Stone, construído no século XIII junto com o nascimento da própria cidade. Foi a partir dali que a cidade cresceu e se expandiu até a contemporaneidade. No início, o castelo foi morada dos nobres de Flandres, e funcionou como prisão entre 1549 e 1823.

Quando se aproximaram do museu, um guia poliglota começou a contar a um grupo de pessoas, a lenda que regia a história e o significado do nome de Antuérpia: um gigante, chamado Antigoon, que habitava as proximidades do Rio Escalda, cobrava impostos de todos aqueles que precisassem atravessar o rio. Aqueles que não atendessem a esta condição, tinham as mãos decepadas pelo gigante, que as atiravam no rio. Certo dia, Brabbo, um homem corajoso, decidiu confrontar o gigante e venceu a batalha, decepando as mãos do gigante e as lançando ao rio. Essa lenda resume a origem etimológica do Flandres (língua holandesa), onde *hand* significa mão e *wearpan*, arremessar, portanto, *Antwerpen*, significa *mão arremessada*².

Após contar essa história do lado de fora do castelo, o guia orientava o grupo a visitar o interior do museu arqueológico e avisava sobre algumas salas com portas fechadas devido a adequações que ainda aconteciam na estrutura do prédio. Por um ato de curiosidade, Pierre conseguiu abrir uma das portas e se deparou com uma sala desorganizada e, em meio àquela bagunça, encontrou uma coleção de mapas da cidade. Neste mesmo instante, seus olhos brilharam. De forma instintiva adentrou a sala para enamorar cada plano desenhado, cada cota de nível e cada traçado das ruas. A cidade que ele começou a conhecer flanando, de repente, apresentou-se em sua totalidade. Dessa forma, agilmente, ele traçou em seu caderno as ruas que compunham o centro e a região do porto. Quando terminou suas anotações, saiu discretamente da sala e se encontrou com Emma, que já estava preocupada com seu sumiço.

Ao se afastar do castelo, em meio à confusão do porto, Pierre encontrou um banco de madeira e com detalhes em suas pernas de ferro fundido, cuja vista privilegiada estava perfeita para registrar em seu caderno, um esboço do castelo que acabaram de visitar. Dali ele guardava as memórias do coração de Antuérpia, cujas veias permitiram a circulação de todo o sangue venoso e arterial que ganharam vida com a construção da cidade.

O dia termina e, os jovens aventureiros, procuram se acomodar em uma sim-



Figura 27. Castelo Steen Stone

ples pensão no centro da cidade. Antes que o sol nascesse, Pierre já havia se levantado e, sozinho, sob a luz de um lampião, incorporava as suas impressões do dia anterior ao projeto de mapa que esboçou no castelo. Deixou em evidencia o local referente à Church Of Our Lady e a Grote Markt, cujos lugares fez questão de conhecer antes de embarcar no Vapor Challenger.

Ao se aproximar da catedral, sentiu a imponência da torre central, que tinha mais de 120 metros de altura. Nesse momento se lembrou da Notre Dame de Paris e começou a pensar em como seriam os templos religiosos no Brasil, teriam eles essa mesma imponência? Pelas aquarelas e impressões registradas pelos viajantes, foi possível notar uma arquitetura bem diferente daquela que estava acostumado a conviver. Enquanto navegava com o tilintar da sua imaginação, olhou novamente para aquela torre e quanto mais alto elevava seu olhar, mais o azul do céu a engolia. Resolveu registrar, também em seu caderno, as majestosas linhas verticais que compunham a arquitetura da Church Of Our Lady³.

Depois de horas conhecendo a catedral e as suas proximidades, Pierre pensou em desenhar as Guils Houses que cercavam a Grote Markt com sua arquitetura pitoresca em estilo renascentista flamengo, mas os sinos da catedral anunciavam a hora de partir. Emma e Pierre voltaram correndo para a pensão em busca de suas bagagens e, em menos de 20 minutos, já pertenciam novamente à confusão do porto. Dessa vez, não estava ali apenas para flunar, mas para fazer parte dos procedimentos de embarque. Em meio à multidão, Emma avistou a família Burger e, imediatamente, foram ao encontro deles, para o mesmo cais. A adrenalina aumentava a cada passo que se aproximavam do navio para sair do continente. Havia homens gritando em diferentes línguas, segurando cartazes e indicando caminhos.

Na fila de embarque, o comandante W. Lubbe validava os passaportes e, a cada passo que davam, mais aumentava a expectativa do que estava por vir. Chegada a vez dos dois amigos, Emma entrega ao comandante a anotação do cônsul Schuttel com a indicação para procurá-lo. Tanto ela quanto Pierre mostraram suas mãos calejadas como prova de uma experiência de trabalhos no campo. Se não fosse o bilhete com a letra do cônsul, Lubbe provavelmente não os deixaria embarcar, mas aceitou e acrescentou seus nomes no final da lista de bordo daquela viagem.

Assim que todos haviam embarcado, chegou a hora tão esperada, o comandante W. Lubbe se apresentou formalmente e anunciou, em voz alta, o horário da partida com o vapor Patacho Dinamarques Challenger, marcando o início de um novo começo. Da mesma forma que Emma se entusiasmava com o futuro na fazenda Ibicaba, Pierre só pensava em como seria a sua reação ao ver as paisagens bucólicas que conheceu ao folhear os livros na biblioteca. Como último registro de Antuérpia, enquanto as paisagens e sentimentos estavam frescos em sua memória, Pierre se apressava em desenhar o porto.

O Brasil realmente parecia ser o país das oportunidades. Havia tantas famílias



Figura 28. Church Of Our Lady



Figura 29. Porto de Antwerpen



Figura 30. Croqui de Santos, visto pelo Vapor Challenger, segundo concepção de Pierre.

a bordo que era difícil encontrar um espaço tranquilo para fazer uma leitura e, quiçá, desenhar. Aos poucos, os jovens foram se acostumando com o balanço das ondas e o transpassar de pessoas. Pierre aproveitou o tempo da viagem para esboçar traços de sua memória recente e registrar o que esperava encontrar por lá. Os escorços iam ganhando vida a partir da representação das suas experiências.

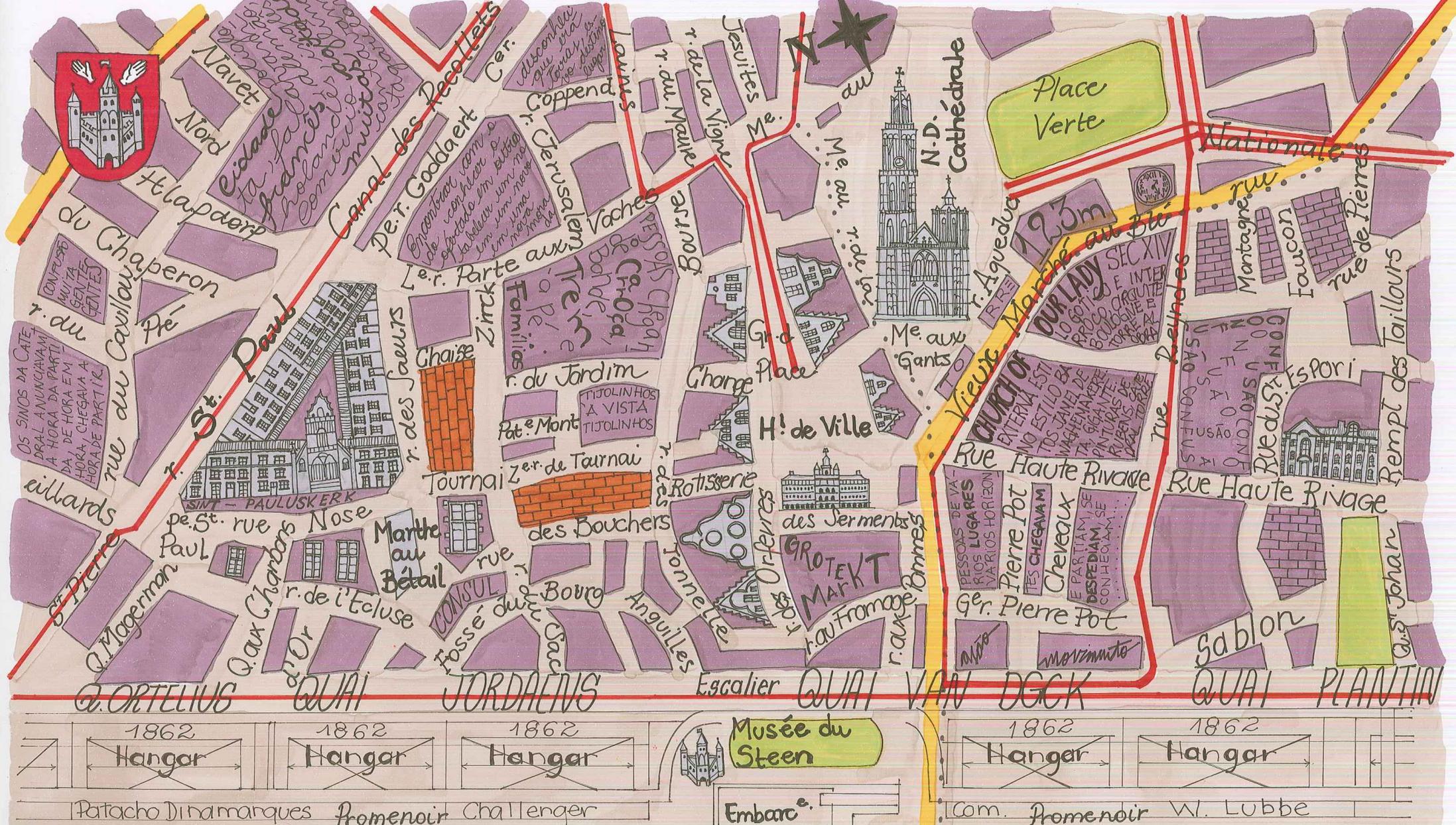
Palavras contavam as histórias de Antuérpia, desde a luta de Brabbo contra o gigante Antigoon, até as impressões da cidade pitoresca de tijolinhos à vista, onde em cada esquina era possível imaginar embates da luta que marcou a cidade com a escolha de seu nome. O navio partia com uma grande quantidade de pessoas, de diversos lugares do continente, que tinham um sonho em comum: encontrarem-se com o desconhecido, conhecer o que era ofertado e estabelecer um novo destino. Tudo era minuciosamente descrito no mapa artisticamente esboçado por Pierre, que representava o início dos registros e representações das suas experiências de viagens.

Enquanto Pierre desenhava, Emma o questionava sobre o que pretendia fazer quando chegasse no porto de Santos, considerando que haveria um transporte os aguardando para levar até a Fazenda Ibicaba. Pierre disse para Emma não se preocupar, que chegando lá ele encontraria um jeito para despistá-los. Naquele momento ele só pensava em terminar a sua arte enquanto ouvia as histórias da bibliotecária, sobre os jovens que passavam horas discutindo qual movimento artístico fora mais importante ou, os futuros médicos que procuravam nos livros, formas de vencer à peste que se alastrava pelo país.

Muitas luas se passaram naquele navio. Um azul infinito se manifestava por vários dias no céu e no mar, até quando - já duvidando que houvesse terra na imensidão do oceano - o comandante Lubbe avistou terra firme e puxou a corda do apito de vapor do navio para avisar seus passageiros que o tão esperado destino estava próximo e que, tão logo, poderiam desembarcar.

Pierre conversava com Emma em um banco de madeira, na proa do Challenger, próximo às cordas e ao equipamento de ancoragem, quando ouviram o som ensurdecedor do apito. Uma multidão que estava no bombordo e no estibordo se direcionou à posição em que eles se encontravam. Os dois, cessaram a conversa, ajoelharam-se onde estavam sentados, debruçaram sob a balastrada e se puseram, também, a observar a longínqua paisagem de terra firme.

Na neblina costeira, Pierre observou outro mar à sua frente, era um mar de morros, cujas ondas desenhavam as asas de uma rapina em movimento, que, em suas patas, carregava uma cidade. No vai-e-vem do balanço das ondas e no uivar dos ventos, vê-se raptado por essa ave "que o afasta do deserto do mar rumo a um oásis de água doce à sombra cerrada das palmeiras"⁴, rumo aos lugares e às paisagens edênicas que tanto cobijava em se aventurar.



O gigante Antigo com habita
 o rio Escalda através o
 e cobrava impostos de qualquer pessoa que
 quem não pagasse, ele arrancava as mãos
 lutou com o gigante e acabou suas
 mãos e "Wanplan" avia merrada.
 despedida! Encontros de...
 adieux rencontres discordances
 afschud vergaderinge

vá a região de Flandres
 que um dia, Brabbe
 a "hand" ser
 portadas
 departs
 lucifers

vinda
 Bienvenue
 Welkom

Figura 31. Croqui da cidade de Antuérpia, Bélgica.

Notas Capítulo 8

1 Estado de São Paulo - Lista de bordo – imigrantes.

2 O prefixo Ant refere-se ao nome do gigante Antigoon.

3 Church Of Our Lady: “A Catedral de Nossa Senhora foi construída no século XIV, em estilo gótico no exterior, e barroco em sua parte interna. Os seus dois grandes construtores foram os arquitetos Jean Amel de Boulogne e de Wagemakere. A Catedral foi durante muitos séculos a mais alta construção em todos os países baixos. Sua torre central possui 123 metros de altura. O interior da Catedral guarda as joias das pinturas de Rubens. Muito foi destruído e pilhado pelos calvinistas durante a reforma protestante, mas algumas obras-primas restaram intactas”. (RBBV, SOON, Rafael, 2018)

4 CALVINO, 1990, p.21

CAPÍTULO 9



DE FLÂNEUR A UM IMIGRANTE FUGITIVO EM SANTOS

Na manhã de sábado do dia 26 de julho¹ de 1862, o vapor Challenger anunciava sua chegada em Santos². Ficou registrado, na memória de Pierre, seu primeiro passo em solo brasileiro. Todos que estavam no navio se encontraram com um homem que segurava um cartaz escrito “Colônia Ibicaba – Sr. Vergueiro”, e teve uma chamada oral pelos nomes que constavam na lista de bordo, entregue pelo comandante Lubbe, para depois seguirem com destino à fazenda cafeeira no interior da província paulista.

Pierre sabendo que seus nomes estavam no final da lista, aproveitou o tempo da chamada para se despedir rapidamente da família Burger e de Emma, que lhe roubou um abraço bem apertado. Ela se preocupava com o amigo andando sozinho naquele continente desconhecido. Enquanto estavam abraçados, Pierre agradeceu a preocupação e coragem de Emma por aceitar essa mudança radical de vida. Prometeram um ao outro se comunicarem por cartas, Pierre encaminharia para Ibicaba contando por onde andou e o que encontrou em seus caminhos, além de indicar o endereço para que Emma enviasse as respostas e também relatasse sobre sua experiência na fazenda. Assim que se despediram, o rapaz saiu disfarçadamente do bando com o objetivo de flunar pela primeira cidade das tantas outras que ele iria visitar.

Quando Pierre se afastou um pouco, percebeu que um dos homens que estavam organizando as famílias para levar à fazenda Ibicaba, estava indo em sua direção. Logo, Pierre começou a se esgueirar entre a multidão que estava no porto para se misturar e confundir o olhar daquele que o seguia. Mas o homem começou a apertar o passo e andar mais rápido e, por conhecer bem o lugar, ele tomava atalhos para se aproximar ainda mais de Pierre. Assim sendo, Pierre começou a correr e a esbarrar nas coisas e nas pessoas, sem a intenção de promover o caos, ele já estava imerso nele, parecia impossível conseguir despistar aquele homem.

Em determinado momento, diante a sua euforia, Pierre parou em frente à uma viela estreita e decidiu arriscar a sorte em busca de alguma saída inusitada por aquele caminho esquisito. A viela o levou para uma escadaria ainda mais estreita, que desembocava em uma pequena ponte de madeira sustentada por estacas próximas ao mar e passava por detrás das casas que ali despejavam seus dejetos. Dali Pierre conseguia ver o mar e as várias embarcações que atracavam no porto. Após quase uma hora escondido, ele percebeu que conseguiu despistar o homem que o perseguia e decide voltar pelo mesmo caminho.

Observando de forma mais atenta, percebeu na viela, um pardieiro que tinha em uma porta de madeira de cor azul desbotado, uma placa pregada com a indicação do funcionamento de uma pensão. Pensou em se acomodar no quartinho de madeira que estava disponível, no sótão do estabelecimento comercial com detalhes curvilíneos em seu frontão, cujo acesso era realizado por uma escadaria íngreme com degraus assimétricos, que seguia em zigue-zague pela fachada cega da lateral



Figura 32.
O Porto de Santos (visto à direita) de Benedicto Calixto, 1890



Figura 33. *Porto Santista*

do prédio. A escada chegava a uma varandinha esquisita com uma porta caindo aos pedaços. Quando Pierre pensou em declinar da estadia, a dona da pensão apareceu para falar com ele e mostrar as dependências. A senhora foi tão simpática que ele decidiu ficar por ali e já aproveitou para descansar um pouco daquela correria.

No dia seguinte, Pierre se alimentou em uma padaria próximo de onde estava e saiu munido de seu caderninho de registros e alguns lápis coloridos para flunar pela primeira cidade em solo brasileiro. Ao iniciar sua caminhada de forma mais tranquila pelo porto, o olhar de Pierre não via apenas as coisas, mas figuras de coisas que significavam outras coisas, como “o torquês indica a casa do Tiradentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda”³. Além disso, a intensa movimentação de passageiros e comerciantes se dava por vultos, por intermédio dos quais identificava uma criança sardenta, e de repente, perdia-a de vista; via uma senhora com cabelo de algodão em posse de sua bengala e a multidão a escondia. Por sorte, se recordou que essa movimentação toda o ajudou com sua fuga.

Além de pessoas, “milhões de sacas de café, provenientes das fazendas do interior do estado eram apinhadas nos armazéns”⁴, no cais, “o produto era selecionado, ensacado, transportado para as docas, onde os navios a vapor, com destino à Europa e aos Estados Unidos, eram carregados”⁵. Era notável como a economia do país estava em ascensão, pois havia muitas pessoas no porto chegando para trabalhar e muitos produtos saindo para exportação⁶.

Nas proximidades do porto, Pierre tentou decifrar os símbolos escondidos por detrás das dinâmicas socioespaciais, e, “se um edifício não contém nenhuma insígnia ou figura, a sua forma e o lugar que ocupa na organização da cidade bastam para indicar a sua função”⁷. Exemplo disso é a igreja matriz, um templo espaçoso que foi “colocado em um dos melhores largos da cidade, perto do movimento do porto e ao lado das repartições da alfândega e do correio”⁸.

Assim como algumas igrejas de Paris e de Antuérpia, a igreja Nossa Senhora do Rosário se misturava às construções ao seu redor, mas apenas o formato de sua empena, marcada pelo frontão ondulado que “iniciava logo após a larga cimalha, com óculo central e encimado por uma cruz”⁹ a diferenciava das demais construções, pois mantinham o mesmo padrão colonial das vergas e contravergas curvilíneas das janelas.

Além da igreja do Rosário, Pierre avistou outros templos religiosos pela cidade, como a igreja da Santa Casa de Misericórdia (segunda mais antiga, sendo a primeira não mais existente), a igreja Maria José, a capelinha da Graça (pertencente ao convento do Carmo), e a igreja Nossa Senhora do Monte Serrat que, se localizava no alto de um morro pitoresco, visível até das embarcações que estavam no mar, sendo um dos principais destinos de romaria entre os navegantes, como agradecimentos pelas viagens e o cumprimento de promessas¹⁰.

Aos pés do morro havia a fonte Itororó com seu frontão curvo e revestido na



Figura 34.
Igreja Nossa Senhora do Rosário em Santos



Figura 35. Monte Serrat

parte central, com azulejos portugueses e pequenas esculturas. Essa fonte indicava o início do caminho para chegar até a Igreja no topo do morro, que se realizava por uma escadaria ladeada por fontes adornadas e pitorescas, também em estilo colonial, onde cada lance de degraus deslumbrava Pierre com uma vista panorâmica que avançava para além da totalidade das ruas, das construções, das praças, do porto, do estuário e do mar de morros em direção da serra do mar¹¹.

Continuando sua caminhada pelo centro da cidade de Santos, Pierre avistou “alguns bons hotéis, pousos e ranchos”¹², o seu olhar percorreu as ruas “como se fossem páginas escritas: (na verdade) a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso”¹³. No entanto, nem tudo é o que parece ser. As ruas largas e bem calçadas, “adornadas de alguns prédios elegantes e de muitos edifícios notáveis”¹⁴, não deixavam perceber alguns becos e ruas estreitas que se constituía pelos cortiços¹⁵ e moradias pertencentes à população pobre da cidade. Inclusive foi com o objetivo de se esconder que Pierre encontrou esses caminhos ocultos dentro do centro aparente da cidade.

Pierre percorre por esse centro escondido com o olhar de um flâneur e observa construções de um a dois pavimentos. As “casinhas” ou “quartinhos de madeira” de um pavimento levavam geralmente ao quintal de alguma estalagem, ou mesmo aos fundos de casas de famílias mais humildes, enquanto as de dois pavimentos acomodavam os estabelecimentos comerciais que funcionavam no térreo e o andar superior era destinado às residências familiares¹⁶.

Próximo à região do porto, havia um imenso mapa da cidade pintado em uma parede de azulejos com tons azuis. Munido de seu caderninho em mãos, começou a desenhar. Algumas crianças, com pés descalços, começaram a rodeá-lo, curiosas para saber o que ele fazia ali. Ao ver os pezinhos se aproximarem, ele levantou a cabeça e sorriu. Em cada olhar brilhante era possível ver a paleta de cores usada por Debret em suas aquarelas, que detalhavam tão bem os rostos daquela gente colorida. Depois que terminou de esboçar o mapa, entregou alguns de seus lápis para aquelas crianças. Quem sabe uma delas começasse a se interessar em registrar as belezas de suas paisagens e seu cotidiano.

Além das crianças, um pouco mais distante, um homem chamado Rufino também observava Pierre, porque em meio a um porto movimentado como aquele, dificilmente se avistava alguém perambulando pelo local tão sossegado. Suspeitou que se tratava de um artista e assim que as crianças saíram de perto do rapaz, Rufino se aproximou para ver mais de perto o que ele havia rabiscado por ali. Puxou conversa e só pelo sotaque, já identificou que Pierre era francês. Se apresentou como um comissário¹⁷ do porto e demonstrou muito apreço pelo croqui desenhado, mesmo sendo ainda apenas um esboço.

Rufino convidou Pierre para almoçar no Restaurante Central da cidade, pois gostava de se distrair com conversas alheias e contar sobre suas vivências. Enquanto

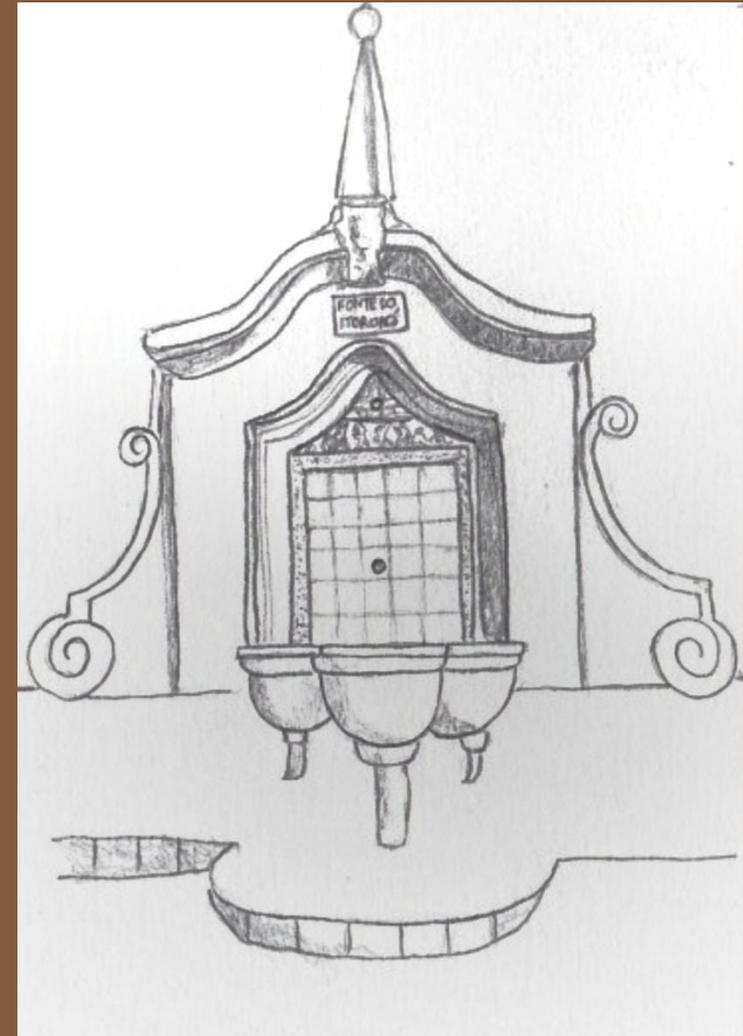


Figura 36. Fonte Itororó

degustava um prato de pirão¹⁸ acompanhado de farofa de mandioca com banana, Pierre se deslumbrava com os relatos de Rufino, principalmente porque a conversa o permitia conhecer mais a respeito dos lugares que faziam parte de seu imaginário de experiência cotidiana.

Rufino comentou que ele era comissário do Sr Monteiro, de Taubaté, e que naquela semana receberia sacas de café para preparar para a exportação e aproveitaria para entregar à tropa de muares, encabeçada por Cleto, algumas ferramentas que comprou a pedido do fazendeiro. Pierre percebeu nessa dinâmica uma oportunidade para sair do litoral e ir serra adentro no interior paulista. Perguntou se Cleto poderia dar-lhe uma carona na tropa e Rufino respondeu que não era comum isso acontecer, mas que falaria com o tropeiro e encaminharia uma carta de indicação para o Sr. Monteiro o receber durante uma temporada em sua fazenda.

Toda oportunidade para Pierre é bem-vinda, pois acreditava que seu destino seria feito ao caminhar, por isso, se empolgou com a possibilidade de seguir com a tropa para a fazenda cafeeira no Vale do Paraíba. Enquanto isso, perambulou um pouco mais pelo centro da cidade portuária a fim de conhecer e entender as relações simbólicas que se estabeleciam naquele meio. Percebeu que a cidade estava instalando lâmpões de azeite¹⁹ pelas ruas do centro e quando anoiteceu, ouviu o toque de um sino que vinha na direção do prédio da cadeia²⁰, ao mesmo tempo que viu algumas crianças correndo para um comércio abandonado, dentre elas, a que deu alguns de seus lápis coloridos.

Pierre as seguiu e percebeu que no local havia jovens e crianças órfãs que se consideravam uma família. O sinal sonoro naquele horário, se referia ao toque de recolher no município, em que inspetores de quarteirão ou patrulhas autorizadas, faziam cumprir os códigos de posturas com as vistorias nas ruas e possível apreensão de pessoas vagantes, principalmente em relação aos menores indigentes²¹. Pierre passou aquela noite com os meninos no local e jogou cartas²² com os mais velhos - apesar de contra a lei, o jogo entre os jovens era uma forma de diversão e astúcia - e decidiu retornar à pensão na qual se instalara no dia seguinte, devido ao toque de recolher.

Durante a semana que se seguiu, todas as noites, Pierre se dedicou no registro cartográfico das experiências espaciais que viveu. Ele flanava pelas ruas da cidade durante o dia, anotava o que lhe chamava a atenção, rascunhava e fazia relações entre aquele novo ambiente e as paisagens europeias que conhecia. Ao trabalhar com a lamparina acesa durante a noite, acordava no dia seguinte com as narinas pretas de fuligem e se lembrava que em Paris já se fazia uso da luz a gás e de métodos mais limpos para as ruas e o interior das casas.

Além disso, alguns lugares da configuração urbana santista o faziam lembrar os becos estreitos da cidade medieval que cresceu, e que estavam em destruição naquele momento. As duas cidades, Paris e Santos, possuíam história, sociedade e



Figura 37. Antique famous painting from the 19th century: Playing at cards by Benjamin Vautier

modo de vida diferentes. Separadas pelo oceano atlântico, não imaginava encontrar questões urbanas e sociais parecidas entre elas, tal qual a existência de uma ampla população de rua, medo das intervenções do poder imperial e uma boemia ascendente, apesar de vespertina.

Depois de ter registrado em seu mapa, as paisagens da cidade de Santos, Pierre procurou Rufino para saber se Cleto e sua tropa já estavam na cidade, porque queria colocar o pé na estrada para conhecer outras cidades exóticas e paisagens pitorescas a qual buscava se aventurar. Quase que Pierre perde a viagem, pois Cleto já estava de partida. Foi o tempo de Rufino fazer a apresentação entre eles, receber um desenho que Pierre fez para presentear-lo como forma de agradecimento e combinar a carona com a tropa para subir a serra de Bertioga.

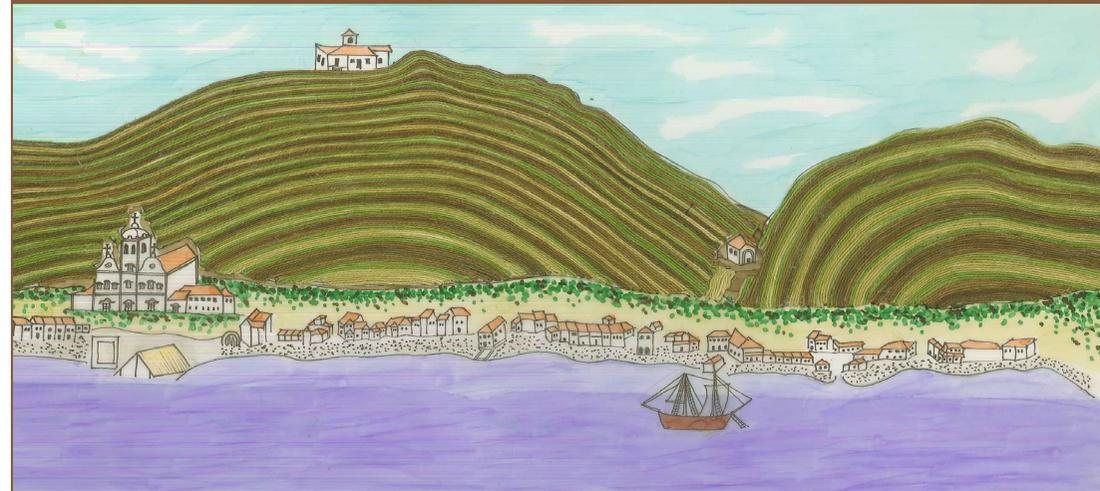


Figura 38. Vista da cidade de Santos.

Notas Capítulo 9

1 O mês de julho corresponde ao período de colheita do café. As condições geográficas do planalto paulista facilitavam o cultivo, tais como “a famosa terra roxa, que é encontrada em concentrações variadas é rica em ferro e potassa (...) o terreno ondulado fornece uma drenagem, adequada. O índice pluviométrico, de cem a duzentos centímetros por ano, é grande, porém, não excessivo. As chuvas ocorrem em um ciclo anual, proporcionando, assim, uma estação seca. Esta estação corresponde ao período da colheita, que abrange os meses de junho, julho e agosto. (...) No entanto, os tipos de café tradicionais tinham características que agiam independentemente das condições ambientais mais ideais. A mais básica era a do ciclo vital. (...) Uma vez iniciado o ciclo produtivo, os arbustos mantêm-se produzindo entra ano e sai ano” (HOLLOWAY, 1978, p. 20). Nesse sentido, sabe-se que o porto estava em plena movimentação quando Pierre chegou em Santos.

2 Informação baseada em Lista de Bordo disponível nos arquivos do Museu dos Imigrantes.

3 CALVINO, 1990, p. 17.

4 HOLLOWAY, 1978, p. 13.

5 HOLLOWAY, 1978, p. 13.

6 “A partir de 1854, o início do ciclo econômico do café provocou uma era de prosperidade e de crescimento, gerando riqueza e desenvolvimento urbano, quando a produção de café aumentou praticamente seis vezes em apenas 18 anos” (MILLIET, 1941, p. 19, apud. MELLO, 2007, p. 6).

7 CALVINO, 1990, p. 17

8 ZALUAR, 1975, p. 193

9 CONTE, 2008, p.5

10 ZALUAR, 1975

11 ZALUAR, 1975

12 ZALUAR, 1975, p. 194

13 CALVINO, 1990, p. 18

14 ZALUAR, 1975, p. 192

15 “A proliferação dos cortiços na cidade do Rio se deu a partir das décadas de 1850 e 1860, e esteve ligada ao aumento do fluxo de imigrantes portugueses e ao crescimento do número de alforrias obtidas pelos escravos” (CHALHOUB, 1996, p. 26). Essa população crescia vertiginosamente não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo e nas cidades mais movimentadas, como o caso de Santos, que se afirmava, nesse momento, como o porto mais importante do país.

16 “O aumento desmesurado da população santista no final do século deu lugar à especulação desenfreada dos proprietários de estalagens, pensões, cocheiras, ou qualquer tipo de habitação que oferecesse cômodos para a população imigrante” (BLUME, 2014, p.1).

17 “O comissário estabelecia um vínculo essencial entre o produtor de café e o exportador. A relação estabelecida entre o fazendeiro e o comissário baseava-se em um interesse mútuo e na confiança, e era comumente reforçada por vínculos pessoais que iam além de considerações puramente econômicas. O comissário recebia as remessas de café do interior, selecionava graduava segundo a qualidade e ensacava, prioritariamente, o tipo que tivesse maior procura no mercado, para depois tratar de sua venda. Já que seu rendimento dependia de uma comissão sobre a venda, o comissário mantinha-se atento às condições do mercado, procurando vender na melhor época

possível, tomando sempre em conta sua limitada capacidade de armazenamento. Junto com as remessas de café, os fazendeiros encomendavam, na medida de suas necessidades, suprimentos e ferramentas que deveriam ser mandadas com os tropeiros. O comissário executava esses pedidos, deduzindo os gastos dos lucros das vendas de café” (HOLLOWAY, 1978, p. 18).

18 O pirão é um prato que foi originado no Brasil e na Angola, mas não se sabe onde surgiu primeiro. No Brasil, tem origem na cultura indígena, onde após a pesca, misturavam a água do cozimento do peixe com a farinha de mandioca. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/gastronomia-em-santos/>

19 MELLO, 2007, p. 5.

20 Consta nos Códigos de Posturas do Município de Santos, que a Cadeia emitia um sinal para toque de recolher no período da noite, que pode ser visto nos Artigos referente aos anos de 1847: “Art.º 56º = Hé proibido lançar foguetes de qualquer natureza que sejam, e dar tiros na Cidade depois do signal de recolher feito no sino da Cadêa. O infractor soffrerá 3 dias de prisão e 4\$000 rs de multa, e 25 assoutes sendo escravo (DIAS, 2010, p. 21; grifo nosso); “Art.º 68º = Os donos, ou pessoas encarregadas de botiquins ou tabernas são obrigados á feixal-os ao toque de recolher pelo sino da Cadêa. Os infractores pagarão de multa 2 á 6\$000 r s, e se desobedecerem ao Fiscal, Inspector de Quarteirão, ou Patrulhas authorizadas, que assim lhes ordenare, serão presos em flagrante, e recolhidos á Cadêa por 3 dias, além da referida multa” (DIAS, 2010, p. 24, grifo nosso). No Código de Posturas de 1857, é possível ver sobre o horário do fim do toque de recolher, marcado para às 5 horas da manhã: “Art. 44. Os estabelecimentos commerciaes ou industrias não poderão conversa-se abertos depois do toque de recolher e abrirão depois das 5 horas da manhã. Exceptuam-se os hoteis, restaurants, botequins, bilhares e cafés que poderão estar abertos até a meia-noite e as boticas quando mesmo fechadas estão obrigadas a abrir quando nella se bater. O infractor incorrerá na multa de 10\$.” (DIAS, 2010, p. 94).

21 Com a chegada de imigrantes após o fim do tráfico negreiro (1850); posteriormente com a abolição da escravidão (1888) e o início do processo de industrialização nos principais centros brasileiros, houve um aumento da população urbana, consequentemente da população em situação de vulnerabilidade e morando nas ruas. Segundo Campello (2012), “crianças encheram as ruas no século XIX. Jovens negros, filhos de imigrantes e de trabalhadores ligados à indústria e ao comércio perambulavam pelas ruas, vivendo de expedientes muitas vezes contrários aos nossos atuais ‘bicos’ (PEREIRA, 2008, apud. CAMPELLO, 2012, p. 4). Viviam de pedir esmolas e de pequenos delitos contra o patrimônio. Eram menores abandonados e/ou infratores (IDEM, 2012, p. 4). Campello (2012) menciona que em 1830, a Constituição Imperial aprovou o “primeiro Código Criminal que manteve o controle formal sobre os menores de rua e adotou o sistema biopsicológico para punição de crianças entre sete e quatorze anos que tivessem obrado com ‘discernimento’. Estes ‘menores’ eram recolhidos às casas de correção pelo prazo que ao juiz parecesse e não poderia exceder a idade de dezessete anos” (IDEM, 2012, p. 5). Nesse sentido, sabe-se que havia uma política repressora acerca dos menores que se encontravam em situação de rua, que eram associados à criminalidade. .

22 Sobre o jogo de cartas na cidade de Santos, Código de Posturas de 1847: “Art.º 51º Hé proibida toda a qualidade de jogo publico, de cartas, dados, ou cartões” (DIAS, 2010, P. 20); Código de Posturas de 1857: “Art.º 54 São prohibidos os jogos publicos de cartas, dados, ou cartoes. Art.º 55. Qualquer pessoa livre, ou escrava q. [que] for encontrada jogando publicamente soffrerá quatro dias de prisão” (DIAS, 2010, p.50).

CAPÍTULO 10



PERCURSOS TROPEIROS: DO PORTO AO PLANALTO PAULISTA

Serra de Bertioga

Cleto apresentou a Pierre cada tropeiro pelo apelido e cada mula pelo nome, por exemplo, o Formiga conduzia a Brasa, o Zecão, a Pipa, o Mané, a Tina, ... Havia treze mulas para nove cavaleiros, quatro a mais para revezamento das cargas. "Na frente, vinha o 'madrinheiro' que trazia um peitoral todo cheio de campainhas de cobre chamadas sincerros"¹, que serviam para guiar os outros animais e emitiam sons diferentes. O tropeiro que ia na frente abria as porteiras e o que vinha atrás, que "chamava-se 'culatreiro'"², fechava as mesmas porteiras e carregava "o jacá e o caldeirão com os mantimentos para a alimentação dos tropeiros"³.

Acima de cada mula, Cleto explica que "ia uma cangalha e duas bruacas. As bruacas, eram sacos feitos de couro, com duas alças em cada, para enganchar na cangalha. Eram feitas de couro para evitar que molhasse o mantimento que ia dentro, em caso de chuva. Por cima, ia ainda, um couro grande que cobria tudo e era amarrado com uma tira de couro, que passava por baixo da barriga do animal*. Para ajustar bem essa tira que prendia a carga, existia um pauzinho de mais ou menos meio metro de comprimento que se chamava arrocho. Alguns tropeiros colocavam fitas de diversas cores nos arrochos, e que vinham balançando ao vento. Havia ainda o rabicho que não era preso no rabo e sim nas ancas do burro e chamava-se retranca"⁴.

A viagem até Taubaté seria cansativa, cerca de dez dias, talvez um pouco menos, a depender do fôlego das mulas⁵. Durante o caminho Pierre conversou bastante com Cleto e nem percebeu a demora do trajeto. Cleto contava com animação sobre suas experiências, principalmente no que se referia às mudanças na paisagem das cidades e do avanço das lavouras de café sobre o açúcar. A monocultura açucareira apresentou Santos como um pequeno porto exportador e o café o transformou no principal porto que conectava a rica região de fazendas do planalto paulista ao caminho do mar⁶.

Fazia três anos que uma obra gigantesca estava acontecendo na serra do mar e ia mudar tudo o que se conhecia até o momento⁷. Trata-se da construção do primeiro trajeto por ferrovia⁸ do Brasil, que ligaria a cidade de Santos até Jundiá e tornaria a comunicação do porto com as fazendas cafeeiras mais dinâmico. Cleto não tinha dúvidas que a ferrovia ajudaria a escoar mais produtos em menos tempo, mas ressentia por perder o trabalho como tropeiro para os trens⁹.

Para atravessar os rios que afluíam no mar, havia balsas e batelões a remo construídas em madeira, onde alguns homens trabalhavam ajudando na travessia das tropas de muas com suas cargas. Enquanto passavam pelos núcleos de vilas e cidades, Cleto indicava para Pierre qual era o carro-chefe de produção em cada uma delas, enquanto isso, o rapaz registrava o percurso em mapa e pontuava tudo o que atraía seu olhar e o que aguçava sua imaginação com os contos do tropeiro.

Ainda no litoral santista, a tropa passou por uma pequena vila de pescadores conhecida por Bertioiga¹⁰, muito conhecida pela pesca de tainha. Além disso, Pierre não poderia deixar de notar uma construção à beira mar que estava coberta de



Figura 40. Tropeiros no Sul de Minas Gerais, Varginha, 1891



Figura 41. Tropeiro Paulista nos arredores de Cuiabá, Mato Grosso, 1827, Aimé Taunay

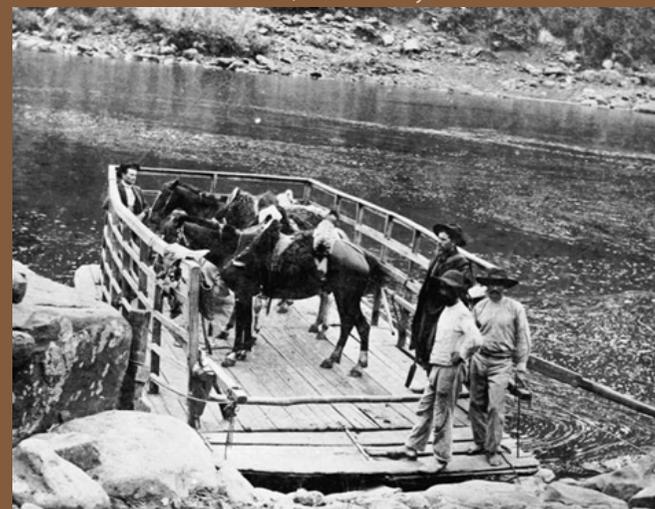


Figura 42. Balsa no rio das antas, séc XIX

plantas e com aparência de abandono. Era o Forte de São João da Barra de Bertioga, que consistia em um baluarte ainda do período inicial da colonização e que já tivera passado por confrontos diretos com povos indígenas e outros colonos. Como Pierre estava de carona, não pôde parar para explorar mais aquele lugar, mas conseguiu rabiscar um croqui daquela arquitetura.

Ali seria o início do caminho tortuoso e íngreme da serra do mar. De tempo em tempo as mulas eram trocadas e em alguns lugares, necessitava-se descer da montaria e caminhar ao lado delas, pois havia o risco do animal se cansar muito rapidamente ou pior, escorregar e cair nas ribanceiras e cachoeiras que permeavam a estrada.

Quando atravessavam rios e córregos, Pierre via os homens içarem seus cantis de chifre de boi para apanhar água. Achou o uso do chifre para esse fim e a prática curiosa, porque conseguiam abastecer sem a necessidade de descer da sela¹¹. Pierre ganhou um cantil de Cleto, mas tinha medo de lança-lo em direção às águas e as alças escaparem-lhe das mãos. Ele mantinha seu cantil bem preso na cabeça do arreio e retirava de lá apenas quando paravam eventualmente durante os dias.

No decorrer do caminho percorrido havia alguns ranchos de pouso, onde pagavam por noite e reabasteciam seus jacás de caldeirão, que serviam para levar as panelas para fazer a comida. Geralmente carregavam “um caldeirão com feijão já cozido. Uma panela de três perninhas, uma frigideira e uma chaleira, tudo de ferro. Amarrada sobre o jacá de caldeirão, ia a trempe, que eram três paus roliços presos por uma corrente que sustentava a panela pendurada sobre o fogo. No mesmo jacá, colocavam arroz cru, um pedaço de tocinho, ovos, carne seca e de porco, linguiça, sal, alho, cebola, pó de café e rapadura”¹². Os pratos e as canecas eram de ágata, um tipo de aço esmaltado em cor branca com bordas pretas, utilizado também pelos militares.

As mulas eram alimentadas de forma individual por um pequeno saco de couro chamado “embornal”¹³ que se encaixava na cabeça de cada animal e continha milho. Enquanto isso, “os tropeiros cuidavam de acender o fogo e fazer a ‘janta’ e o café”¹⁴. Para dormir, improvisavam camas com os couros que cobriam as cargas e “faziam travesseiros dos sacos de mantimentos”¹⁵.

Depois de enfrentar o imenso aclive e fragosidades da serra do mar, chegava-se à Vila de Sant’anna de Mogy Mirim¹⁶. Essa vila era um ponto de bifurcação de quem subia a serra de Bertioga com destino à Província de São Paulo, seguindo pelo Rio Tietê à oeste e; em direção à Província do Rio de Janeiro, à leste, pelo Rio Paraíba. Mogy abrigava algumas fazendas que exportavam “algum café, algodão em rama, e tecido e porcos”¹⁷.

Pierre pensou que o caminho até Taubaté seria mais tranquilo a partir daquele ponto, porém se surpreendeu com a área montanhosa de Mogy até Jacareí, conhecida pelos viajantes desde o período de colonização, como o caminho dos “sete pecados mortais”¹⁸. Cleto, ao perceber a feição embasbacada do rapaz, tenta animá-lo contando que estavam indo pelo melhor lado, porque “não só o tráfego entre Moji



Figura 43. Batelões utilizados entre Santos e São Vicente, final do séc XIX.

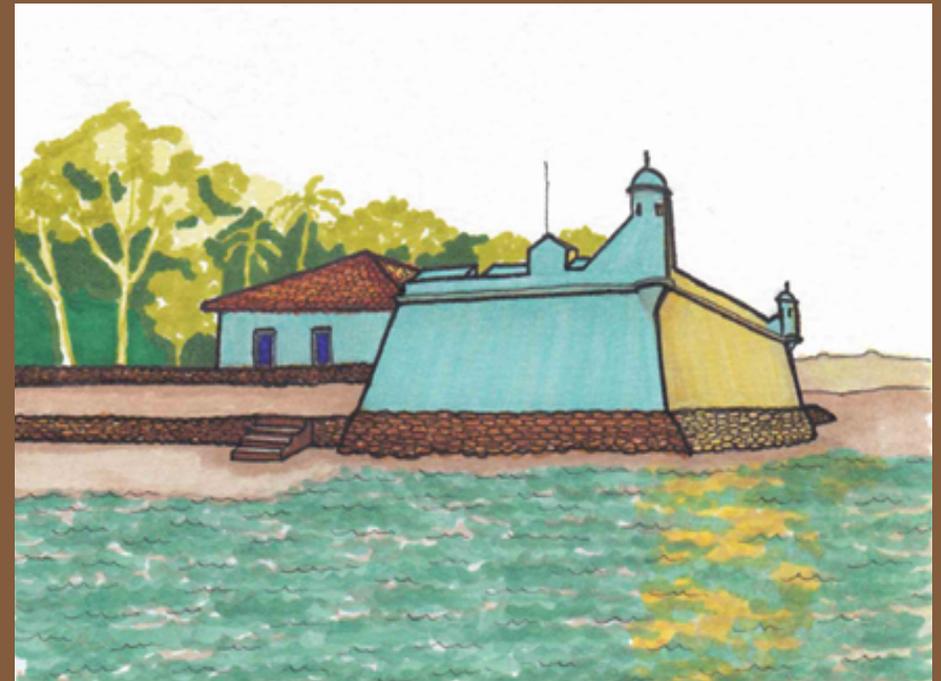


Figura 44. Forte São João da Bertioga

e Jacareí é dificultoso, como a própria ida de São Paulo a Moji se faz através de rios, restingas e brenhas muitas vezes intransponíveis”¹⁹.

Ao chegar em Jacareí, Cleto menciona que a exportação das fazendas dessa cidade passa “por São Sebastião e por Santos abundante café e fumo: e por terra muita porcada”²⁰. A tropa decidiu parar por ali para pernoitar, faltavam dois dias para chegar em Taubaté e estavam adiantados com o retorno. Como Pierre queria caminhar, conhecer os lugares que passava, aproveitou mesmo que de noite, com os tropeiros em descanso, para bisbilhotar o seu entorno. A cidade não era muito grande, então em pouco tempo, conseguiu ver os principais prédios notáveis, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, o prédio da câmara e cadeia, o hospital Santa Casa de Misericórdia etc. mas o que lhe chamou mais atenção foram os nomes dos becos, como o beco do Caranguejo²¹ e o beco Esmaga Sapo, por exemplo.

Logo ao amanhecer, fizeram uma refeição caprichada e puxaram as mulas para continuar a viagem. Passaram por uma vila pacata no caminho, pernoitaram na estrada e enfim chegaram na fazenda do Sr. Monteiro em Taubaté, que ao ler a carta de Rufino, aceitou acolher o garoto artista e pediu para que desenhasse alguns projetos dele que estavam acontecendo em troca de estadia e alimentação por uma temporada e reiterou para Pierre que “amigo de amigo meu também é meu amigo! Seja muito bem-vindo!”.



Figura 45. GRAVURA Campi, Qui Dicuntur Generales, prope Mogy das Cruzes, in Prov. S. Pauli, c.1840, DESENHISTA Carl Friedrich Philipp von Martius, A PARTIR DE Thomas Ender, EDITOR August Wilhelm Eichler e Carl Friedrich Philipp von Martius

Notas Capítulo 10

1 MARCONDES, 1998, p. 248.

2 MARCONDES, 1998, p. 248.

3 MARCONDES, 1998, p. 248.

4 MARCONDES, 1998, p. 248-249.

5 A partir da informação de que uma tropa de muares é capaz de percorrer de 20km a 30km por dia, calculou-se a distância de aproximadamente 200km de Santos até Taubaté, pelo caminho que passa pelas cidades: Bertioga (Vila de Pescadores pertencente à Santos), Mogi das Cruzes (Vila de Sant'anna de Mogy Mirim), Jacareí, São José dos Campos (Vila São José do Parayba), até Taubaté, totalizando cerca de 10 dias. Este caminho foi escolhido considerando um dos principais caminhos que Holanda (2010, p. 31) apresenta na conexão das cidades do Vale do Paraíba com o município de Santos. Outros caminhos se referem à atual Rodovia dos Tamoios, que conecta a cidade de São José dos Campos à Caraguatatuba no litoral e à atual Rodovia Oswaldo Cruz, que conecta a cidade de Taubaté à Ubatuba no litoral. Desde 1640 existe o trajeto Taubaté-Ubatuba, o qual Holanda (2010, p. 32) afirma ser "o verdadeiro 'caminho do mar' taubateano, chamado nos textos contemporâneos, 'caminho do mar de Ubatuba'". Analisando esses caminhos, o de Bertioga é o mais rápido.

6 A partir da "segunda metade do século XIX (...), o café suplantou o açúcar como principal riqueza de exportação, de tal forma que o porto de Santos, anteriormente modesto exportador de açúcar, acabou se definindo como o porto do café, e o caminho do mar como o caminho do café; foi gradativa a valorização pela lavoura cafeeira de áreas articuladas com o caminho do mar, na mesma proporção em que diminuía de importância as áreas articuladas com o porto do Rio de Janeiro". Nesse sentido, se tem que "a partir de 1854, o início do ciclo econômico do café provocou uma era de prosperidade e de crescimento, gerando riqueza e desenvolvimento urbano, quando a produção de café aumentou praticamente seis vezes em apenas 18 anos" (Milliet, 1941, p. 19; apud. MELLO, 2007, p. 6).

7 "A definição de São Paulo como uma das mais significativas áreas cafeeiras do globo em fins do século XIX repercutiu diretamente em equipar São Paulo com um sistema de circulação que fosse satisfatório e isso influenciou nas formas de utilização do velho eixo de comunicação entre Santos e São Paulo" (MELLO, 2007, p. 6).

8 "entre 1862 e 1867 engenheiros britânicos, juntamente com o capital inglês, construíram uma estrada de ferro através da serra do mar, que separa o planalto paulista do porto de Santos" (HOLLOWAY, 1978, p. 19), trata-se da São Paulo Railway, primeira ferrovia construída no Brasil, com primeiros estudos datados entre "1856 e 1859 (...)" em demanda da zona cafeeira, passando por São Paulo (Mattos, 1954). Em 1859, um grupo inglês liderado pela Casa Bancária Rostchild, após negociações com o Barão de Mauá, iniciou a construção da São Paulo Railway, com adoção do sistema funicular no trecho da Serra. Terminada oito anos depois, a ferrovia que ligou Santos a Jundiá passando por São Paulo, foi inaugurada em 16 de fevereiro de 1867 (MELLO, 2007, p. 6).

9 "Nas duas décadas seguintes, linhas-tronco ramificaram-se por toda a zona cafeeira, solucionando os problemas de transporte. A existência das linhas férreas, foi um dentre muitos fatores,

que contribuíram para a mudança do centro da indústria cafeeira brasileira do Vale do Paraíba, para o planalto paulista" (HOLLOWAY, 1978, p. 19).

10 A cidade de Bertioga foi durante muito tempo um distrito de Santos. É a cidade mais nova da região, com emancipação administrativa datada em 19 de maio de 1992. No ano de 1862, quando Pierre passa pelo local, havia apenas uma pequena comunidade de pescadores.

11 MARCONDES, 1998.

12 MARCONDES, 1998, p. 248.

13 MARCONDES, 1998, p. 249.

14 MARCONDES, 1998, p. 249.

15 MARCONDES, 1998, p. 249.

16 A Vila de Sant'anna de Mogy Mirim foi elevada no dia 1 de setembro de 1611 e considerada cidade no dia 13 de março de 1865. "Mogi é uma alteração de Boigy que, por sua vez, vem de M'Boigy, o que significa 'Rio das Cobras', denominação que os índios davam a um trecho do Tietê. Quando a Vila foi criada em 1611, devido ao costume de adotar o nome do padroeiro, passou a ser denominada 'Sant'Anna de Mogy Mirim'. Na língua indígena, Mirim quer dizer pequeno. Provavelmente, uma referência ao riacho Mogi Mirim. A linguagem popular tratou de acrescentar o termo 'cruzes' ao nome oficial da Vila. Era costume dos povoadores sinalizar com cruzes os marcos que indicavam os limites da Vila, de acordo com tese de Dom Duarte Leopoldo e Silva, confirmada pelo historiador e professor Jurandy Ferraz de Campos" (IBGE, 2013, s/p), Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/mogi-das-cruzes/historico> Acesso:16/05/22.

17 HOLLANDA, 2010, p. 61.

18 PRADO, 2017, p. 328.

19 HOLLANDA, 2010, p. 30.

20 HOLLANDA, 2010, p. 61.

21 O Beco do Caranguejo tinha esse nome por causa do cidadão "Miguel Leite de Amparo. Miguel veio do litoral e, por isto, tinha o apelido de 'caranguejo'" (DENIS NETTO, 1996, p. 77). A denominação oficial dessa via pública era Travessa da Liberdade, "era o trecho que ligava a Praça Conde Frontin à então Rua da Liberdade, hoje João Américo da Silva" (IDEM). O Beco do Caranguejo já foi conhecido como Beco do Marrelli e atualmente é a Rua Dona Alzira Salles de Siqueira (IDEM, p. 78).

CAPÍTULO 11



TAUBATÉ RURAL E O CAFÉ

Fazenda Paraíso

Querida Emma,

Cheguei à cidade de Taubaté, a maior da Província de São Paulo, e estou hospedado nas propriedades do Sr. Monteiro, um fazendeiro muito influente que exporta café e outros gêneros alimentícios, como arroz, cana, milho etc.

Nesse momento, me atento às descrições das paisagens dessa cidade, onde urbano e rural aparentemente se misturam, mas ainda assim tem suas particularidades. Ambas tentam ser a representação de uma cidade europeia, em diferentes aspectos. As pessoas mais abastadas fazem questão de me apontar ornamentos clássicos e frisos milimetricamente projetados em suas arquiteturas, a fim de atestarem a boa escolha e a similaridade com minha cidade natal. Como se eu fosse capaz de responder pela França inteira. Enquanto eu quis vir para cá, Paris é o sonho de qualquer jovem e qualquer adulto conhecer e morar. O tanto que me bajulam¹ é assombroso, mas estou vivendo bem por aqui, a mil olhos, mas bem².

De qualquer lugar é possível sentir que você está em um vale, porque o mar de morros da serra da Mantiqueira nos abraça com seu paredão de texturas sobrepostas de um azul infinito durante um dia de sol com parcas nuvens, e que no poente, entrega um espetáculo de degradê quente em tons alaranjados. Dá para esquecer sua própria existência no mundo durante alguns minutos antes de anoitecer.

A fazenda Paraíso³ localiza-se no que chamam de aterrado de Tremembé e se compõe por uma vasta quantidade de terras. De acordo com o fazendeiro, a área possui cerca de “mil e quinhentos alqueires paulistas, com um dos limites margeando à esquerda o [rio] Paraíba, em considerável extensão, para ambos os lados do aterrado e bem junto ao outeiro de Tremembé. Na direção da serra se interna* por cerca de légua e meia (...). Suas confrontações externas são*, do lado da nascente do rio Paraíba e para o poente os cômodos dos primeiros contrafortes da [serra da] Mantiqueira”⁴.

Além dessa fazenda que estou, o Sr. Monteiro possui outras duas fazendas de mesmo porte, a Independência⁵ e a Buquira⁶ e “um grande número de casas, chácaras e sítios”⁷ pela cidade e região. Ele tem quatro filhos homens, Rodolfo, Francisco, Gabriel e Félix e uma filha mulher, Maria da Glória⁸, todos mais velhos que eu. Destes, apenas Félix, que é o filho caçula, mora aqui no Paraíso; Francisco⁹, mora na chácara da cidade com a esposa Belmira e sua filha Olímpia, de seis anos¹⁰; Rodolfo, Gabriel e Maria da Glória ainda não tive a oportunidade de conhecer, mas são casados e moram em outras fazendas de propriedade da família.

A sede¹¹ da fazenda é bem grande, toda caiada por fora e com muitas janelas. Estou com um quarto só para mim; há uma cama de madeira, um armário pequeno, uma mesa e uma lamparina, tudo o que preciso para desenhar e escrever. Há também “mais outras casas, senzalas, paióis, terreiros (o maior deles devidamente atijolado ...), casas de tropa (...), tenda de ferreiro (...), engenho de cana, olarias, gado vacum, caprino, suíno, equino e muar, pastagens, pomar, roças de milho, arrozais (...) e diversos cafezais”¹², é

uma fazenda autossuficiente.

Sem dúvida, “o café é* a vida da fazenda”¹³ e o passo a passo da lavoura é acompanhado de perto pelo fazendeiro, para garantir a qualidade de seu produto. Por aqui parece haver uma relação harmônica entre as pessoas, inclusive cada pessoa é tratada por seu primeiro nome ou apelido e há um interesse no fazendeiro em saber sobre particularidades da vida familiar de cada um deles¹⁴.

Sobre a plantação, estamos no período de inverno agora, então os trabalhadores estão fazendo roçadas para preparar e limpar os terrenos marcando a área para novo plantio, derrubando as árvores no caminho e construindo aceiros para que o fogo das queimadas não avance para a fazenda e para as matas fora da demarcação¹⁵.

O Sr Monteiro é vereador¹⁶ na cidade e estou acompanhando a “reconstrução e manutenção do aterrado de Tremembé e da estrada”¹⁷ que conecta a cidade taubateana à vila de São Bento do Sapucaí Mirim¹⁸ e ao sul da Província de Minas Gerais. Descobri que esse é um dos caminhos que “têm seus leitões parcialmente locados sobre as veredas dos séculos XVII e XVIII e estas sobre as trilhas índias”¹⁹, muito utilizada para a “exportação de gados e gêneros alimentícios para a região mineira dos sertões dos cataguás”²⁰ e “tiveram importância fundamental para as atividades sertanistas e o transporte do ouro, dando acesso aos sertões das Minas Gerais”²¹.

Para chegar nas obras da estrada²², seguimos uma variante de acesso²³ ao rio Piracuama que de acordo com o Sr. Monteiro, foi “aberto em 1703 pelo bandeirante Gaspar Vaz da Cunha, o Jaguará, morador no termo da vila de Taubaté e que explorou a região do rio das Mortes (...) ao Vale do Sapucaí”²⁴. As paisagens desse lugar me lembram as aquarelas de Debret. Me senti animado para fazer alguns esboços e te enviar junto com esta carta.

Por enquanto, me encerro por aqui, porque com o Sr. Monteiro ao meu lado o tempo todo, não consigo explorar nada além do que ele quer me mostrar. Pretendo flunar mais por aqui e depois de atualizo. Espero que você esteja bem e já tenha conquistado a família Vergueiro com sua inteligência. Pode remeter suas cartas para o Postal Central da cidade de Taubaté. Aguardo notícias suas,

Abraços fraternos

Pierre Ruisseau



Figura 46. Fazenda do Paraíso, de propriedade do Comendador Francisco Alves Monteiro

Pierre foi muito bem recebido pelo patriarca da família Monteiro, porém, seu filho Felix, não estava muito contente com essa agitação dentro de casa, e deixava claro para o francês que não estava a fim de fazer amizade. O Sr Monteiro, até tentava aproximar os dois, por terem idade aproximada, para que fossem cavalgar juntos e conhecer mais da grande extensão da fazenda. Todas as tentativas frustradas. Fato que colaborou em uma maior vigilância dos passos de Pierre pelo fazendeiro, porque o mesmo se via na posição de guia para o rapaz.

Certo dia, o Sr Monteiro recebeu um casal de amigos cafeeiros da região. Theodora pediu para a mucama²⁵ Joanna²⁶ fazer um bolo de fubá e café da própria colheita para recebê-los naquela tarde.

Como o café era o carro chefe da fazenda, Pierre se interessou em saber como os grãos eram preparados para o consumo. Enquanto a visita não chegava, o Sr. Monteiro levou o rapaz para o monjolo, que era uma maquinaria feita de madeira que funcionava como uma gangorra, onde “em uma extremidade fica um cocho e na outra o martelo (...). Com o peso da água o monjolo levantava a parte onde tinha um martelo, a inclinação fazia com que a água se derramasse e o martelo caísse com todo o peso dentro do pilão. O pilão do monjolo era cavado em um tronco bem grosso e depois fincado no chão. A queda do martelo socava o que estivesse dentro do pilão²⁷”.

Para fazer o pó de café, “primeiro socava-se no monjolo o café em coco para tirar a casca. Depois de bem limpo do farelo, ia para torrar em um tacho raso, bem menor que o de fazer rapadura. Quando o café já estava quase bom de torrado, misturava-se um pouco de rapadura raspada e continuava mexendo até ficar bem preto e lustroso. Depois que tirava do fogo, deixava-se em uma peneira para esfriar, em seguida ia para o pilão e socava até virar o pó. Esse trabalho devia ser feito rapidamente para que o café não perdesse o aroma, por isso, duas pessoas juntas costumavam socar no mesmo pilão, fazendo o que chamavam ‘tutuca’²⁸”.

Depois de acompanhar todo esse processo, o cheiro do café passado por Joanna na cozinha os chamou para retornar à sede. O bolo que ela fez ficou com uma consistência cremosa, devido ao queijo utilizado na receita e, junto com o café feito na hora, não precisava de mais nada, porque esta era uma combinação de sabores perfeita e muito aconchegante para o jovem francês.

Durante o café, o Sr. Juca, contou a respeito de uma experiência recente que teve no porto, na presença do técnico holandês C. F. Van Delden Laerne²⁹ - que estava estudando as opulentas fazendas cafeeiras paulistas no Brasil - . Segundo ele, um desafortado do Oeste disse que “só um arbusto dava* três vezes mais café do que três³⁰” das lavouras valeparaibanas. O Sr. Monteiro perguntou se ele se defendeu de tal blasfêmia, ao passo que ouviu do amigo que preferiu se calar³¹ , a fim de evitar confusão maior na frente do holandês, porque a vontade que tinha era apenas de socar a face daquele agricultor³². Félix, que também estava à mesa, comentou que dessa vontade ele não passaria.

Passadas algumas semanas, Pierre passou a aproveitar o tempo que o Sr. Monteiro se dedicava às burocracias da empresa *Monteiro & Filhos*³³, para flunar pela fazenda sozinho, orientando seu olhar para onde quisesse, sem interferências e comentários alheios. Enquanto caminhava pela propriedade, tentava conversar com os trabalhadores escravizados, mas muitos deles se esquivavam de tal contato, até porque, viam Pierre na companhia do fazendeiro.

Ao perguntar sobre como realizavam o trabalho, alguns explicavam rapidamente com desconfiança, sempre atentos olhando ao redor. Com isso, restava mais a Pierre a observação. Percebeu-se que “o café era plantado em muda e não em sementes. Faziam uma grande cova, enchiam de esterco, no meio plantavam a mudinha e colocavam quatro achas de madeira formando um quadrado à volta da cova, para proteger contra a enxurrada (...). No espaço que ficava entre as filas chamava-se rua, e ali era plantada a mandioca, com mudas feitas dos gomos da própria rama da planta³⁴”.

Na marcenaria, Francisco e Américo³⁵ estavam entalhando uma porta. Era o trabalho mais animador que Pierre vira por ali, porque envolvia a arte de esculpir imagens e formas diferenciadas na madeira. Em meio ao pó de serra que se levantava quando Francisco cortava as peças, havia móveis da sede separadas em um canto do galpão para conserto e outros novos em processo de construção. Pierre observava aquele cenário e se questionava como os dois homens trabalhavam descalço³⁶ em um lugar tão perigoso, cheio de lascas de madeira, pregos e pontaletes espalhados pelo chão.

Depois de alguns dias seguidos indo para a marcenaria, Américo cedeu conversa com Pierre. Ora ou outra o carpinteiro Ricardo, que ficava no galpão ao lado, aparecia para cochichar algo no ouvido de Américo e evitava ficar perto de Pierre, sempre o encarava com olhar esquisito e desconfiado. Enquanto conversavam, Pierre desenhava o espaço e as peças que os trabalhadores executavam com maestria.

Mesmo com a desconfiança de alguns, Américo convida Pierre para uma batucada de Jongo³⁷ no próximo sábado de noite³⁸, perto do paiol da fazenda. Américo era o jongueiro da região, inclusive aproveitava seu conhecimento com a marcenaria para confeccionar os instrumentos de percussão. Dentre eles, havia a “inguaia³⁹”, que era um pequeno cesto, cheio de pregos, pedacinhos de ferro e de metal, de lata, vidro etc. que ao sacudir fazia um barulho de chocalho⁴⁰”, a “cuica⁴¹”, o ‘tambu⁴²’ e o ‘candongueiro⁴³’, que era um tambu menor⁴⁴”.

No dia do festejo, Américo estava “de paletó preto, chapéu de abas largas e um relho amarrado nas costas, em diagonal, com a ‘guasca’, passando pelo peito, em forma de talabarte⁴⁵”, porém, continuava descalço. Francisco, Ricardo e os outros homens estavam com vestes parecidas à de Américo, inclusive cada qual com seu chapéu. As mulheres estavam vestidas com chitas bem coloridas e com estamparias floridas.



Figura 47. Imagem de um escravo de ganho no Rio de Janeiro, ano 1864-1865, para ilustrar um dos marceneiros da narrativa.



Figura 48. Móvel usada de apoio por menina na 1ª comunhão



Figura 49. Banco de engenho, feito de vinhático e característico da hospitalidade das antigas casas grandes

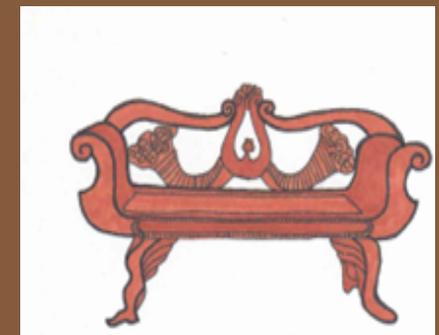


Figura 50. Sofá brasileiro de jacarandá com decoração de cajus e maracujás, que pertenceu a antiga casa grande

Logo no início, “colocavam os tambus deitados de frente para a fogueira, a fim de esquentar, o que diziam ‘temperar’. Com o calor do fogo, o couro do tambu esticava e ficava tinindo. Iam experimentando até que estivesse bom, isto é, ‘temperado’. Logo que os tambus estivessem temperados, formavam um círculo de pessoas e o Américo* ia andando pelo meio e sacudindo a ‘linguaia’, e punha um ‘ponto’ no jongo⁴⁶”. Para Pierre, que via aquela manifestação pela primeira vez, o “ponto” parecia “uma estorinha ou verso improvisado, que queria dizer alguma coisa. O jongueiro cantava e o povo respondia. Daí, cada homem tirava a sua dama⁴⁷ e começava a dança⁴⁸”.

O céu estava estrelado, com poucas nuvens e a lua parecia estar sorrindo. Pierre se permitiu sentir a energia contagiante do lugar, mas preferiu acompanhar com palmas próximo a roda, às vezes não se continha e mexia seus pés e sua cabeça no ritmo dos tambores. Por um momento, se lembrou das festas que participava com seus amigos nos Impasses de Paris, quando ao som da viela de roda, se divertia com o encantamento de Monet ao ver sua pretensa amada Camille dançar, imaginou os dois na roda de jongo jogando versinhos um para o outro, emitindo o que sentiam além das trocas de olhares.

Enquanto Pierre tinha essa lembrança, fixou seu olhar para uma janela do paiol e, de repente, viu o vulto de uma figura feminina que lhe pareceu conhecida. Estranhou tal presença e foi naquela direção, mas, quando chegou próximo da janela, não havia nada nem ninguém por ali. No bolso de seu casaco, sua bússola esquentou e, em seguida escutou alguém gritar “cachoeira⁴⁹” na roda de jongo, o que, por sua vez, o assustou e por impulso, imediatamente retornou para a roda que estava encerrando a jongada.

No dia seguinte, Pierre acordou ouvindo o canto de um passarinho próximo à janela do quarto onde dormia. Abriu a janela e começou a procurar de onde vinha. A Sra. Theodora estava colhendo algumas flores de seu jardim para enfeitar a mesa da sala de estar, e percebeu que o rapaz procurava algo olhando para a árvore perto da janela. Ela se aproximou e prontamente Pierre perguntou de quê pássaro era aquele som. Ela apontou para o topo do cedro rosa e orientou para que ele prestasse muita atenção, porque o João-de-Barro tinha a plumagem “cor de terra avermelhada⁵⁰” e se camuflava com o tronco da árvore. Quando Pierre conseguiu ver o passarinho, percebeu que ele “tinha* o bico fino e comprido, assim como as pernas⁵¹”, e “o seu constante cantar lembrava* uma gargalhada⁵²”.

A Sra Theodora disse que o “João-de-Barro era* um pássaro pacífico, trabalhador, de hábitos muito úteis e que se alegra em viver nas imediações do homem. Tem esse nome porque faz com barro sua casinha, no feitio de um pequeno forno, nos galhos mais altos. As árvores escolhidas pelo João-de-Barro são cedro, o Embiruçu e o Pinheiro, por terem galhos somente em cima depois de um tronco liso, que torna difícil a alguém subir para danificar-lhe o ninho. Procura também árvore perto de rio, para facilitar o seu trabalho de construção⁵³”.



Figura 51. Releitura de arte capitular com tema de manifestação de cultura afro-brasileira.

Aquele passarinho estava começando a sua jornada arquitetônica naquele cedro e Pierre, toda manhã, ao abrir a janela do quarto, ficava um tempo observando-o trabalhar. Para construir sua casa, “o pássaro apanhava na beira do rio um pouquinho de barro de terra vermelha, que era mais liguenta e grudava melhor no galho. Ia buscar outra, outra e mais outra. Depois molhava uma das asas, alisava com ela o barro e lhe dava forma. Ficava semelhante a um forno redondo, com a porta entreaberta, para fazer o ninho dentro, bem protegido ⁵⁴”.

O trabalho do passarinho durou dias e, “quando a casinha ficou* pronta e enxuta, ficou* tão dura e firme que seria* difícil arrancá-la do lugar. Feita a casa, o João-de-Barro passou* a fazer o ninho. Catava galhinhos, musgos, folhas secas, penas e casquinhas, que carregava no bico. (...) Pronta a casa e o ninho, a fêmea punha os ovos e chocava quatro ou cinco de cada vez ⁵⁵”.

Por onde Pierre andava, passou a procurar outras casinhas espalhadas pelas árvores da fazenda e chegou a encontrar até sobrados construídos pelos arquitetos da natureza.

Durante a semana, além de observar todas as manhãs os passarinhos, continuou suas andanças pelas terras do fazendeiro e certo dia, quando Pierre retornou à marcenaria para conversar com Américo sobre o jongo que participou no sábado e a evolução construtiva da casinha do João-de-Barro, Félix viu o francês saindo da sede e o seguiu. Américo e Francisco estavam consertando o entalhe da gaveta de uma penteadeira e falavam a respeito de um outro batuque que aconteceria na cidade, que Pierre não poderia deixar de ir.

Américo explicava os pontos no tambu para Pierre batendo com suas mãos na mesa enquanto emitia sons pela boca, para que o rapaz acompanhasse o ritmo. Nesse momento, o Sr. Monteiro aparece na marcenaria, Américo se assusta e se atrapalha com o que estava fazendo antes de batucar a mesa, ao passo que deixou uma ferramenta de corte tirar uma lasca do detalhe artístico da gaveta. Ao ver o prejuízo da peça, o fazendeiro fica com raiva, grita com o escravo e joga uma das ferramentas que estavam sob a mesa contra Américo, acertando seu pé ⁵⁶.

Pierre ficou assustado com essa situação e tentou justificar o erro do trabalhador, dizendo que a distração aconteceu por culpa dele. Percebendo que reagiu de forma agressiva na presença do jovem francês, disse para que ele não se preocupasse, porque por sorte o escravo era um bom marceneiro e iria se virar para consertar a gaveta. Assim, ele retirou Pierre da cena e falou para o escravo prestar mais atenção no serviço e arrumar aquela bagunça.

Depois desse acontecimento, Pierre passa alguns dias sem conseguir retornar para a marcenaria, porque o Sr. Monteiro o alugou para cerimônias entre seus



Figura 52. Vista da Serra da Mantiqueira para o Vale do Paraíba, com base no Mirante de N. Sra Auxiliadora

familiares e amigos. Em uma dessas socializações entre família, Theodora apresentou uma sobrinha para o rapaz. Ela falava mais pela moça do que ela mesma. Pediu para Pierre mostrar os desenhos que estava fazendo da obra da estrada para São Bento do Sapucaí, enquanto dizia que a jovem cozinhava muito bem e tocava piano.

Quando ele conseguiu despistar a família Monteiro, foi até a marcenaria para saber como estava o Américo depois da pancada que recebeu em seu pé, mas infelizmente Pierre não conseguiu mais encontrá-lo. Na marcenaria, o carpinteiro Ricardo estava ajudando Francisco com os consertos e informaram apenas que o Américo estava cuidando do machucado e que não retornaria tão cedo para a marcenaria daquela fazenda.

Apesar das boas experiências que Pierre teve na fazenda, sentia que seu prazo por ali já se aproximava do limite, o que aconteceu na marcenaria o deixou muito incomodado e a visão inicial que ele teve sobre a figura do fazendeiro, não se mantinha. Enquanto se decidia sobre qual caminho seguir posteriormente, terminava os desenhos da obra que prometeu ao Sr. Monteiro e participava de algumas cerimônias familiares, inclusive uma delas ocorreu em comemoração ao título de Barão de Tremembé que seu filho Francisco havia recebido via decreto imperial⁵⁷.

Durante a festa, Pierre fica brincando com Olímpia, a filha de Francisco. Se recorda de sua irmã Charlotte, que tem uma idade aproximada da menina e começa a contar histórias de suas viagens enquanto rabiscava em algumas folhas elementos espaciais dos lugares que conheceu até aquele momento. Durante a brincadeira, Olímpia pergunta a Pierre se é ele quem se casará com uma prima de sua mãe. Pierre se assusta com esse comentário e Belmira que acompanhava de longe a interação do francês com a menina, a retira do ambiente com um puxão de orelha, ao mesmo tempo que dizia para Pierre não se importar com a besteira falada por ela, porque criança gosta de inventar coisas.

Apesar de mostrar compreensão para a mulher e completar com um recado indireto para a menina, ao dizer que crianças precisam ser imaginativas mesmo, ele começou a ficar intrigado com essa história, porque não haveria da menina inventar algo tão específico e se lembrou de toda a propaganda que faziam com uma moça em um jantar que teve anteriormente na fazenda. Esta era a hora de Pierre se despedir da Fazenda do Paraíso, porque além da incerteza quanto a figura do Sr. Monteiro, agora a história de um possível casamento o assombrara a cabeça. Aproveitou a carona de Francisco para respirar ares mais urbanizados no centro da cidade de Taubaté.

Notas Capítulo 11

* Foi utilizado o símbolo (*) na frente das palavras que estavam em outro tempo verbal e foram citadas pelos autores referência, a fim de manter a coesão e coerência textual.

1 A construção dessa relação com o personagem se baseia no conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Hollanda (2014), que se refere à uma maneira de ser e agir “no Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje” HOLLANDA (2014, p. 175). Nesse sentido, percebe-se que a comunicação e o modo de ser dos sujeitos, diz muito a respeito de como a sociedade e as paisagens das cidades se apresentam, porque segundo o autor, “ao longo da nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação pessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados ‘contatos primários’, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós” (IDEM, p. 175-176). São características do “homem cordial”, a “lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, (...) em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal” (IDEM, p. 176). Hollanda (2014, p. 177) comenta sobre o desejo de estabelecer certa intimidade uns com os outros, ao ponto de revelar “um decisivo triunfo do espírito sobre a vida” em que “armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social” (IDEM), ou seja, “a escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias” (HOLLANDA, 2014, p. 175). Para ilustrar esse conceito, Hollanda (2014), cita a seguinte cena: “um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo” (IDEM, p. 178-179). “‘Dos amigos’, nota um observador, referindo-se especialmente à Espanha e aos espanhóis, ‘tudo se pode exigir e tudo se pode receber, e esse tipo de intercurso penetra as diferentes relações sociais. Quando se quer alguma coisa de alguém, o meio mais certo de consegui-lo é fazer desse alguém um amigo’ (IDEM, p. 160), fato que colabora na aquisição “de vantagens pessoais por intermédio de indivíduos com os quais travaram relações de afeto ou camaradagem, e não compreenderem que uma pessoa, por exceder uma determinada função pública, deixe de prestar a amigos e parentes favores dependentes de tal função. Das próprias autoridades requerem-se sentimentos demasiado humanos” (IDEM). Por fim, o autor afirma que “não há dúvida que, desse comportamento social, em que o sistema de relações se edifica essencialmente sobre laços diretos, de pessoa a pessoa, procedam os principais obstáculos que na Espanha, e em todos os países hispânicos – Portugal e Brasil inclusive -, se erigem contra a rígida aplicação das normas de

justiça e de quaisquer prescrições legais” (IDEM).

2 Apesar de existir mão de obra imigrante nas fazendas do Comendador Francisco Alves Monteiro, como mencionado por Maria Cristina Martinez Soto (2001), “em 1855 a empresa Monteiro & Filhos criou duas colônias em regime de parceria: ‘Independência’ (de 7 de agosto, com 32 portugueses) e ‘Paraíso’ (de 28 de outubro, com 27 portugueses)” (Relatório do engenheiro Leandro Dupré ao secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1º/mar/1893; apud. SOTO, 2001, p. 51) e, haver várias situações de protestos e processos judiciais movimentados pelos imigrantes contra o Sr Monteiro, como o caso de 1858, pouco antes de Pierre chegar à fazenda, em que “os trabalhadores teriam enviado um protesto ao presidente da Província queixando-se do fazendeiro devido aos maus tratos recebidos para força-los a abandonar as terras e abonar-lhes as multas. O presidente mandou os vereadores fazerem averiguações e a resposta foi favorável a Monteiro: os colonos estavam descumprindo voluntariamente os contratos realizados na Europa, à procura de melhores salários” (SOTO, 2001, p. 51), os principais entraves que aconteceram na cidade de Taubaté foram com imigrantes portugueses e italianos (SOTO, 2001). Soto (2001) menciona que “o primeiro grupo de italianos foi instalado na Fazenda Quilombo, à época propriedade de um grande escravocrata (com mais de 300 escravos), o conselheiro Moreira Barros, que mais tarde encabeçaria o movimento abolicionista local (*nota de rodapé: O grupo de italianos era suficientemente numeroso para justificar a publicação em Taubaté de jornais em italiano” (IDEM). Observação: para a informação em que Soto (2001) comenta que um fazendeiro escravocrata veio a encabeçar o movimento abolicionista na cidade de Taubaté, Maurício Chiga (2009), “analisando os números obtidos na quantificação das contemplações de escravos em forma de doações, nos testamentos da cidade de Taubaté, entre os anos de 1842 e 1844, observa-se o significativo aumento percentual do uso da estratégia senhorial, das doações de liberdade condicional, para a manutenção da escravidão” (CHIGA, 2009, p. 65, grifo nosso). Nesse sentido, sabendo que Pierre foi apresentado por carta pelo Comissário do fazendeiro na cidade de Santos e, não havia conflitos referentes aos imigrantes franceses na cidade de Taubaté (porque eram poucas as colônias que tinham regime de parceria com mão-de-obra imigrante e predominava, no Vale do Paraíba, a presença de portugueses e italianos), explora-se aqui uma relação de patrimonialismo e interesse de parceria do fazendeiro com o jovem francês.

3 A fazenda Paraíso corresponde atualmente ao município de Tremembé (ORTIZ, 1988, p. 700), que teve sua emancipação do município de Taubaté no dia 26 de novembro de 1896 (SP CIDADES, s/d, s/p, Disponível em: <http://spcidades.com.br/cidade.asp?codigo=375>).

4 ORTIZ, 1988, p. 699.

5 A fazenda Independência corresponde atualmente ao município de Redenção da Serra (ORTIZ, 1988, p. 700). Redenção foi desmembrada do município de Taubaté e elevada à categoria de município em 1877, com nome “Paiolino”, mas voltou à condição de distrito em 1934. Em janeiro de 1936 sua autonomia foi retomada, em 30 de novembro de 1944, o Decreto-Lei 14.334 alterou seu nome para Redenção da Serra e em 25 de agosto de 1974, funda-se a nova Redenção (PREFEITURA MUNICIPAL DE REDENÇÃO DA SERRA, s/d, s/p, Disponível em: encurtador.com.br/mqFQY).

6 A fazenda Buquira corresponde atualmente ao município de Monteiro Lobato (ORTIZ, 1988, p. 700). O município de Monteiro Lobato já teve quatro denominações: Freguesia das Estacas, Freguesia de Nossa Senhora do Bonsucesso do Buquira, Vila das Palmeiras do Buquira e Vila do Buquira. A povoação foi elevada à Freguesia e Distrito de Paz em 1857 e incorporada ao

município de Taubaté. Buquira ascendeu à condição de Vila em 1880 e, depois, a de cidade, em 19 de dezembro de 1900. Em 1934 foi reduzida à condição de distrito e incorporada ao município de São José dos Campos, do qual se emancipou definitivamente em 1948 e mudou seu nome para Monteiro Lobato, um ano depois (PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTEIRO LOBATO, s/d, s/p, Disponível em: <http://www.monteirolobato.sp.gov.br/paginas/portal/paginalInterna?id=1>).

7 ORTIZ, 1988, p. 700.

8 O comendador Francisco Alves Monteiro (1800-1874) casou-se com Theodora Joaquina de Moura (1807-1862) e teve seis filhos, sendo quatro homens e duas mulheres. Dentre os homens: José Rodolfo Monteiro [1818 (data de nascimento desconhecida estimada) -1889]; José Gabriel Monteiro [1818 (data de nascimento desconhecida estimada) -1866]; José Francisco Monteiro (1830-1911) e José Félix Monteiro (1838-1892). Dentre as mulheres: Maria Aureliana Monteiro [1818 (data de nascimento desconhecida estimada) - 1848] e Maria da Glória [1818 (data de nascimento desconhecida estimada) - 1866] (ORTIZ, 1988 e MORAES, 1997).

9 Francisco se refere aqui à José Francisco Monteiro, conhecido posteriormente como Visconde Tremembé. De acordo com Rosa (2002), ao mencionar sobre a família do escritor Monteiro Lobato, afirma que “o Visconde de Tremembé, José Francisco Monteiro, pai de sua mãe, teve dois filhos com outra mulher, a professora Anacleta Augusto do Amor Divino, a avó verdadeira e predileta do escritor” (ROSA, 2002, s/p).

10 Maria Belmira de França (conhecida posteriormente como Viscondessa de Tremembé) é esposa de José Francisco Monteiro (Visconde de Tremembé) e não teve filhos biológicos com o fazendeiro, Olímpia Augusta Monteiro (mãe do escritor José Bento Monteiro Lobato) é fruto de um relacionamento extraconjugal de José Francisco com a professora Anacleta Augusto do Amor Divino. Em algumas pesquisas consta que Olímpia teve dois irmãos José Francisco Monteiro Junior e Francisco Alves Monteiro Neto, porém, não foi possível confirmar e levantar informações até o momento a respeito dos dois (MORAES, 1997).

11 A respeito da nomenclatura “sede” para se referir à casa principal da fazenda era comum no sudeste brasileiro, diferente da denominação “casa grande” no nordeste brasileiro, conceito muito trabalhado por Gilberto Freyre (1969). Quem afirma essa acepção é Sérgio Buarque de Hollanda (2010), quando comenta que “todo o ‘complexo’ da cana de açúcar, elaborado nas Capitanias do Nordeste (ou talvez já na ilha da Madeira) reproduz-se em São Paulo. Se existe diferença é na nomenclatura: assim, ao nome de ‘casa-grande’ substitui-se aqui o de ‘sede’” (HOLLANDA, 2010, p. 51).

12 Toda a informação referente às posses de Francisco Alves Monteiro consta no inventário realizado em 1874, onde, por sua vez, consta também “grande quantidade de móveis e utensílios domésticos, 28815 kg de café com casca (...), grande quantidade de café já vendido e a receber, engenho de café (...) e diversos cafezais (perfazendo um total de cerca de trezentos mil pés, com um preço unitário variando de cem a duzentos réis o pé)” (ORTIZ, 1988, p. 699-700).

13 MARCONDES, 1998, p. 260.

14 “Em grandes propriedades produtoras que trabalhavam com a ‘plantation’ o controle era realizado pelos feitores por meio do medo e de muita violência, lançando mão dos castigos físicos, mas, em Taubaté se verificou o uso de uma dominação senhorial que ultrapassava as formas tradicionais de se controlar o escravo. O paternalismo foi uma forma de dominação social tentadora aos envolvidos, controladora de pensamentos e ações, provocou muitos danos às rela-

ções sociais entre negros e brancos, durante o século XIX, um modo de relação enganadora que colocava o senhor branco como um “bom” ser humano entre seus pares” (CHIGA, 2009, p. 35, grifo nosso).

15 MARCONDES, 1998, p. 259.

16 O comendador Francisco Alves Monteiro “se elegeu vereador por dois mandatos (1833-1837 e 1857-1861), participou da execução de diversas obras públicas, tais como a canalização de água para o chafariz municipal (em 1858), a abertura da travessa do Rosário (em 1857), a reconstrução e a manutenção do aterrado de Tremembé e da estrada de São Bento do Sapucaí” (ORTIZ, 1988, p. 700).

17 ORTIZ, 1988, p. 700. Observação: A citação foi interrompida para evitar anacronismo, pois Ortiz (1988) menciona a cidade de São Bento do Sapucaí como é conhecida atualmente, porém, na época de Pierre, a cidade ainda era vila de São Bento do Sapucaí Mirim. A reconstrução e manutenção da estrada de São Bento do Sapucaí, aconteceu, segundo o autor, de 1860 a 1868 (IDEM).

18 A atual cidade paulista de São Bento do Sapucaí, faz divisa com cidades do sul mineiro e, segundo o IBGE (2021), em 1832, a formação histórica administrativa da cidade consiste na criação do Distrito “com a denominação de São Bento do Sapucaí, pelo Decreto de 16-08-1832. Elevado à categoria de vila com denominação de São Bento do Sapucaí Mirim, pela Lei Provincial n.º 23, de 16-04-1858, desmembrada do município de Pindamonhangaba. Elevado à condição de cidade e sede do município com a denominação de São Bento do Sapucaí, pela Lei Provincial n.º 49, de 30-03-1876” (IBGE, 2021, s/p. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-bento-do-sapucaí/historico> Acesso: 16/06/2022).

19 ORTIZ, 1988, p. 48

20 ORTIZ, 1988, p. 48

21 ORTIZ, 1988, p. 49

22 A estrada em questão refere-se a uma variante, “que atravessava a calha do Paraíba pelo aterrado de Tremembé, ainda hoje existente e transformado em rodovia” (ORTIZ, 1988, p. 326), hoje, rodovia Floriano Rodrigues Pinheiro (SP-123).

23 “Uma variante de acesso a Piracuama era o caminho que saía de Tremembé e se encontrava com o que provinha de Pindamonhangaba, tendo sua diretriz sobre o aterrado de Tremembé e a estrada velha de Santo Antônio do Pinhal. As trilhas precárias à garganta de Piracuama já eram usadas desde a segunda metade do século XVII por sertanistas e pelos sesmeiros contemplados nas cercanias, porém sua transformação em caminhos somente aconteceu nos primeiros anos dos setecentos” (ORTIZ, 1988, p. 49).

24 ORTIZ, 1988, p. 50.

25 SIGNIFICADO MUCAMA: substantivo feminino. HIST. Brasil e na África portuguesa, escrava negra, ger. jovem, que ajudava nos serviços caseiros e acompanhava a dona da casa em passeios, podendo ser também ama de leite. Origem ETIM quimb. mukama ‘escrava concubina’ (OXFORD, online, s/p; Disponível em: encurtador.com.br/euvPY Acesso: 19/06/2022).

26 Joanna é o nome de uma das mulheres escravizadas que trabalhavam na fazenda do Comendador Francisco Alves Monteiro, como consta “no testamento do Sr. Francisco Alves Monteiro e de D. Theodora Joaquina de Moura, datado de 1857, [onde] os testadores deixam assegurada a “boa vontade” de vinte e dois escravos para com os herdeiros, conferindo-lhes a liberdade condicional, a qual só gozariam após a morte dos testadores aos quais deveriam tratar com “zelo,

amor, fidelidade e muitos préstimos nos seus serviços”, caso contrário a mencionada doação de liberdade perderia seu efeito com a negação de tais condições, ficando como sempre o foram, escravos (AZEVEDO (1987), op. cit., p.228, apud. CHIGA, 2009, p. 62). Segue citação do testamento em que menciona-se a existência de 8 mulheres e 14 homens em situação de escravidão com liberdade condicionada:“(…) Declararão mais os testadores que em sua terças tão bem dão liberdade condicional de vinte e dois escravos, cujos nomes são os seguintes = Marcelina de Nação = Joanna de Nação = Calisto, dito, marido da mesma = Jorge de Nação = Magdalena, dicta = Francisco, marceneiro = dito = Américo, marceneiro, dito = Ricardo carpinteiro, dito = Joãozinho, ferreiro, dito = Roque, dito = Manoel Canbinda = Francisca crioula, mulher do dito = Josepha de Nação = Jacinto de Nação = Thobias dito = Rufino, dito = benedicto Cadete, crioulo = Florinda crioula = João mulato = Benedicta crioula = Justina, dita = e Domingos, mingale; os quaes só poderão gozar a liberdade conferida depois de terem falecidos os testadores, aos quaes servirão com zello, amor e fidelidade e prestes em todo o sentido ao serviço que se lhe mandar fazer, e no caso de que os ditos escravos se afastarem dos preceitos e condições referidas, ficará a liberdade de nenhum effeito, e tidas e havidas como escravos que são e então ficarão sendo..” (Testamento nº 1, datado de 1857. Cartório do 2º Ofício – Livro de Registros de Testamentos – 1842-1844. Arquivo Histórico de Taubaté. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté – SP, apud. CHIGA, 2009, p.63, grifo nosso). Obs. Os nomes sublinhados serão utilizados como personagens neste capítulo da narrativa.

27 MARCONDES, 1998, p. 212.

28 MARCONDES, 1998, p. 212.

29 HOLLANDA, 2010, p. 84

30 Referente ao acontecimento narrado em questão, considera-se a seguinte citação de Hollanda (2010, p. 84), onde “Não escapa mesmo ao atilado observador [técnico holandês C. F. Van Delden Laerne] a rivalidade existente entre as duas zonas, e cita o caso de um fazendeiro do Oeste que, em sua presença, procurou desconcertar outro, do Vale do Paraíba, dizendo que na primeira zona um só arbusto dá três vezes mais café do que três da outra”. (HOLLANDA, 2010, p. 84). Ao relatar esse acontecimento, Hollanda (2010) afirma que a relação entre a zona cafeeira do Oeste paulista com o Vale do Paraíba paulista era conflitante, onde, por sua vez, era possível notar algumas diferenças. Segundo o autor, “a presença do imigrante, coincidente com o desenvolvimento de uma rede viária apta a aproveitar todas as suas potencialidades, era novidade no Brasil, e contrastava notavelmente com o sistema tradicional preservado no ‘Norte’ da província (IDEM, p. 86), em que o que mais distinguia “as fazendas do Oeste, era mesmo a presença atuante da mão de obra livre que, no último decênio da Monarquia, começa a fazer-se sentir ali cada vez mais, à medida em que, grandes levas de imigrantes, procedentes sobretudo do Norte da Itália, se vão distribuindo por uma zona que, exceção feita de Campinas, mal havia conhecido o trabalhador escravo” (IDEM, p. 85), onde, por sua vez, os fazendeiros do Vale do Paraíba insistiam no sistema escravista.

31 “‘A comparação’, observa, ‘é um tanto... paulista demais, embora o fazendeiro do Rio [lê-se aqui do Vale do Paraíba] guardasse silêncio, e deixasse, assim, mais ou menos ganha a partida para contendor” (HOLLANDA, 2010, p. 84).

32 “Nem todos os fazendeiros do Vale do Paraíba cediam tranquilos ao pessimismo ou ao fatalismo dos que, à maneira daquele lavrador da ‘zona do Rio’ referido por Van Delren Laerne, se davam por vencidos quando ouviam falar nas maravilhas e opulências do Oeste paulista”

(HOLLANDA, 2010, p. 86).

33 “Em 1855 a empresa Monteiro & Filhos criou duas colônias em regime de parceria” (SOTO, 2001, p. 51). Nesse sentido, o Sr. Monteiro e seus filhos já realizavam juntos a administração das fazendas produtoras.

34 MARCONDES, 1998, p. 260. Obs. Considera-se nesse trecho a uma memória de Maria Thereza Ramos Marcondes, “descendente direta de tradicional família de velha cepa taubateana (...) neta de Antônio Carlos Pereira de Alvarenga, o fundador da Fazenda ‘São Joaquim’, situada no bairro do Mato-Dentro do Macuco” (FLORENÇANO, P. C; 1976, in. MARCONDES, 1998, prefácio), na cidade de Taubaté. Nesse sentido, por considerar a memória coletiva como um fator importante para a compreensão socioespacial, tal citação é utilizada como parte da narrativa, mesmo que não se refira diretamente à Fazenda do Paraíso, onde se passa a história.

35 CHIGA, 2009, p.63.

36 “SAPATOS E ESCRAVIDÃO - No Brasil antigo – já que era considerado falta de respeito o escravo permanecer de pés calçados diante de pessoas tidas como superiores –, uma das caracterizações externas da condição escrava eram os pés descalços. Assim, os sapatos eram, para o negro, o símbolo de sua libertação e de seu nivelamento aos brancos. Tanto que, quando um escravo era alforriado, sua primeira preocupação era comprar um par de sapatos. Embora muitas vezes não aguentasse calçá-los, trazia-os sempre consigo e, em casa, os colocava em lugar de destaque, bem à vista. Um escravo de ganho podia, graças aos seus recursos, como mostram fotografias do século 19, andar bem trajado, de chapéu-coco, anel no dedo, relógio de bolso etc. Mas era obrigado a estar descalço, em atestado de sua condição servil” (LOPES, 2014, p. 176).

37 Segundo Cruz (2015, p. 16), “o Jongo é uma manifestação de origem afro-brasileira com a presença de cantos intitulados pontos, da dança em que os participantes fazem uma roda onde dançam um casal por vez. Eles dançam com movimentos sincronizados em que quase se tocam com o umbigo e a cintura e giram em sentido anti-horário. Há presença de instrumentos de percussão com destaque para os tambores que são conhecidos como tambus de grande importância para o acompanhamento dos pontos. Os mestres jongueiros são responsáveis por cantarem e lançarem os pontos de jongo que são respondidos em coro pelos participantes que fazem a roda para a dança”. A pesquisadora de danças populares, Monique Pereira (CANAL CURTAL, 2014) comenta que o jongo é “uma dança tradicional de origem afro do sudeste do Brasil”, que “se concentra com mais força no Vale do Paraíba, que é uma região além das divisas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais” (IDEM).

38 No regime de trabalho escravista, Soto (1995, p. 37) afirma que “o temor era peça chave” de um “importante mecanismo de controle” do fazendeiro sobre a vida dos cativos, que “coordenava exaustiva disciplina e vigilância”, inclusive em relação às “manifestações culturais, religiosas (limitadas à noite dos sábados), suas reuniões e movimentos” (IDEM).

39 INGUAIÁ: “Idiofone sacudido; chocalho; conhecido genericamente no Brasil pelo nome indígena maracá; a partir de um vocábulo raiz de Angola, nguaiá ou ngwaya, no sudeste brasileiro, alguns tipos de chocalhos de cabaça, fibra trançada ou metal, foram designados com guaiás, ou inguaiás, como, por exemplo, no jongo, no candomblé mineiro e no batuque de umbigada do interior paulista” (GALANTE, 2015, p. 102).

40 MARCONDES, 1998, p. 147.

41 CUÍÇA:

42 TAMBUR: O Tambur é um tipo de tambor de fricção. Segundo Galante (2015, p. 21), “os

instrumentos convencionalmente chamados de 'tambores de fricção', espalhados pelo mundo nas suas mais variadas formas, acompanham a história musical das culturas humanas há milênios", em um universo "extremamente amplo de sons e formas de instrumentos, destacam-se algumas partes da África Central-ocidental e Centro-oriental, de matriz Bantu, e algumas das áreas a elas historicamente filiadas na diáspora africana, como as únicas regiões do mundo onde se encontra o desenvolvimento dos tambores de fricção de haste interna" (IDEM, p. 21). Tambu é uma variação das formas de se referir ao tambor de fricção na Itália, tais como "'tamburo di frizione', 'tamburo a sfregamento', 'putiputi', 'buttibu', 'ruggio di Leone', 'ruggito', 'muggio di Leone' ou 'caccavella'" (FRUNGILLO, 2003, p. 362, apud. GALANTE, 2015, p. 21). De acordo com o depoimento do jongueiro Jéferson Alves de Oliveira, concedido para a pesquisa de Cruz (2015), "o tambú no jongo é uma coisa que nós adoramos, como se fosse assim, um orixá, porque naquela época, os negros, eles respeitavam muito os tambores e a gente vem pegando esse sistema dos próprios pretos velhos, porque nós também praticamos a espiritualidade, então a gente aprende que o tambor é um elemento, é um instrumento que tem que ser respeitado, por isso que a gente tem um respeito muito grande com os tambores, porque os negros nos ensinaram que o tambor, ele faz parte da linguagem, que o tambor para com os espíritos, a batida é a palavra que eles entendem, do tambor que sai do couro para que os orixás entendam o que está se passando ali naquele ambiente, então na batida do couro que faz com que o orixá dance, faz com que o filho está dançando ali na roda de jongo, então o tambor é um instrumento realmente de respeito" (CRUZ, 2015, p. 52-53).

43 CANDONGUEIRO: "O jongo da Tamandaré possui três tambores tradicionais, os tambus que fazem parte das rodas de jongo durante os festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro. Esses tambores são conhecidos como tambu grande, tambu e candongueiro. Esses tambus são batizados e recebem o nome de 'Minha Mãe Só' (tambu grande), 'Caboclo Grande' (tambu) e 'Criança' (o candongueiro) que representa o tambor menor" (CRUZ, 2015, p. 56). Percebe-se com o relato de memória de Marcondes (1998), citado no corpo da narrativa, que as nomenclaturas do jongo em Taubaté são parecidas com o praticado até hoje em Tamandaré, como mencionado por Cruz (2015), por isso, acredita-se que tais conceitos podem contribuir no contexto social desta prática em fins do século XIX na região do Vale do Paraíba paulista.

44 MARCONDES, 1998, p. 147.

45 MARCONDES, 1998, p. 147.

46 MARCONDES, 1998, p. 147.

47 De acordo com Pereira (CANAL CURTA!, 2014, s/p), a nação bantu, característica da região do Vale do Paraíba, "foi mais direcionada para trabalhos em fazenda, com essa relação de senhor, casa grande, senzala e essa cultura toda rural (...). Essa dança, ela se dá em roda onde ela geralmente é aberta pelo mais idoso ou por aquele que é o mestre do grupo na ocasião e, ele tira geralmente a pessoa mais idosa também, que é um casal referência para aquele grupo para dar início aos trabalhos da roda. O jongo também é uma cultura de umbigada, esse nome vem de um movimento muito característico da dança; é onde o casal que está no centro da roda se encontra e se separa de forma contínua e repetidas vezes. Quem permanece na roda geralmente segura, o que se chama, segurar na palma da mão, enquanto o casal do centro baila o jongo, e os mestres cantam os pontos (CANAL CURTA!, 2014, s/p).

48 MARCONDES, 1998, p. 147.

49 Marcondes (1995, p. 147), menciona que "quando já estavam cansados, alguém gritava

'cachoeira' ... e todos paravam'. Sabendo que tal relato se refere à uma memória de infância da autora, percebe-se um desconhecimento quanto à comunicação, no sentido de indicar a necessidade de encerrar a manifestação cultural. É importante mencionar, que segundo Soto (1995, p. 52), "em 1879, nova postura proibiu os divertimentos 'jongos ou tambaque', estipulando multas aos donos das casas onde se realizassem e a obrigação para os inspetores de bairros de tornarem efetivas as disposições. Nos anos seguintes, esta postura foi repetida (Posturas Municipais, 1883). Além de tentar evitar reuniões, esta proibição dirigia-se contra um forte símbolo da identidade escrava e um dos escassos canais para expressar descontentamento. O recrudescimento da repressão, tornando suspeito praticamente qualquer escravo, dobrava o descontentamento e as possibilidades de novas respostas" (SOTO, 1995, p. 52).

50 MARCONDES, 1998, p. 32.

51 MARCONDES, 1998, p. 32.

52 MARCONDES, 1998, p. 32.

53 MARCONDES, 1998, p. 32.

54 MARCONDES, 1998, p. 33.

55 MARCONDES, 1998, p. 33.

56 De acordo com Chiga (2009), "no Brasil, durante o período do Império, a prática da manutenção dos plantéis partia do controle realizado pelos feitores e por um senhor que residia, na maioria dos casos, na fazenda. A violência dos castigos era para acalmar o escravo insubordinado e dar exemplo aos demais, numa demonstração de força e poder do senhor. Os senhores mesmo em posição de conforto na sociedade necessitavam de artimanhas para garantir a boa perpetuação do sistema escravista, existiam problemas nas relações cotidianas para se manter um escravo, caso contrário não utilizariam das alforrias condicionais, da ingratidão e dos castigos" (CHIGA, 2009, p. 39). Na América portuguesa, onde "o número de escravos era maior que o de brancos (...), o medo da insurreição era maior do que o possível humanismo dos senhores" (IDEM, p. 40). No caso de Taubaté, que se baseava em uma cultura patriarcal, pode-se dizer que há casos em que "os senhores lidavam com as transgressões de seus escravos de modo particular" (IDEM), como por exemplo nos "processos criminais que envolvessem qualquer um de seus escravos, com penas que prejudicassem sua propriedade, o senhor usava de seu poder tradicional para corrigir e controlar seus cativos, aplicando castigos mais leves para não 'danificar' ou perder algum escravo" (IDEM), ou seja, mesmo com uma política que tentava estabelecer certo vínculo afetivo com o trabalhador escravizado, não se abriam mão de punições e medidas agressivas com eles.

57 José Francisco Monteiro recebeu o título de Barão de Tremembé por decreto emitido no dia 30 de maio de 1867. No dia 07 de maio de 1887, ele recebeu o título de Visconde de Tremembé.

Referências Bibliográficas- TOMO 2

ACERVO, Museu Monteiro Lobato, Carta de Maria Belmira 1865 para José Francisco Monteiro, IEL, Unicamp. Disponível em: <https://taubate.sp.gov.br/museumonteirolobato/acervo/documentos/carta-de-maria-belmira-de-franca-a-jose-francisco-monteiro/> Acesso: 16/06/2022.

ACERVO, Museu Monteiro Lobato, Carta de Olímpia 1882 para sua mãe Anacleto do Amor Divino, IEL, Unicamp, Disponível em: <https://taubate.sp.gov.br/museumonteirolobato/acervo/documentos/carta-de-olympia-augusto-monteiro-lobato-a-anacleto-do-amor-divino/> Acesso: 16/06/2022.

BAUDELAIRE, Charles. As Flores do Mal. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. Tradução Sílvia Mazza. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 3ª ed. Obras escolhidas Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1994.b.

BENJAMIN, Walter. Parigi capitale del XIX secolo. Seleção, organização e tradução: Flávio R. Kothe. Torino, Einaudi, 1986.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. A moradia da população pobre em Santos no fim do século XIX: imprensa e conflitos na cidade. In: Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 22, Santos, 2014. Anais eletrônicos. São Paulo: ANPUH-SP, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1399819427_ARQUIVO_BLUME.LHS_AmoradiadapopulacaopobreemSantosnofimdoseculoXIX_imprensaeconflitosnacidade.pdf. Acesso em 23 nov. 2016

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Tradução de Diogo Mainard, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CAMPELLO, Mauro José. A lógica que se esconde na portaria 'toque de recolher' baixada pelo estado-juiz. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais, v.5, n.1, 2012. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.18227/1983-9065ex.v5i1.1447>. Acesso em fevereiro de 2022.

CANAL CURTA!, Curta! Danças regionais – Jongo – Monique Pereira, YouTube, 2014, Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=T7yuMyf-bno> Acesso: 16/06/2022

CHIGA, Maurício Valtsman. Senhores e escravos: tensões do paternalismo em Taubaté (1840-1870). Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo - SP, 2009.

CONTE, Claudio Quoos. Frontões curvos – um tipo de frontão em igrejas do litoral brasileiro. Revista Patrimônio: Lazer & Turismo. Unisantos, Ensaio 1, Santos, 2008.

COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999

CRUZ, Luiz Paulo Alves, O jongo e o Moçambique no Vale do Paraíba (1988-2014): cultura, práticas e representações. Dissertação de Mestrado, História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2015.

DEBRET, Jean Baptist. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1989.

DENIS NETTO, Joao Baptista. Pelas ruas da cidade. Jacareí: Edições Semanário, 1996.

DIAS, Nelson Santos. 50 anos de posturas em Santos códigos de 1847 a 1897. Santos: Fundação arquivo e memória de Santos. 2010.

DIGA SAMBA, O Jongo na Serrinha, Documentário, YouTube, 2014, Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=pLO6KWgmPB0> Acesso: 16/06/2022

ECO, Umberto. O cemitério de Praga. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. 2ª edição. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2011.

ENGLUND, Steven. Napoleão uma biografia política. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2005.

FRIAS JUNIOR, SILVA, Carlos Alberto da. A saúde do trabalhador no Maranhão: uma visão atual e proposta de atuação. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1999, p. 135.

GALANTE, Rafael Benvindo Figueiredo, Da cupópia da cuíca: a diáspora dos tambores centro-africanos de fricção e a formação das musicalidades do Atlântico Negro (sécs. XIX e XX). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2015.

HOBBSAWN, Eric. A era das revoluções: 1789-1848. Editora Paz e Terra, 2015.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Sergio Buarque. Vale do paraíba: velhas fazendas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

HOLLOWAY, Thomas H. Vida e morte do Convênio de Taubaté: a primeira valorização do café. Tradução de Marcio Doctors. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MALLALIEU, Huon. História ilustrada das antiguidades. São Paulo: Nobel, 1999.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. Tradução de Nélcio Schneider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MELLO, Gisele Homem. A modernização de Santos no século XIX: mudanças espaciais e da sociabilidade urbana no centro velho. Cadernos CERU, (18), 107-131. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-45192007000100007>. Acessado em fevereiro de 2022.

MENEZES, Marcos Antônio. Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX: História e Literatura em Baudelaire. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2004.

MARCONDES, Maria Thereza Ramos. Tempo e memória. 2ª edição, Taubaté: Prefeitura de Taubaté, 1998.

MARCONDES, Maria Thereza Ramos. Tempo e Memória. 2ª edição, Coleção Taubateana nº 5, Imprensa Oficial, Prefeitura de Taubaté, Taubaté – SP, 1998.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê. O Jeca e a Cozinha: raça e racismo em Monteiro Lobato. Revista de Sociologia e Política nº 8, 1997. Repositório Digital Institucional UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39322/24141> Acesso 15/06/2022.

ORTIZ, José Bernardo. São Francisco das Chagas de Taubaté. Livro 2º Taubaté Colonial. Coleção Taubateana nº 10, Imprensa Oficial, Prefeitura de Taubaté, 1988.

ORTIZ, Renato. Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. Tempo Social, vol. 12, nº 1, São Paulo, 2000.

PANERAI, Philippe. Formas Urbanas: A dissolução da quadra. Porto Alegre: Bookman, 2013. 226 p.

PAPALI, Maria Aparecida Chaves Ribeiro. Escravos, Libertos e Órfãos: A Construção da Liberdade em Taubaté (1871 – 1895). São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

PAPALI, Maria Aparecida; ZANETTI, Valéria Regina. Escravidão e Pós-Abolição no Vale do Paraíba Paulista. São Paulo: Intermeios: 2022.

PENTEADO JÚNIOR, Wilson Rogério, Jongueiros do Tamandaré: um estudo antropológico da prática do Jongo no Vale do Paraíba Paulista (Guaratinguetá-SP). Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2004.

PEVSNER, Nikolaus. Os pioneiros do desenho moderno de William Morris a Walter Gropius. Tradução de João Paulo Moneiro. Martins Fontes, São Paulo, 1995. Capítulo 5.

ROSA, João Maurício. Depois da 1ª calça comprida A trajetória de Lobato, que quando ga-

roto foi reprovado em português, matéria na qual se tornaria mestre. Coluna Nosso Lobato, Jornal da Unicamp, Campinas – SP, 2002. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/abril2002/unihoje_ju173lobato_pag07.html Acesso 15/06/2022.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX. São Paulo: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1, 2005.

SOTO, Maria Cristina Martinez. Pobreza e Conflito Taubaté (1860-1935). 1ª edição, São Paulo: Annablume, 2001. Capítulo 1. 1860-1890 – O café: a trajetória de um sistema, p.23-78.

SOTO, Maria Cristina Martinez, Pobreza e Conflito em Taubaté: 1860 – 1935, Tese de Doutorado, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras de Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 1995.

TOLEDO, Francisco Sodero. Taubaté como palco, o Vale do Paraíba como cenário. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, G&DR, v. 4, n. 3 (número especial), p. 118-137, Taubaté, SP: 2008. Disponível em: <https://www.rbgdr.com.br/revista/index.php/rbgdr/article/view/157/128> Acesso 15/06/2022.

ZALUAR, Augusto Emílio. Peregrinação pela província de São Paulo (1860- 1861). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975

ZANETTI, Valéria. Calabouço Urbano – Escravos e Libertos em Porto Alegre (1840-1860). Porto Alegre: PUCRS, 1994.